

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MEMORIAL DESCRITIVO

IDENTIFICAÇÃO DOCENTE:

Nome: VICTOR ISRAEL GENTILLI

Departamento/Centro: COMUNICAÇÃO SOCIAL

Identificação Única: 295573

Área (Cnpq): Ciências Sociais Aplicadas/ Área: Comunicação Social

Subárea (Cnpq): História do Brasil

Regime De Trabalho Atual: DE

Situação Atual Na Carreira: D - Associado IV

Data Da Última Progressão: 20/12/2017

Progressão Pretendida: Classe E (Professor Titular)

Acesso ao Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1211108089835283>

Vitória – ES

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MEMORIAL DESCRITIVO

Memorial de Carreira do Magistério Superior, apresentado ao Centro de Artes para fins de promoção para a Classe E (Professor Titular), nos termos da Lei nº 12.772/2012 e da Resolução nº. 52/2017 do Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo.

Vitória – ES
2020

*Erros meus, má fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram;
(... ...)
Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas que passaram,
(... ...)
Errei todo o discurso de meus anos*

Luís de Camões

In memoriam:

Alberto Dines

Ana Carolina de Angeli Sabino

Arlindo Castro

Audálio Dantas

Audi Corradi Tristão

Carlos Eduardo Zanatta

Carlos Alberto Moreira Tourinho

Edison Miguel

Emir Macedo Nogueira

Mario Wendel Abramo

William Rangel Bandeira

Sumário

1. INTRODUÇÃO
 - 1.1. Trajetória anterior ao ingresso como docente na UFES
 - 1.2. Minha trajetória na UFES
2. FORMAÇÃO
 - 2.1. Graduação e Pós-graduação
 - 2.2. Formação complementar
3. IDIOMAS
4. PREMIAÇÕES ACADÊMICAS
 - 4.1. Prêmios
5. EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA UNIVERSIDADE
 - 5.1. Ensino de graduação (no interstício de 2018-1 a 2019-2)
6. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO
 - 6.1. Dissertações de Mestrado: Orientações e supervisões
 - 6.1.1. Orientações e supervisões em andamento
 - 6.1.2. Orientações e supervisões concluídas
 - 6.2. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação
 - 6.3. Projetos de Iniciação Científica
 - 6.4. Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização
7. ATIVIDADES DE PESQUISA E EXTENSÃO
 - 7.1. Projetos de Pesquisa
 - 7.2. Projetos de Extensão
8. PRODUÇÃO INTELECTUAL – BIBLIOGRÁFICA E TÉCNICA
 - 8.1. Produção Bibliográfica
 - 8.1.1. Artigos completos publicados em periódicos
 - 8.1.2. Livros publicados/organizados ou edições
 - 8.1.3. Capítulos de livros publicados
 - 8.1.4. Textos em jornais de notícias/revistas
 - 8.1.5. Trabalhos completos publicados em anais de congressos
 - 8.1.6. Resumos publicados em anais de congressos
 - 8.1.7. Resumos expandidos publicados em anais de congressos

- 8.1.8. Apresentações de Trabalho
- 8.1.9. Outras produções bibliográficas
- 8.2. Produção Técnica
 - 8.2.1. Trabalhos Técnicos
 - 8.2.2. Entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia
 - 8.2.3. Demais tipos de produção técnica
- 9. PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS E EVENTOS SIMILARES
 - 9.1. Participação em eventos, congressos, exposições e feiras
 - 9.2. Organização de eventos, congressos, exposições e feiras
- 10. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E REPRESENTAÇÃO ACADÊMICA
 - 10.1. Exercício de Cargos e Funções
- 11. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS
 - 11.1. Participação em bancas de trabalhos de conclusão
 - 11.1.1. Mestrado
 - 11.1.2. Teses de Doutorado
 - 11.1.3. Qualificações de Mestrado
 - 11.1.4. Trabalhos de conclusão de curso de graduação
 - 11.1.5. Monografias de cursos de aperfeiçoamento/especialização
 - 11.2. Participação em bancas de comissões julgadoras
 - 11.2.1. Concurso público
 - 11.2.2. Outras participações

1. INTRODUÇÃO

1.1. Trajetória anterior ao ingresso como docente na UFES

Escrever sobre mim? Enorme constrangimento. Não creio tenha produzido nenhum grande feito nesta vida. Nunca gostei de exposições; vivi uma vidinha discreta e, que me recorde, nunca tive interesse em me destacar. Aqui ou ali – vou tentar lembrar estes momentos – posso ter alcançado algo que mereça uma lembrança – mero registro - sem pejo do rigor. Esta etapa da carreira onde há a necessidade de um memorial parece boa oportunidade para tratar de fatos passados vistos com um olhar mais amadurecido, mais reflexivo, menos apaixonado. A lógica de realizar um memorial, assim, pode fazer sentido.

Se para subir um último degrauzinho é preciso produzir um memorial, espero não desapontar ao refletir sobre as décadas vividas. A oportunidade de avaliar estas últimas décadas pode permitir fornecer elementos que ajudem a compreender como elas teriam se passado.

Desde que fui alfabetizado, li jornais impressos diários regularmente. Meu pai comprava O Estado de S. Paulo e, ao retornar do trabalho ao fim do dia, ele se debruçava no que ainda não havia lido e eu me apossava do exemplar quando disponível. O Estadão, naqueles primeiros anos da década de 1960 – e ainda hoje -, não era atrativo para uma criança. Mas queria entender as razões que motivavam meu pai a dedicar momentos do seu dia para isso. Eu lia os títulos, olhava as fotografias e, como agulha no palheiro, procurava encontrar textos que me atraíssem.

Na minha casa tinha livros. Uma coleção completa em capa dura de Monteiro Lobato e outros livros infantis e infanto-juvenis. Não li tudo, mas um bom bocado.

Era fascinante ver chegar todo mês um vendedor de livros, carregando uma pasta enorme e pesadíssima com os novos lançamentos. Abria a pasta, colocava os lançamentos do mês em cima da mesa, dava mais detalhes de um ou outro e meus

pais compravam um ou dois livros, por vezes nenhum. Tínhamos dificuldades financeiras.

Comecei a ir para a escola com três ou quatro anos. Era o pré-primário. Frequentava uma escola progressista da comunidade judaica de São Paulo, chamada Sholem Aleichem (pronuncia-se xolem aleirrem). Ficava bem perto de casa, no Bom Retiro, o bairro dos judeus de São Paulo. O prédio que ficou conhecido como Casa do Povo foi inaugurado em 1953 e mais tarde acolheu o teatro que viria a ser conhecido com TAIB (Teatro de Arte Israelita-brasileiro). Foi um esforço bonito dos judeus comunistas ao final da guerra. (E há um esforço bonito hoje de fazê-la novamente uma Casa do Povo).

Havia muitas escolas judaicas em São Paulo. Mas o Sholem Aleichem era a única que ensinava o iídiche (língua que os judeus criaram durante a Diáspora), todas as demais ensinavam o hebraico (língua que foi tornada oficial em Israel, fazendo do iídiche hoje uma língua morta). Não aprendi iídiche.

Mas havia raízes, que mais tarde identificaria. Isaac Bashevis Singer é um autor que escreve em iídiche e ganhou o Nobel de Literatura em 1978. Fui descobri-lo maduro, penso que já no século XXI. Li e gostei de vários romances dele, pela qualidade da escrita e pelas histórias dos judeus do lado oriental da Europa, especialmente aqueles mais pobres que viviam em *shtetls* – pequenas vilas na Europa oriental de população predominantemente judaica. Dois outros autores com quem tive forte identificação foram Primo Levi e Italo Svevo. Ambos judeus italianos. Levi sobreviveu a Auschwitz, campo de concentração onde perdi meu avô paterno. Svevo era de Trieste, a mesma cidade onde meu pai nasceu em 1911, e quase contemporâneo deste.

A propósito, vale anotar dois filmes que também registram identidades e raízes. A vida é bela, de Roberto Benigni e O violinista no telhado, baseado na obra de Singer. O primeiro, a história de meu pai, o segundo da minha mãe.

Com dez anos, meus pais optaram por me matricular num curso preparatório para o ginásio. Ao contrário dos professores do primário, realizado numa escola progressista, a professora da chamada 5ª série (como chamavam os cursos preparatórios para os exames de admissão ao ginásio), era uma professora conservadora, tradicionalíssima, autoritária, conhecida como dona Albina.

De quando em quando ela pedia para que seleccionássemos notícias de jornal e apontássemos erros. E repetia que jornal era o ideal para este tipo de exercício. Eu gostava desta lição de casa. Não encontrava erros em livros e eram menos frequentes no Estadão que meu pai lia .

Naqueles tempos, São Paulo oferecia pelo menos uma dúzia de títulos de jornais diários impressos. De memória: o Estado, a Folha (que também publicava a Folha da Tarde), o Diário de São Paulo (que também editava o Diário da Noite), o Diário Popular, a Gazeta, a Gazeta Esportiva, Última Hora, Notícias Populares. Um pequeno jornal chamado O Dia, cujas oficinas ficavam quase em frente da escola do Bom Retiro. Ainda menino, certa vez entrei para conhecer aquelas máquinas, para mim, mágicas.

Tenho presente a memória de jornaleiros que estendiam varais imensos ao redor de sua banca e espaços próximos e neles penduravam as enormes páginas dos jornais onde as pessoas se acotovelavam para ler. Uma cena paulista da minha memória.

A quinta série era para me capacitar a ser aprovado no exame de admissão de uma das melhores escolas de São Paulo. Deu certo. Passei no exame de admissão e ingressei, com onze anos de idade, no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Era preciso respirar fundo antes de pronunciar o nome completo. Nome pomposo. Era um colégio público, mas não vinculado diretamente à Secretaria de Educação, mas à Universidade de São Paulo.

A disputa era por 64 vagas para montar duas turmas com 32 alunos cada. Um número que permitia organizar oito grupos de quatro alunos cada, para trabalhos em equipe. Tudo muito bem planejado. Era um exame difícilíssimo, uma das duas seleções para ginásio mais disputadas de São Paulo. Meu nome ficou lá no final da lista.

O Colégio de Aplicação era um colégio inovador, progressista, aberto. Os tempos eram difíceis, mas me recordo e me marcou profundamente – para sempre – o modo como eram valorizados o raciocínio, o pensamento crítico, a dúvida, a saudável contraposição de ideias e pontos de vista. Naquela experiência, impregnou-se uma noção de que crítica – toda crítica - é sempre boa, é sempre importante e é com ela que conseguimos aprender, melhorar e evoluir.

E que é importante criticar frente a frente, Olho no olho do criticado. A crítica nas costas, sem que o criticado tome conhecimento, não só é moralmente condenável como inútil. Não é crítica. É intriga, fofoca, não leva a lugar algum. Nunca deixei de pensar a partir desta referência forte, aliás, um postulado fundamental para que a ciência e a pesquisa caminhem.

Sabemos que as relações sociais brasileiras não operam assim. Seja pelo conceito de cordialidade – incompreendido por muitos - apresentado por Sergio Buarque de Holanda como também para a força da lealdade, marca comunitária em contraposição àquela sociedade, para usar a dualidade de Tönnies.

Sinto-me estranho em locais onde a crítica é vista como ofensa. Nunca vi assim. Não estou a bazofiar, mas a constatar que esta realidade vai se naturalizando e produzindo um clima de louvação dos amigos e silêncio – nas boas alternativas - para os inimigos.

A força dos interesses, pessoais, de corporações ou grupos, desde sempre foram mais fortes que as ideias de opinião. Raros os momentos da história em que opiniões contagiaram multidões.

Em outubro 1967, numa decisão que surpreendeu os alunos, houve uma troca na direção da escola. O professor Clóvis da Silva Bojikian foi afastado e uma outra professora foi indicada para a direção da escola. Os estudantes fizeram uma greve; exigiam a volta do diretor demitido. Eu mal completara 13 anos em setembro e já em outubro me envolvia na minha primeira greve.

A cobertura do Estadão era muito fraca, quase zero. Durante a greve, comprava jornais em banca para ver nosso movimento noticiado. Por vezes, lia a Última Hora; lia mesmo era a edição da tarde da Folha de S. Paulo, que tinha uma redação liderada por Frei Betto e tantos outros bons profissionais. A Folha – sua edição da tarde em especial - mantinha cobertura quase diária, e muito densa e completa.

Certo dia, houve uma assembleia na frente da escola. As primeiras assembleias eram no salão nobre da escola, equivalente a um mini auditório, que

lotava. Naquele dia, proibiram-nos de ingressar na escola. Fizemos a assembleia na calçada e numa extensão dela, posto que a construção da escola tinha um recuo de mais ou menos de três metros. Aquela assembleia na porta da escola em certo momento foi cercada pela polícia e não nos restou alternativa senão entrar na escola. Não era uma ação intencional, decorreu sobretudo da ação da polícia. A partir daí as lideranças propuseram uma ocupação, proposta aceita. Foi muito bem organizada, com setores de alimentação, limpeza, segurança, infraestrutura (afinal, dormíamos lá, precisávamos de colchões ou colchonetes). Claro, um grupo responsável pela cultura. Este grupo organizou peças de teatro, montou sketches, mas sobretudo, mantinham todos com informações e sempre música.

A ocupação acabou de forma violenta com a polícia agredindo alunos, pais e professores. Dois dias antes, ao lado de um bom amigo, o Milton, dei uma entrevista falando de minha participação na ocupação. A matéria saiu com destaque no dia seguinte, assinada por Celso Ming e outro colega. Tenho imagens desta página e da página onde a invasão da polícia foi a manchete da Folha. A imprensa era nossa aliada. Na edição da tarde da Folha foi manchete: Polícia agride pais, professores e estudantes.

No ano seguinte, agora já 1968, mais uma greve, desta vez mais ampla, envolveu várias escolas secundaristas de São Paulo. E o Colégio de Aplicação tomou a frente do movimento, que chegou a parar algumas escolas secundaristas em São Paulo. Igualmente bem noticiada.

Tinha muito prazer em usar o dinheiro contado que recebia dos meus pais para deixar de comprar algum doce ou outra bobagem e preferir um jornal. Revistas eram caras. Realidade, lançada em 1966 me fascinava, mas o dinheiro não dava. Andava com frequência em ônibus lotados, mas as recordações eram fortes de leitura dos jornais neles. Possivelmente, quando coincidia um horário melhor com possibilidades de se sentar, a compra de jornais era intensa.

Mas líamos livros que jovens da mesma idade não liam. No ano de 1966, foi Cazuza, de Viriato Corrêa, este, o único infanto-juvenil. Como leituras obrigatórias do curso, lembro de Vidas Secas de Graciliano Ramos, Amor de Perdição de Camilo

Castello Branco e Vila dos Confins de Mario Palmério. Livros que nos desafiavam. Como se dizia na época, era uma “escola puxada”.

História da Civilização Ocidental, de Edward McNall Burns foi nosso livro de referência em História. Um livro denso, encadernado em dois volumes de capa dura e uma caixa, impresso em papel couchê de qualidade. Recordo-me que fiquei fascinado com os egípcios, os mesopotâmicos e os hebreus na história antiga. Na terceira série (sétima do ensino fundamental) estudamos a Revolução Francesa.

Elias Esaú, nosso professor de História precisa ser lembrado com nome e sobrenome. Completou 80 anos em 29 de fevereiro deste ano de 2020. (A partir do momento em que a internet foi se disseminando, fomos conseguindo localizar e participo hoje de uma lista com meus colegas de ginásio e colégio e temos quase 60 nesta lista, inclusive professores. Fazemos encontros regulares e, neles, vários professores participam.) Há um afeto que não se encerra.

Em algum momento de 1971 fui recrutado por um amigo para ingressar no Partido Comunista Brasileiro. Recebi documentos do partido, da ALN e da VAR Palmares. Era uma militância de alguma ação – por vezes além dos limites da época - e muita formação, basicamente em grupos de estudo muito disciplinados. Aqui, vale destacar a formação.

O primeiro livro que lemos foi História da Riqueza do Homem, de Leo Huberman, depois lemos Marx (O Manifesto, Salário, Preço e Lucro e outros livretos menos densos), um pouquinho de Lenin e também, importante, História do Brasil. Líamos Nelson Werneck Sodré e Caio Prado Jr porque entendíamos fundamental conhecer não apenas a teoria marxista, como também a realidade brasileira. Com a simplificação do nosso raciocínio, acertávamos: sem conhecer a História, não poderíamos mudar a realidade.

Tivemos vários “assistentes de base”, mas certamente o mais marcante foi José Montenegro de Lima, que viria a ser um dos últimos desaparecidos políticos. Foi capturado a 29 de setembro de 1975.

Esta militância tinha vida legal e vida clandestina (basicamente nas reuniões partidárias e nos encontros com militantes clandestinos). Mas participava basicamente do movimento estudantil secundarista e de grupos de teatro. Em

ambos, vale destacar o amigo Mario Abramo. Em 1973, ele foi o presidente do Centro Cívico (nome que a ditadura impôs ao grêmio) e eu fui vice na mesma chapa. Sucediámos uma diretoria cujo presidente fora Edison Miguel, outro grande amigo.

Mario Abramo era filho de Perseu Abramo. Naqueles anos duros, convivi com militantes do PCB, mas também com muitos da família Abramo e tantos outros. De muitos, perdi os contatos. Posso dar meu testemunho que Claudio Abramo, irmão de Perseu, não errou ao afirmar que vinha de uma família de revolucionários, humanistas, autodidatas. Mario foi meu grande amigo nos anos de 1971 a 1973. O nome dele foi acrescentado no In memoriam deste texto quando estas garatujas estavam praticamente concluídas. Escrevi no Facebook sobre ele no dia 11 de julho. Entendo não ser difícil localizar.

Marcantes naquele ano de 1973 o episódio narrado por Caio Túlio Costa no livro *Cale-se*. A morte de Alexandre Vannuchi Leme, presidente do centro acadêmico da Geografia resultou num movimento incrível, com uma missa na Catedral da Praça da Sé celebrada por Dom Paulo Evaristo Arns, com Sergio Ricardo tocando Calabouço e dias depois, um espetáculo incrível de Gilberto Gil na Escola Politécnica da USP. Claro que estava lá, e muito perto. Fui com Mario Abramo. E o áudio foi preservado por iniciativa de Laís Abramo, irmã mais velha de Mario, já estudante da USP, que cuidou de gravar num imenso gravador de rolo e preservou a gravação, muito mais tarde digitalizada. Foi a primeira vez que Gil cantou Cálice em público. Recomendo vivamente o livro de Caio Túlio Costa que conta em detalhes esta história. Também o áudio da apresentação de Gilberto Gil na Poli, disponível no YouTube.

Uma iniciativa legal que me encantou foi o lançamento do jornal alternativo *Opinião*. Elegante, bonito, bem diagramado, bem paginado, com a reprodução de textos do *Le Monde*. Claramente de oposição. Li regularmente e guardei cuidadosamente todos os exemplares de *Opinião*, lançado em 1972 e terminado em 1977. Como gostaria de desenvolver aqui e escrever como foram importantes estas leituras na minha formação. Doei minha coleção completa para a Biblioteca Central da Ufes onde se encontra bem encadernado e preservado. Doei também muitos exemplares do *Pasquim*, a coleção quase completa de *Movimento*, que foi lançado

em 1975. Quase completa porque em algum momento deixei de acompanhar, mas já no ano de 1980. Mas os anos fundamentais estão lá, como tantos outros exemplares. Quando soube que doaria, um amigo, Sergio Azevedo Fonseca, me passou um volume imenso de exemplares do *Pasquim* que tinha com ele. Carreguei de São Paulo com gosto aquele peso. E muitos outros jornais alternativos, como Coojornal, Ex, O repórter, o capixaba Posição. Todos estão lá, encadernados e bem cuidados na seção de coleções especiais da BC. Gosto de ir lá.

Guardei e colecionei todos os exemplares de Opinião e Movimento, mas antes já ficara fascinado com a revista Realidade, lançada em 1966, Veja, lançada em 1968 e, claro O Pasquim, que nasceu em meados de 1969 e tantas outras iniciativas jornalísticas. É um fascínio interminável. A década de 1970 teve inúmeros jornais alternativos e vários deles estavam igualmente doados.

Por alguns meses, possivelmente em 1973, circulou de forma semilegal um trabalho dos jornalistas comunistas Jairo Régis, Milton Coelho da Graça entre outros. Estes dois, sei com certeza que eram fundamentais. Chamava-se *Notícias Censuradas*. Coisa simples, mimeografada. Periodicidade que me lembre irregular. Semilegal porque era feita clandestinamente por jornalistas do PCB, mas podia ser distribuído mais fartamente, com as devidas cautelas de não ser caguetado ou dedurado. (Olha a cultura da lealdade!)

Lia, claro, a *Voz Operária*, jornal oficial do clandestino Partido Comunista Brasileiro, com edições regulares mensais, que circulou de 1965 a 1975, quando em janeiro caíram as gráficas (cinematográficas, daria um filme incrível). Três outras edições, muito mais simples – mimeografadas, mas produzidas com muito esmero - foram feitas, por José Montenegro de Lima e Orlando Bonfim. Tenho estes exemplares em imagens escaneadas. Foram produzidas com a faca nos dentes.

Enfim, o chamado partidão ajudou mais ainda a alimentar minha compulsão por jornais impressos. Não sei se de fato me tornei um comunista em 1971, quando entrei no partido. Mas ele certamente ajudou a forjar o jornalista que havia em mim.

Foi em 1972 que mudei o turno do colegial para o noturno para trabalhar e ajudar em casa. Perdera meu pai em 1969, nos meus 14 anos, o que mudou minha vida, da minha mãe e de minha irmã, mais velha (tinha 18 anos). No departamento

de Estatística, primeiro emprego em que permaneci um período mais expressivo, batia o ponto às 7h, tinha uma hora de almoço e saía às 16h. As aulas noturnas no colegial, eram de 19h às 23h. Isso no período do colegial, que fiz boa parte do colegial à noite e militava no movimento estudantil. Fazia reuniões, fazia política estudantil, estudava neste espaço entre 16h e 19h. E dormia pouco, claro. Isso durou três anos, de 1972 a 1974.

O Departamento de Estatística era vinculado à Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo. Comecei em data incerta no final 1972 ou início de 1973, sai no final de 1974 ou início de 1975. Foram cerca de dois anos. Era uma sala ampla, talvez um andar inteiro de um prédio na av. Cásper Líbero.

Trabalhávamos preenchendo formulários que seriam lidos por um computador. Permitia manter permanentemente atualizados os dados demográficos de São Paulo. O material bruto que recebíamos eram pilhas de certidões de nascimento e atestados de óbitos. Organizávamos uma espécie de planilha a ser posteriormente digitada para entrar em fita magnética ou papel perfurado, naqueles primórdios da informática, onde os computadores eram brutamontes. Alguma semelhança com o preenchimento da loteria esportiva, quando criada.

Havia uma atenção especial para mortes violentas. Assassinatos e acidentes. Um detalhe me chamou muito a atenção. Nestes casos, os jornais também eram fonte de informação. Não eram quaisquer jornais, mas aqueles sensacionalistas. Havia um servidor que trabalhava exclusivamente buscando os dados que vinham noticiados no jornal *Notícias Populares*.

Foi o único emprego sem relação com o jornalismo, mas lá estavam eles, os jornais, como material relevante de pesquisa demográfica para um órgão público do maior estado da federação. O servidor que lia *Notícias Populares* e outros, me esclareceu à época que a notícia do jornal oferecia elementos adicionais para ajudar com mais informações além daquelas constantes do atestado de óbito. E confirmava ter sido morte violenta, pois uma morte de um jovem no hospital por vezes trazia poucas informações no atestado de óbito.

Fiz dois cursos durante o período em que lá estive. Um, sobre prevenção de incêndios, foi feito na sede do Corpo de Bombeiros. A cidade estava impactada com o incêndio do edifício Andraus, em fevereiro de 1972. O Departamento de Estatística

ocupava o edifício inteiro. Indicaram um (ou dois) representantes de cada andar daqueles que lá trabalhavam. Eu fui o escolhido do andar onde trabalhava. Foi um aprendizado útil, de que me valho até hoje. Mas não impediu que a tragédia se repetisse, ainda pior no início de 1974, no edifício Joelma. Mas vale o registro de que o governo do estado se mobilizava no sentido do que viriam a ser as Cipas (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). Se não perdi, tenho o recorte do *Diário Oficial* com a minha nomeação para este curso.

Outro curso, que igualmente me foi útil e está lá no Lattes e dele tenho o certificado devido, foi o curso de Elementos de Estatística, com 180 horas. Não sei se todos fizeram ou se escolheram algum para fazê-lo. Um aprendizado útil, muitos anos antes da Estatística se tornar um campo de conhecimento conhecido como viria a ser.

Fiz o vestibular para a ECA-USP e não fui aprovado. Mas havia uma alternativa privada interessante. A tradicional Faculdade Cásper Líbero. E trazia algumas vantagens: mantida pela Fundação Cásper Líbero, comparativamente, era uma faculdade relativamente barata. Eu conseguia pagar a faculdade com meu salário, que não era grande coisa. E sobrava um naco para ajudar a família e meus gastos. Enquanto na ECA-USP, o curso era de quatro anos, na Cásper Líbero, o curso era de apenas três anos. Formaria mais cedo e deixaria de fazer cursinho. Nisso, a vantagem era de dois anos.

A Cásper tinha excelentes professores e excelentes alunos. Como a regulamentação profissional era nova, muitos profissionais, alguns já consagrados como Castilho de Andrade, eram alunos lá. Também muitos jovens como eu que viriam a ser jornalistas conhecidos. Antenor Braido, Dora Maria Tavares de Lima (hoje Dora Kramer), Joel Silveira Leite, Lu Fernandes, Paulo Antunes, Paulo Nogueira, que fora também no colegial – hoje ensino médio - a lista é imensa.

Tivemos professores como Freitas Nobre (também deputado federal), Antonio Costella, Péricles Eugênio da Silva Ramos, José Marques de Melo, Gaudêncio Torquato, Carlos Eduardo Lins da Silva e, *hors concours*, Emir Macedo Nogueira. Este era secretário de redação da Folha de S. Paulo e um incrível e excelente professor de Língua Portuguesa. Aliás, foi o precursor do professor Pasquale Cipro

Neto. Manteve durante muitos anos a coluna “A língua nossa de cada dia” que publicava semanalmente na *Folha*. Ensino tradicional. Apenas aulas expositivas quase certamente de 50 minutos.

Mas era um grupo de professores muito heterogêneo. Havia também um grupo ultraconservador onde pontificavam Lenildo Tabosa Pessoa, Clóvis Lema Garcia e o conhecido até hoje Carlos Alberto Di Franco. Todos usavam ternos escuros com gravata, insígnias na lapela. Fizemos um movimento, nas condições possíveis, em 1975 ou 1976 questionando estes professores. Num movimento bem articulado integrado com os interesses do diretor da Faculdade, o simpático prof. Erasmo de Freitas Nuzzi, com uma única exceção, todos foram demitidos.

Intrigou-me o fato de que o único sobrevivente do grupo tenha sido Carlos Alberto Di Franco. A ligação forte de Di Franco é com a Opus Dei e a Universidade de Navarra. Incrível como nossos colegas estudiosos de jornalismo menosprezam o papel pernicioso na imprensa brasileira realizado pelo braço da Opus Dei, Di Franco e sua instituição de ensino vinculada a Navarra.

Os grandes jornais estimulam seus profissionais a fazerem pós-graduação na “filial” de Navarra que Di Franco mantém em São Paulo, os cursos de formação de “focas” ou de “residência”, hoje em sua maioria são pacotes montados por eles. Lamentável. São extremamente fortes seus vínculos com o patronato, organizam cursos de especialização e vendem pacotes destes cursos de capacitação para recém formados e concluintes em vários jornais.

Aqui está A Gazeta para confirmar.

Valeram na Faculdade os bons professores citados e, claro, repito, Emir Nogueira. Também os colegas já profissionais ou outros tantos que realizariam bonitas carreiras em redações. Era uma convivência incrível. Não teve jornal-laboratório, nenhuma atividade prática, aulas de 50 minutos, prova e pronto.

O movimento estudantil estava se expondo mais abertamente. Em 1977 as grandes manifestações voltaram a tomar as ruas. Estive em quase todas elas. Talvez os empregadores fossem flexíveis, pois muitas coincidiam com o horário do trabalho.

Há um aspecto que não pode ser esquecido. O ano de 1975 foi o ano em que Audálio Dantas foi eleito e tornou-se presidente do Sindicato dos Jornalistas em São Paulo. No mês de outubro teve uma atuação impecável, que resultou no culto ecumênico na praça da Sé a Vladimir Herzog, assassinado no DOI-codi. Também foi o ano em que a reforma da Folha, aquela que chamo de “Primeiros Mil Dias” toma forma. E uma das grandes novidades desta nova Folha, conduzida por Claudio Abramo era Alberto Dines no comando da sucursal do Rio de Janeiro.

E a coluna Jornal dos Jornais que inaugura a crítica de mídia no Brasil. A coluna começa a ser publicada em meados de 1975 e se encerrará em setembro de 1977, na crise que resultaria na queda do ministro Silvio Frota.

A coluna Jornal dos Jornais foi um curso de jornalismo que fiz paralelamente à minha graduação. Como não deixar isso absolutamente claro. A primeira edição do livro O Papel dos Jornais foi em 1974 . Soube dele na Faculdade, comprei e li em 1975.

Ainda naquele ano de 1975 haveria a prisão em massa de jovens estudantes, militantes do MDB e jornalistas, todos ligados ao PCB. Em outubro, quando o DOI-Codi já contava com cerca de 100 presos, ocorre a morte de Vladimir Herzog, um acontecimento que viria a ser um ponto de inflexão no combate à ditadura sob a condução tão serena quanto audaciosa de Audálio Dantas. Alguns presos eram companheiros muito próximos e vários deles eu conhecia ou viria a conhecer.

Meu início de vida profissional em jornais foi curioso. Comecei no *Shopping News*, um jornal semanal que circulava aos domingos entregue em portas de residências e condomínios em regiões de médio e alto poder aquisitivo. Gratuito, vivia da publicidade. E a mesma empresa publicava um diário chamado *Diário Comércio e Indústria*. E quem dirigia a área comercial era Rudi Margherito, que estava separado de Alcione Abramo, irmã de Perseu.

Não pedi, mas Silvana e Alcione e Silvana, colega e amiga, se movimentaram e conseguiram que Rudi me contratasse. Ele fazia uma coluna sobre Publicidade no jornal. Vim a saber depois que o grupo era muito conservador e reacionário inclusive com vínculos com a repressão. Rudi certamente sabia e sabia também sobreviver a estas circunstâncias.

Outro colunista importante no mesmo jornal, Claudio Marques ficou conhecido como delator de Vladimir Herzog e isso ocorreu exatamente no período em que eu estava trabalhando lá. Ficava a cerca de dez metros de nós. Nunca comentamos nada. Claudio Marques também tinha um programa diário na tevê tinha com o patrocínio da construtora Adolpho Lindenberg, cujo dono que dava nome à empresa era um dos homens fortes da TFP (organização de direita intitulada Tradição, Família e Propriedade).

Alberto Dines denunciou, na coluna Jornal dos Jornais, em duas ocasiões, as publicações abjetas de Claudio Marques e suas ameaças à direção da tevê Cultura onde Vladimir Herzog era o diretor de Jornalismo.

Rudi era muito amigo da artista plástica Maria Bonomi e de Carlito Maia, que viria a ser bom amigo de Lula e o criador do primeiro slogan que pegou de Lula, o Lula-lá. Carlito trabalhava no setor comercial da Rede Globo. Conversava diariamente ao telefone com Bonomi e Maia. Trabalhávamos na área administrativa, não na redação.

Um infarto fulminante mata Rudi Margherito em 4 de março de 1976. Rodolfo Margheritto – seu nome de fato, tinha 42 anos. Uma morte que chocou a todos, a mim, especialmente que perdera o pai coisa de meia dúzia de anos antes.

Mas a vida segue. Com sua morte, a coluna é encerrada. Mas as diversas pessoas que escreviam sobre publicidade – e aliás, organizavam o Prêmio Colunistas, razão do nome – formavam uma tribo ou uma rede, para usar a linguagem de hoje.

Um dos mais influentes era Armando Ferrentini, que fazia uma coluna também aos domingos no *Diário Popular* e era sócio e/ou dono da editora Referência, que publicava duas revistas mensais importantes na área: *Propaganda e Marketing*. Ele me procurou, me contratou, e fui direto do *Shopping News* para o *Diário Popular* e pouco depois acumulava o diário com as revistas.

No *Diário Popular* em 1976 pude vivenciar pela primeira vez a realidade das redações, fumacentas, com forte cheiro de café e cigarros, barulhentas, trepidantes. Era no prédio onde até o início de 1975 ficava o jornal O Estado de S. Paulo, que migrara para a Marginal do Tietê. E num quase porão do prédio, ficavam as oficinas com as inúmeras linotipos e as enormes rotativas. Ali, o cheiro forte era de chumbo,

oriundo das linotipos. Era um mundo que me fascinava e me encantava. Trabalhava na redação de um jornal diário que funcionava no prédio histórico e icônico do Estadão.

Aquele edifício, para mim, era quase um templo. Recordo-me do deslumbramento quando vi, anos antes, ainda menino, naquele entroncamento da rua da Consolação, final da avenida Ipiranga, início da São Luiz, com Major Quedinho. Do outro lado, a Biblioteca Mario de Andrade. O prédio do Estado, com murais de Di Cavalcanti, exibia um letreiro, com lâmpadas que, ao se acenderem e apagarem, fazia passear textos com notícias quentinhas, para quem por lá transitasse.

Eu flanava, a apreciar e admirar aquele noticiário gratuito, decorrente de um acender e apagar de lâmpadas. Certamente fazia parte do projeto do edifício, construído na década de 1950. O meu fascínio, numa construção que possivelmente já tinha duas décadas, ostenta a modernidade da construção de um prédio feito para abrigar um jornal bem sucedido.

Armando Ferrentini me fez acumular mais um emprego a menos de cem metros um do outro. Nas revistas *Propaganda* e *Marketing* conheci pessoas admiráveis como Eloi Simões, Roberto Simões (deste tenho até hoje um livro autografado), José Claudio Maluf, Celso Sabadin, Amadeu Gonçalves Dias e Luiz Carlos Teixeira de Freitas, dentre outros que a memória não guardou ou agora não recorda. A sede ficava no comecinho da rua da Consolação.

Como entrevistados, alguns bambambãs da área como Roberto Duailibi e um de seus gênios emergentes como Washington Olivetto ainda na DPZ, Mauro Salles, Enio Mainardi, Carlito Maia, Petrônio Correia, presidente da Abap (Associação Brasileira das Agências de Propaganda), Caio Domingues, José de Alcântara Machado, Emanuel Publio Dias, Luiz Celso de Piratininga (presidente da Associação Paulista de Publicidade), Geraldo Alonso, Octávio Florisbal, que viria a ser alto diretor da Globo, e tantos outros. Aqueles nomes que via Rudi Margherito conversar frequentemente ao telefone se tornaram meus entrevistados. Incrível como estão fortes na memória.

Presidente do Clube de Criação do Rio de Janeiro, José Monserrat Filho (que será citado mais tarde), tentava organizar publicitários e apoiar a economia local. Ele

defendia um projeto, que terminou sendo matéria de capa da revista Propaganda, apurada e redigida por mim, definindo que os cartazes de todos os filmes exibidos no Brasil deveriam ser feitos por profissionais brasileiros. Em síntese, seria proibido usar o cartaz oficial do filme. Possivelmente minha primeira matéria de capa, na revista *Propaganda*. Reencontraria Monserrat quase vinte anos depois na Ufes, chegaremos lá.

Outra matéria de capa que me marcou, esta na revista Marketing foi sobre o mercado de bebidas no Brasil. Visitei várias sedes administrativas de empresas e entrevistei dirigentes. Deu trabalho, foi prazeroso fazer e – que me lembre – foi a única ocasião em que recebi presentes. Montei um belo bar em casa, com várias garrafas diferentes. Ninguém pensava em ética.

Neste meio tempo, a área vinha se preparando para o III Congresso Brasileiro de Propaganda, que seria realizado de 17 a 20 de abril de 1978, evento de grande relevância para a área que reunia comandantes de agências, anunciantes e veículos. Cursava Jornalismo na Cásper Líbero e ao mesmo tempo aprendia muito de Publicidade e Propaganda como repórter/redator. O Conselho de auto-regulamentação publicitária, que produziria o Código de auto-regulamentação conhecido como Conar, foi criado naquele Congresso. Era importante conter alguns deputados e senadores interessados em limitar a atuação da publicidade no Brasil. Um dos mais citados como produtor de projetos de lei para proibir ou limitar a publicidade de cigarros, bebidas etc. era o então deputado federal Gerson Camata.

Uma empresa chamada PI – Publicações Informativas, que fazia anuários, preparava-se para lançar, no evento, o quinzenário Meio & Mensagem, inspirado claramente no famosíssimo Advertising Age. Publicam um ou dois primeiros números e Fernando Reis, editor do Meio & Mensagem se deu conta que subdimensionou a equipe de redação do quinzenário. Curiosidades que me marcaram.

Fernando Reis era irmão de José Reis, precursor do jornalismo científico no Brasil e um dos fundadores da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, conhecida como SBPC, fundada em 1948. A entidade teve 60 fundadores, mas três cientistas convocaram a reunião que resultou na sua criação. Um deles era José Reis, bacteriologista. Foi o pioneiro na divulgação científica ainda nos anos 1930, na

antiga revista Chacaras e Quintaes, segundo a Wikipédia. Em 1947 José Reis iniciou a publicação de uma coluna de divulgação científica no jornal Folha de S. Paulo, que manteve por 55 anos, até bem perto de morrer, em 2002. Era cientista (bacteriologista) e jornalista. Foi editor-chefe da *Folha de S. Paulo* de 1962 a 1968.

Fernando Reis me procura e me convida para um almoço num restaurante super bacana que ficava no estádio do Pacaembu, na praça Charles Müller. Meio e Mensagem precisava de mais profissionais.

Me ofereceu mais que a soma dos meus dois salários. Era um ganho salarial expressivo. Estava em duas empresas sólidas. Meio e Mensagem era editado pela PI – Publicações Informativas, que publicava anuários de Publicidade e outros. Tinha fama de má pagadora, caloteira. Eu trabalhava em empresas sólidas, pagavam rigorosamente em dia, mas trocava de editores e diretores com muita frequência.

Topei, movido por um espírito irrequieto. E o trabalho praticamente seguiu o mesmo, mudando apenas o veículo e ganhando mais colegas a compartilhar conhecimento. Aprendi muito com Fernando Reis, uma pessoa metódica, uma enciclopédia como o irmão. Também em especial com Sergio Borghnet, com quem dividia a redação e talvez uma outra repórter. Já tinha boas fontes, já escrevia com alguma desenvoltura, segui num trabalho muito parecido com os anteriores.

Saí ou fui saído, não sei, fui passar alguns meses no Mato Grosso do Sul, a convite do saudoso Mario Ramires, que viria a ser secretário de Comunicação do governo estadual e professor na UFMS. Ramires e Neusa Fiorda Chacha acabaram de criar a revista Grifo. O estado havia sido criado e Campo Grande tornara-se capital. Neusa Fiorda Chacha era e segue casada com o médico dermatologista e professor do curso de Medicina Jorge João Chacha, que viria a ser reitor da UFMS no período de 1996 a 2000. Mario Ramires morreu muito jovem em 2012.

No retorno, mais uma vez a providência cuidou de providenciar. O jornal O Globo estava aprimorando a Agência O Globo e precisava de um profissional em São Paulo. Milton Coelho da Graça, editor chefe do jornal manda o Senador (como era conhecido um jornalista de prenome Rogério, soube que morreu este ano ou ano passado) me procurar. Milton Coelho e Senador pensavam grande. A agência queria

não apenas produzir noticiário para os outros jornais que compravam seus serviços, como também buscar um novo mercado, a partir da descoberta de um aparelho de telex menor, e muito mais silencioso. Quem conheceu os velhos aparelhos sabe como eram ruidosos. Mantinha seus assinantes informados com textos curtos da agência O Globo. Outro precursor do Twitter, depois do letreiro do ex-edifício do Estadão.

Eu era muito fixo na redação, saía pouco. Pegava a produção da sucursal e adaptava para um texto mais enxuto, mais curto, mais sintético. Foi uma boa experiência de texto. Fui à Bolsa de Valores de São Paulo em busca de formas de ter informação ágil. Terminei conversando com os técnicos de informática que operavam aquele enorme computador. Soube por eles que o sistema era acessível por telex (tecnologia daqueles tempos). Ligava o telex da sucursal no telex da Bolsa, digitava um código e vinha como resposta as informações que precisava. Criei um texto único, que era apenas preenchido com as informações que conseguia:

A Bolsa de valores de São Paulo fechou hoje em “alta ou baixa” de “X,XX%”. As maiores altas foram “a lista das cinco que mais valorizavam”. As maiores baixas foram “a lista das cinco que mais caíram”. As ações mais negociadas foram “a lista daquelas que tiveram maior movimento de compra e venda.

Era só isso. Fazia tudo em coisa de 15 a vinte minutos. As pessoas se surpreendiam que a Agência O Globo, sem mandar repórteres para a Bolsa, nem ninguém telefonar, informava com tanta rapidez. O texto entrava no telex sempre antes de 13h30. Na época, a Bolsa abria às 10h e fechava às 13h. Eram três horas diárias de pregão, de segunda a sexta. Consegui este emprego por ser do PCB, que funcionava como uma grande rede de relacionamentos. Jornalista comunista não ficava desempregado.

Particpei da greve dos jornalistas de São Paulo, em maio de 1979. Compareci em muitas assembleias e de vários piquetes. As primeiras na Igreja da Consolação, perto do sindicato. Como o espaço era exíguo migraram para o Tuca, teatro da PUC – Pontifícia Universidade Católica, espaço de grandes movimentos relevantes da história da cultura e da política do Brasil.

A greve foi um enorme erro e que até hoje não se tem estudos relevantes sobre ela. Há um livro de Marco Roxo, que é baseado na tese de doutorado dele, mas que, infelizmente, não apresenta o contexto em que se deu a greve, as diversas correntes em que se dividiam os jornalistas etc. Este livro está por merecer uma crítica bem elaborada e sempre cogito em fazê-lo, mas as pressões da produção, agora desta vida remota vão adiando a ideia. E precisaria me dedicar a pesquisar a fundo a greve para produzir uma crítica consistente.

Foi claro que houve um desejo de fazer greve. Mas os mais experientes sabiam que aquilo era uma aventura, um risco enorme. É falso afirmar a existência de um grupo contrário à greve. O que havia era uma base importante de militantes e de jornalistas da área de influência do partido que pretendiam uma greve mais bem preparada e organizada. Um dos grandes nomes deste grupo foi Emir Nogueira, o professor *hors concours* da Cásper. Emir era secretário de redação da *Folha de S. Paulo*.

(Há textos importantes de seu filho, Paulo Nogueira sobre ele no Diário do Centro do Mundo. Lamentavelmente, Emir e Paulo faleceram precocemente, ambos de câncer no pâncreas.)

Uma das primeiras decisões que conseguimos, foi convencer a assembleia de que, para decidir a greve, a assembleia deveria ter um número expressivo de jornalistas, o que ajudou muito na mobilização. Também decidimos que só faríamos a greve se aprovado por dois terços do plenário. Por que isso? Porque havia a experiência da greve de 1962, quando jornalistas pararam em São Paulo e, daquela vez, os jornais não circularam. Era um temor que infelizmente se confirmou.

Num dado momento, numa das assembleias que precederam a greve – foram várias, e entravam noite adentro – discutimos o que iríamos entender como cargo de confiança. Neste momento, Emir mostrou-se de enorme dignidade, pois os editores da Folha eram hierarquicamente inferiores a ele e se consideravam “de confiança”. Emir afirmou enfaticamente que, no jornal, tinha um cargo de confiança, não na sua carteira de trabalho.

Entendíamos que a greve precisava ser mais forte ainda. Que uma greve que mostrasse a fraqueza da categoria seria uma tragédia. Infelizmente, a realidade confirmou sua compreensão daquela realidade. Nosso grupo contava com

profissionais experientes, maduros, que conheciam o patronato e sabiam compreender a conjuntura e a realidade. A greve, como as assembleias foram desenhando eram vistas como tendentes a produzir um fracasso, com os jornais circulando e uma divisão na categoria que permaneceu por muitos anos.

Particpei de reuniões do partido que analisam as perspectivas e orientavam as decisões do partido e de sua área de influência. Quase todas no apartamento de Milton Coelho da Graça em Higienópolis.

(Milton Coelho tomou uma cana pesada logo depois do golpe em 1964 e outra em 1975 e 1976. Apanhou bastante nas duas. Na segunda, saiu do DOI-Codi para cumprir pena no presídio do Hipódromo. Saiu e retornou para a editora Abril, onde tinha um alto cargo. Dali foi para O Globo. Era um dos comunistas de Roberto Marinho, ao lado de Caban, Senador e outros.)

É emblemático e significativo que, nas eleições para renovação da diretoria que conduziu a greve, presidida por David de Moraes, duas chapas apresentaram-se. Grosso modo, uma de continuidade, presidida por Rui Falcão, que viria a ser deputado e presidente do PT e outra presidida exatamente por Emir Nogueira, que resultou de um movimento interessante chamado MFS (Movimento pelo Fortalecimento do Sindicato). Realizamos várias eleições preliminares onde a categoria definiria os nomes que entendia importantes para compor a chapa. Emir foi o mais votado nestas eleições e terminou por ser o presidente da chapa.

A chapa venceu as eleições, sinal evidente de um mal estar dos jornalistas com aqueles que os levaram a uma greve irresponsável. Lamentavelmente, Emir Nogueira viria a morrer poucos meses depois de assumir o sindicato. Este terminou sendo conduzido pela jovem Lu Fernandes, grande amiga e companheira até hoje. Particpei de várias reuniões do MFS.

Em 1981, trabalhei também no Instituto dos Arquitetos do Brasil, como assessor de imprensa. Foi o ano em que casei, minha mulher engravidou de minha filha e meu destino já era o Espírito Santo. Não pensava em universidade. Esta, como se verá, veio por acaso.

Em 1977, fiz um frila pra Nunzio Briguglio, que fazia uma revista em Curitiba, o nome me foge. Ele me pediu uma matéria sobre a reunião da SBPC, que era para ser em Fortaleza, foi proibida pela ditadura e a PUC de São Paulo se ofereceu para

sediar (olha Dom Paulo Evaristo Arns mais uma vez) e realizou de fato um evento histórico e marcante para a ciência e para as liberdades no país.

Fiz parte da equipe que organizou o jornal O Bloco, iniciativa do partido, jornal que tinha uma equipe fantástica, sob o comando de Milton Coelho da Graça, com a participação de Jorge Escostegui, Juca Kfourri, Jairo Régis, Ricardo de Moraes Monteiro e tantos outros. O editor-chefe era o bom amigo Edmilson Costa, hoje secretário geral do inexpressivo PCB. O Bloco teve apenas uma edição, foi distribuída no estádio da vila Euclides, conferir se 1979 ou 1980. Mas foi marcante. Este único exemplar foi doado junto com os demais jornais alternativos para a Biblioteca Central da Ufes.

Luiz Carlos Teixeira de Freitas, que conhecera nas revistas *Propaganda e Marketing* e criara a revista *Briefing* em 1979 me pede para sua nova revista um texto sobre jornalismo de economia. Entrevistei muitos jornalistas da área. O que mais me marcou foi Domar Campos, que se tornou minha melhor fonte. Ele me apresentou um panorama histórico e um quadro da realidade do jornalismo econômico. Fiz um texto de que gosto muito até hoje e que, no meu entendimento, oferece um quadro importante da história do jornalismo de economia e de sua realidade no final dos anos 1970.

Este artigo sobre jornalismo econômico foi diferente. Penso que foi minha primeira pesquisa em jornalismo. Não à toa constava no currículo que entregaria para o concurso público que faria na Ufes em 1982. Escrevi o texto “Informação econômica: quanto vale este serviço”. Confesso que não sabia o que era “artigo em revista”, item que, caso tivesse, deveria constar do currículo, conforme o edital. Coloquei apenas este citado aqui.

Encontros com a Civilização Brasileira, foi uma publicação que surgiu em 1978 e revivia a antiga *Revista da Civilização Brasileira* que circulara ainda antes, imagino que foi interrompida no final de 1968, como tantas outras coisas. Estas mantenho até hoje a coleção completa. Circulou até 1981, com edições mensais, formato de livro, nunca com menos de 180 páginas e pelo menos uma dúzia de artigos, quase todos equivalentes ao que hoje chamamos de acadêmicos.

Tenho uma percepção forte de que a vivência numa realidade de boa educação em todas as etapas do ensino, a vida em redações e a militância política

numa época em que os militantes liam, estudavam, debatiam, confrontavam ideias, estimulavam elaborações mentais ricas, possivelmente foram os motivos que permitiram que fosse aprovado no concurso público de 1982.

1.2. Minha trajetória na UFES

É sempre uma experiência agradável circundar o anel que percorre o perímetro do campus de Goiabeiras - mudou apenas um pequeno trecho no CCJE. Os antigos prédios estão lá, mas muitos outros surgiram, subiram, mexeram no cenário. Há uma carga simbólica forte nisso. E pensei que esta parte referente à trajetória na Ufes não poderia deixar de chamar atenção a este aspecto visual, paisagístico e histórico. O professor David Protti teve esta preocupação e produziu muitas fotos do campus nas décadas de 1980 e 1990, pensando exatamente em documentação.

Talvez seja o momento de dar maior visibilidade a estas imagens e comparar com a Ufes de hoje. Seria muito interessante - e esclarecedor - se pudéssemos agora, quase quarenta anos depois, refazer as mesmas fotos dos mesmos pontos, inclusive as aéreas e confrontá-las. Um incrível documento sobre a evolução deste campus. Pelo que sei, infelizmente só temos imagens de Goiabeiras.

Brotaram laboratórios, bibliotecas, salas de aula, atividades de pesquisa e extensão etc. Quase quarenta anos depois, há mais cursos de graduação e pós-graduação e mais alunos, estes mais coloridos, mais plurais, mais diversificados muito mais representativos da sociedade capixaba e brasileira. A Ufes tinha pouquíssimos cursos de mestrado. De memória, havia o Programa de pós-graduação em Educação, chamado de mestrado em Educação, onde alguns professores eram mestres.

Sabia que Física e Ciências Fisiológicas tinham corpo docentes qualificados. Vejo na página da Ufes na grande rede que o PPG em Ciências Fisiológicas só iniciaria atividades em 1989. O de Física, somente em 1992. Se tinha mais, dava para contar nos dedos de uma mão. Que outros teriam em 1982?

A Ufes tinha um computador, um enorme mainframe, onde hoje fica o NTI. Chamava-se NPD. Dele saíam as pautas de chamada. No departamento de Comunicação Social, que me lembre, o professor Arlindo Castro era doutor em Cinema pela New York University. E a professora Cicilia Peruzzo retornara à Ufes pouco antes de minha chegada já como mestre em Relações Públicas pela Universidade Metodista de São Paulo. Perdoem-me se esqueci alguém, se me

confundi em algo, mas todos os demais, inclusive todos os que foram aprovados nos diversos concursos realizados naquele primeiro semestre de 1982 eram graduados. Alguns dos aprovados tinham créditos de mestrado.

Aurélio Jaques Batista era o chefe, os demais professores eram Arlindo Castro, Carlos Eduardo Zanatta, Círcia Peruzzo, Glecy Coutinho, Hésio Pessali, José Irmo Gonring, José Moraes, Maria Elizabeth Rondelli, Maurício Nogueira Tavares, Sibila Baeske e Tania Mara Correia Ferreira. Espero não ter esquecido algum nome. Conferi no livro “Balzaquiano”, que o prof. Martinuzzo organizou em 2005.

O curso de Comunicação foi criado em 1975 atendendo uma forte demanda de jornalistas e empresas jornalísticas. Abriu como polivalente (graduava em todas as habilitações) mas o foco em jornalismo fez com que os graduados, conforme o Balzaquiano, já se formassem com habilitação em jornalismo. O professor Ismael Thompson Paula teria me dito que se graduara na Ufes como polivalente. Não conferi. Os primeiros professores foram contratados pelo departamento de Administração. Só em 1980 o departamento de Comunicação Social é criado, incorporando estes docentes.

Diversos professores de outros departamentos davam aulas no curso nas disciplinas teóricas do tronco comum. A lista é grande, a colega Ruth Reis no seu memorial cita vários nomes, mas aqui cito apenas o professor Domingos de Freitas Filho, do departamento de Ciências Sociais. Ele ministrava as disciplinas equivalentes hoje às Teorias da Comunicação. O departamento não tinha docentes qualificados para isso.

Salvo engano, todas as disciplinas da chamada formação humanística eram ministradas por professores de outros departamentos do então CEG (Centro de Estudos Gerais), que viria a se desdobrar no CCE (Centro de Ciências Exatas) e no CCHN (Centro de Ciências Humanas e Naturais). Em especial do departamento de Ciências Sociais, que apenas oferecia disciplinas para vários cursos, mas não tinha sequer curso de graduação. Hoje tem graduação e mestrado.

O primeiro currículo (aquele originalmente polivalente), o de 1980 e aquele de 1984 eram, os três, estruturados num formato onde o aluno tinha inicialmente dois anos de disciplinas teóricas de formação humanística. Neste momento, os alunos

optavam por cursar publicidade e propaganda ou jornalismo. Só depois cursavam as disciplinas profissionalizantes, não apenas práticas. Em 1982, ano em que cheguei na Ufes, deve ter sido o ano que os alunos passaram a ter estas disciplinas, após a opção pela habilitação desejada.

Vários departamentos da Ufes realizaram vários concursos naquele mês de março de 1982. O departamento de Comunicação Social abriu vários deles. E vários professores novos chegaram. O professor Antônio David Protti foi o primeiro colocado em Fotografia, o professor Luiz Paulo Maia em Rádio, o professor Ruy Roberto Ramos em Publicidade e Propaganda e os professores Ismael Thompson Paula e Patrícia Monsão Mollo em áreas que não me recordo. Fui aprovado em Jornalismo Especializado. Eu fui contratado junto com alguns destes em 2 de agosto de 1982, com alguns dos citados. Os demais, no início do primeiro semestre de 1983.

Entrei na Universidade por acaso. A migração para o ES era uma coisa praticamente certa quando me casei em maio de 1981. Minha esposa era professora da Ufes, fazia mestrado na PUC-SP. E o acaso se deu pelo fato de, neste momento – mera coincidência -, a Ufes abrir um edital para o seu primeiro concurso público. Confesso que quando comentaram comigo, não manifestei interesse. A vida acadêmica estava fora do meu horizonte.

Vacilei, nunca me imaginei um professor de universidade. Em verdade, fui convencido. Quando decidi fazer aquele concurso, estudei muito. Comprei os livros da bibliografia do edital e outros tantos. Vale lembrar. Na Cásper Líbero tive uma disciplina de Legislação e de História da Comunicação com Antonio Costella, baseado em livros de autoria dele, que eu tinha; e uma teórica de Comunicação, com Gaudêncio Torquato, ocasião em que precisei comprar os dois volumes de Cultura de Massas no século xx de Edgar Morin.

Foram coisa entre dois a quatro meses entre o edital e as provas. Infelizmente, não pude acessar os documentos relativos àquele concurso, que certamente teriam muitas informações que ajudariam a iluminar este momento.

Penso que a aprovação no concurso de Jornalismo Especializado tenha se dado por uma conjunção de fatores. Eram dez candidatos, hoje é apenas uma

suposição, todos graduados. Eu tinha um currículo bom, imagino, com sete anos de trabalho em redações em São Paulo, suponho tenha contado pontos.

Walder de Goes, da UnB, era da banca e escreveria depois um livro sobre o governo Geisel. Compunham ainda a banca o professor Roberto Amaral, da UFRJ (na época e nos seus livros, usava o nome completo Roberto Átila Amaral Vieira) e a professora Sybilla Baeske, do próprio departamento.

Devo ter ido bem na prova escrita. Ao menos fiz o suficiente para passar. Provavelmente era eliminatória, só os aprovados iam para a prova didática. E tive muita, muita sorte na prova didática. O ponto sorteado para mim era Jornalismo Político. Talvez Jornalismo de Economia me desse alguma chance. Qualquer outro ponto, a história seria outra, não estaria aqui a redigir um memorial.

Preparei um plano de aula com cuidado naquelas 24 horas entre o sorteio do ponto e a prova didática. Espero ainda encontrá-lo. Era obrigatório e me ajudou pois fiz um esforço de conseguir expor o todo no tempo previsto e, que me recorde, consegui fazê-lo. Não era uma aula, era uma síntese de uma disciplina inteira.

Certamente fui mal naqueles critérios que avaliam a capacidade didática-pedagógica. Mas ter como ponto sorteado Jornalismo Político, área que acompanhava bem lendo jornais regularmente e tendo estudado alguma coisa foi uma sorte do acaso. Foi o que a providência providenciou, o que o destino decidiu, sem me consultar.

Apresentei um panorama do quadro político naqueles anos finais da ditadura, governo Figueiredo. As eleições para governadores só se dariam no final daquele 1982. Estávamos em março. Fiz uma análise do quadro político, mostrei as características do processo que, naquele momento migrava do que se consagrou chamar de distensão (termo criado pelo general Golbery do Couto e Silva) para o que viria a ser chamado de abertura.

Enfim, fiz ou tentei fazer uma análise de conjuntura daquele momento em que a ditadura já estava em sua fase derradeira. Trabalhei um pouco o conceito de autoritarismo, forte à época, em que não se podia pronunciar a palavra ditadura. Recordo-me que Walder de Góes me questionou sobre o conceito. Citei Juan Lins, um autor que via referido muito frequentemente nos jornais. Devo ter citado Fernando Henrique Cardoso, cuja obra, *Autoritarismo e Democratização*, de 1975,

era muito aceito e reconhecido como relevante. Mas a leitura que fazia regularmente de jornais diários impressos, diversas revistas e jornais alternativos me ajudou a ter um desempenho que a banca não julgou grande coisa, mas entendeu suficiente para que eu fosse aprovado. Gostaria muito de localizar esta documentação. Devo ter sido aprovado com a nota mínima.

Fui o único aprovado, a confiar na memória. Não devo ter tido uma nota lá muito boa, mas a melhor dentre os dez candidatos. O acaso me premiou. Como escrevera acima, fosse outro o ponto sorteado, a história poderia ser diferente. Muito. Em tudo.

(Mero registro: soube uns poucos anos depois por um professor que jamais citarei o nome que meu nome era mal visto pelas pessoas que comandavam o departamento. Não previam e não desejavam minha aprovação. Minha culpa? Ser militante do PCB, um reformista.)

De todo modo, viria a me sentir uma pessoa estranha ao departamento por muitos anos, talvez por conta de um temperamento independente. Há uma certa cultura onde aqueles que chegam se agregam àqueles que exercem algum tipo de liderança e eu permanentemente rejeitei este costume, esta tradição, citada no início deste memorial.

Mas é possível ver por outra perspectiva. Os que chegavam foram bem acolhidos e naturalmente se aproximaram mais facilmente dos demais. Eu era casado com uma professora da Ufes, já tinha referências e informações para procurar onde morar, dispensava este acolhimento, que pode ser visto pelo lado da generosidade. É cultural e naturalmente este acolhimento criar laços de lealdade.

Minha formação, em especial daquele período no Colégio de Aplicação priorizava a razão. Defendia o que achava certo, não aquilo que poderia me trazer vantagens numa aliança com os que têm acesso as benesses. Não reclamo de ter pagado um preço alto por isso.

Há um episódio que me colocou mais claramente em isolamento no departamento e ocorreu ainda no ano de 1982. O departamento movimentava-se para demitir o professor Renato Viana Soares. Não havia estabilidade no emprego. A acusação? Falta de ética. O ato que seria a prova desta falta de ética? O professor recorreu ao Conselho Departamental de uma decisão do departamento.

Sempre com o risco da memória. Fiquei com a minoria a votar contra na reunião que aprovou este pedido de demissão. Escrevi um texto explicando as razões pelas quais não votava naquela proposta e pedi para constar em ata. Não sei se consigo achar este texto. Não sei se os livros de ata estão preservados.

O episódio ainda renderia e seria pauta numa assembleia da Adufes. Defendi minha posição na assembleia. A assembleia ficou muito dividida. A Adufes teria seus livros de ata?

O professor não foi demitido e ainda permaneceu por muitos anos no departamento. Tinha grande atividade política. Durante a administração Albuíno Azeredo (1991-1994) permaneceu cedido ao governo e ocupou o cargo de secretário de Justiça e Cidadania. Migrou transferido para a UFRN por acompanhamento de cônjuge em data imprecisa. Continua no Rio Grande do Norte, mas já aposentado da Universidade.

Estes acontecimentos narrados ajudam a explicar as razões pelas quais terminei por não fazer amizades sólidas nem me tornar mais próximo de muitos professores. Lamento muito isso. Verdade seja dita: neste aspecto, minha introversão e timidez foram quase certamente muito mais determinantes.

O concurso foi no final de março. Poucos dias depois do nascimento de minha filha Clarice. Em maio realizamos a mudança para Vitória. No dia 2 de agosto tive a carteira de trabalho assinada e comecei a trabalhar, ingressando na carreira como Auxiliar 1. Os antigos professores colaboradores foram enquadrados como Assistente 1.

Ainda não era o currículo mínimo que permaneceu de 1984 a 2004 no nosso curso de Comunicação Social, com duas habilitações. Mas tinha o mesmo formato de dois anos de disciplinas teóricas de Comunicação e dois anos de disciplinas teóricas e práticas vinculadas à habilitação, no caso, Jornalismo. Pouco depois, participei do grupo de trabalhou no novo currículo, num processo de discussão interessante cuja coordenação foi da professora Cicilia Peruzzo. E o currículo passou a vigor já em 1984. Ficaria em vigor por vinte anos, até 2004.

Por muitos anos ministrei as disciplinas Técnicas de Administração e Mercadologia, onde explicava como funcionava um jornal, como operavam suas fontes de receitas, como o mercado publicitário funcionava, os esquemas de mídia

etc. etc. O que aprendi nos vários anos e vários veículos em que, como jornalista, cobria a área de publicidade me ajudou muito a dominar o conteúdo da disciplina. Tinha conhecimento, mas praticamente não havia bibliografia. Usei um livro, tradução de uma pesquisadora francesa como referência para mim.

Também fui professor de Legislação e Ética por muitos anos. Valia o que aprendi na Faculdade, valia o que aprendi na vida. Neste caso, foi fundamental estudar muito, bastante. Procurar em livros – e outros textos eventuais, em jornais e revistas - sobre as duas temáticas, já expressas no nome da disciplina.

Mas também, já no segundo semestre de 1982, uma disciplina voltada a produzir o que sempre pensei – e toda a turma pensou - ser o primeiro jornal laboratório da história do curso. Pode não ter sido, mas só fui saber ao ler o livro “Balzaquiano” realizado por alunos com a coordenação do prof. José Antonio Martinuzzo.

Segundo o livro Balzaquiano, o primeiro jornal laboratório tinha o nome Impresso Dois (mas reunia alunos das disciplinas Impresso Um e Impresso Dois) e teve como orientadores os professor Hesio Pessali, Sybila Baeske, Tania Mara Ferreira e David Protti.

Um exemplo da precariedade da Ufes, do CCJE e do nosso departamento ainda muito novo era a única sala de aula para atividades práticas. As máquinas de escrever que usávamos tinham carros enormes pois foram compradas inicialmente para que o curso de Ciências Contábeis e suas enormes planilhas. Não pensem em Excel, que isso viria muito depois. Para caber aqueles papéis imensos, as máquinas de escrever precisavam ter um carro – aquela peça que se move a cada toque de letra, será que deu para entender? - imenso. Para nós, que usávamos laudas, esses carros tão largos eram dispensáveis. Nas aulas práticas, os alunos precisavam passar com cuidado entre as carteiras, pois os carros, enormes, invadiam o corredor.

Laudas, quem se recorda? Precisamos localizar, escanear, documentar. Sou obcecado pela documentação histórica.

Situação que perdurou até a ocasião em que os alunos, revoltados, levaram as máquinas – caindo aos pedaços - à reitoria e as abandonaram lá. A manifestação

ficou conhecida como “o enterro das máquinas”. Deu certo, a Universidade comprou máquinas novas de escrever para nossas aulas práticas.

Penso importante um esforço para encontrarmos quem tenham estas edições, tentarmos restaurar, escanear, enfim, recuperar e documentar estas histórias que fazem parte da História da Ufes e do departamento, do nosso curso de Comunicação com habilitações e dos nossos cursos de hoje. Documentar esta memória, tenho a convicção, é muito mais importante do que identificar um pioneirismo sem valor maior. Mas para mim, foi um enorme prazer e uma honra, encontrar alunos já no final do curso (possivelmente sétimo período) e com eles organizar uma revista que ganhou o nome de *Soesta*. O nome indicava. Era uma única edição. Isso, logo naquele meu primeiro semestre como professor. Mas aquela minha primeira turma tinha alunos brilhantes. Destaco Carlos Tourinho (*in memoriam*), Anibal José de Souza (hoje servidor técnico-administrativo concursado da Ufes), José Carlos Mattedi (acadêmico da Academia Espírito-santense de Letras), Marco Antônio Antolini (secretário de Comunicação na Serra por várias gestões consecutivas, hoje na Tribuna), Sueli Campo (das pioneiras em tentar seguir carreira em São Paulo), Giovandro Marcus Ferreira (foi professor na Ufes, migrou para a Bahia, foi diretor da Faculdade de Comunicação da UFBA. É professor titular.). Sim, Giovandro Marcus Ferreira, o hoje presidente reeleito da Intercom já professor titular na UFBA foi meu aluno.

Existe algo mais gratificante para um professor do que ser superado por um aluno? E Giovandro me superou, assim como Iluska Coutinho na UFJF e Josenildo Luiz Guerra, na UFS, o que vejo como incrivelmente gratificante. Semelhante a ser vencido numa partida de xadrez por um filho. Quantos jornalistas fizeram carreira brilhante no Brasil e no ES? Leonencio Nossa no Estadão, Rodrigo Rangel em vários veículos, hoje à frente de Crusoé, Sergio Lyrio, editor-chefe de Carta Capital, para citar os que saíram do estado e hoje são jornalistas reconhecidos nacionalmente. Sempre com as desculpas por eventuais esquecimentos. Nem cogitar nomear os jornalistas brilhantes daqui. A lista é imensa.

Vou dar um salto imenso no tempo, mas é o caminho para tratar das disciplinas ministradas. Com o novo currículo, implantado em 2005, o curso mudou bastante. E uma nova mudança está por vir. Mas até então os estudantes tinham dois anos só de disciplinas teóricas e os dois anos seguintes com disciplinas

práticas. E nas disciplinas teóricas, nenhuma tratava especificamente do jornalismo, todas da comunicação um campo abrangente que reúne profissionais muito diferentes. Um cineasta, um radialista, um publicitário e um jornalista são todos profissionais da comunicação. Nunca entendi o nome comunicador, mas não é este o espaço para se alongar nesta discussão. Na verdade, em boa medida este currículo de 2004 implantado a partir de 2005 incorpora boa parte das discussões onde o Observatório da Imprensa era um espaço relevante para o debate, a criação do Fórum de Professores de Jornalismo, precursor da Abej e da SBPJor também eram evidências de como o tema envolveu professores e pesquisadores da área.

Mas penso que do conjunto de disciplinas que ministrei, uma única delas me parece merecedora de uma referência mais detalhada. A ementa de Laboratório de Jornalismo Impresso citava a necessidade de um jornal com periodicidade regular.

Eu entendia aquela disciplina como a única que via o jornalismo como uma atividade que trabalha com prazos rígidos e estrutura de equipe. Na primeira aula sempre comentava que, se um grupo pretende caminhar unido, necessariamente obrigará todos a caminhar na velocidade do mais lento. Um jornal é um trabalho de grupo, mas com a velocidade pré-determinada, de forma que é fundamental que cada uma das tarefas tenha um prazo rigoroso a ser cumprido, o que obriga sempre a ter soluções para os atrasados. Como é a velocidade determinada pelo cronograma, neste caso, os mais lentos ficarão de fora.

Estou me referindo a jornais impressos, mas vale também para tevê e outros que seguem a matriz da ideia de jornada, matriz do jornalismo. Alberto Dines sempre observava a felicidade dos espanhóis no uso de periodismo, destacando a periodicidade, independentemente de ser diária, semanal, mensal ou qualquer outra para dar os exemplos mais comum dos impressos, jornais ou revistas.

Descumprir um prazo não é um prejuízo individual, mas coletivo. Todo o grupo apostava num jornal, com um conjunto de matérias todas pré-determinada para que se entenda a necessidade de equilíbrio, de diversidade de pautas, de assuntos etc. E não há como ter reserva para cada uma das matérias. Aliás, houve uma vez que pude realizar a escolha da gráfica da mesma forma que fazia com o informativo da universidade. Entregávamos o arquivo em datas certas. Não

entregasse o arquivo na data, não teria o jornal. A gráfica já tinha reservado um horário em suas máquinas e seria complicado deixá-los sem atividade.

Criamos o jornal No entanto. Foram poucos os semestres em que conseguimos produzir de fato seis edições regularmente quinzenais. Mas para mim estes deram aos alunos um aprendizado importante de responsabilidade profissional. Não foi grande coisa, mas demos alguns furos relevantes e lembramos fatos que merecem uma avaliação. E, logo com a primeira turma, em 2005 e, novamente, em 2013, paramos tudo para cobrir o movimento que, no dizer do título da edição de 2005, “sacudiu Vitória”. Na edição de oito anos depois, o título conseguiu sintetizar “Junho 2013”. Fomos os primeiros a mostrar o cantor e compositor Silva; fomos pioneiros em imprimir a palavra bullying. Recordamos a morte de Aracelli em duas edições. Desvendamos segredos da construção do novo aeroporto e da nova ponte da Passagem. Esta, nasceu como uma doação da Arcelor para a cidade, toda feita em aço. Quando se fundiu com a indiana Mittal, roeu a corda e negou fogo. A ponte em aço foi construída por outra siderúrgica e a conta ficou para o município de Vitória e o estado do ES. Penso em acessar a coleção para lembrar mais edições importantes.

Foi um jornal laboratório que não excluiu o Primeira Mão, já com uma boa história. Infelizmente, a magia que durante muito tempo o impresso produzia em quem o fazia – e em tantos outros - terminou por minguar com as novidades tecnológicas que sobrevieram. Mas vale tentar recuperar os PDFs sobreviventes e escanear as edições sem PDF acessível. Tanto do Primeira Mão como do No entanto, assim como do Impresso Dois e da revista Soesta, de 1982. Esta é uma memória a merecer registro documental.

Não é de surpreender que boa parte da vida na universidade na década de 1980 foi dividida com redações. Também com a atividade política vista em amplitude; o movimento docente em especial.

As tensões que hoje dividem as pessoas no jogo político na planície não chegavam às administrações, sejam as reitorias ou os governos, ainda dominados por indicados políticos. Afinal, a ditadura já estava em seus estertores, mas seguia no poder. O sindicalismo e os grupos mais ou menos organizados que enfrentavam

a ditadura agiam cada vez mais abertamente. Lutava-se por eleições diretas para reitor, até então, nomeados a partir de uma lista elaborada pelos conselhos.

Assim, participei de um grupo que disputou a diretoria da Adufes. Perdemos uma vez; ganhamos na seguinte. Na primeira vez, para minha surpresa, propus o que fizemos para o sindicato de jornalistas de São Paulo no MFS. Divulgamos amplamente a ideia e um número expressivo de professores votaram em nomes de colegas para compor a chapa. Os nomes de maior votação viriam a ser os diretores, o mais votado, o candidato a presidente. Foi uma ação que sacudiu a universidade.

A sugestão foi minha, não a ideia. A chapa para a Adufes presidida por Izildo Correia Leite, surpreendentemente, teve um número de votos exatamente igual à de pessoas que votaram para montar a chapa. Chamava-se chapa Movimento. Alguém teria documentação? Talvez ainda encontre em meus papéis. Recordo-me que fizemos ao menos um impresso em formato A4 ou próximo, com as propostas, os nomes e até mesmo uma foto dos membros da chapa. Penso que seria importante localizar, escanear e disponibilizar todo este registro documental destas histórias.

Eleições são movidas por vários jogos de interesses e opiniões muito complexos, que a chapa não soube compreender. Éramos ingênuos politicamente, e enfrentávamos uma chapa com militantes mais aguerridos e experientes. A chapa vencedora foi presidida por Standard Silva, professor do departamento de Matemática.

A ela queríamos confrontar uma chapa mais ampla, que envolvesse o conjunto dos docentes e dos seus interesses. Nós fomos ousados em mobilizar colegas e organizar um movimento amplo. Os adversários foram consequentes em convencer os colegas que votavam – voto na Adufes nunca foi obrigatório. Mas fiquei surpreso em propor um jeito tão ousado de montar uma chapa e... ser aceito com entusiasmo pelo grupo. Aliás, os caminhos políticos de cada um depois disso foram muito distintos. Em alguma medida, comprova o quanto era uma chapa ampla.

Mas o mesmo grupo, grosso modo, venceria as eleições seguintes, numa chapa com o prof. Luciano Varejão, do departamento de Engenharia Elétrica como presidente. Eu era segundo secretário na chapa, se não me engano. Publicamos uma revista interessante (tenho comigo o exemplar número um), enfrentamos embates relevantes.

Mas o primeiro secretário seria uma pessoa com a qual eu teria uma relação difícil pois trabalhava com uma lógica distinta da nossa, muito apegado ao poder e a pequenas e grandes sinecuras advindas do fato de ser um dirigente sindical. Tivemos um conflito. Não me recordo se ele pediu demissão da chapa, penso que sim. Eu tive o apoio de todos os demais diretores, solidários neste meu embate em defesa de comportamentos mais adequados.

Este secretário era José Weber Freire Macedo. Viria a ser reitor por dois mandatos. E ganhou as primeiras eleições vencendo exatamente as chapas encabeçadas por candidatos mais progressistas. Mas a politização intensa e a dificuldade de agregar os diferentes – situação hoje no paroxismo – já na época fazia parte da cultura política.

A diretoria fez um esforço para realizar uma gestão de uma Adufes agregadora, mobilizadora das causas específicas e gerais. Fazíamos greves regulares, por interesses específicos, mas buscávamos estimular ações que somassem com todos nos esforços para derrubar a ditadura.

Foi nesta nossa gestão que sediamos um congresso do Andes (Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior), na época ainda no feminino, não era ainda sindicato, mas uma associação. Talvez o mais importante destaque deste congresso tenha sido a presença do então já ex-metalúrgico e presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Falou no Colégio do Carmo, muito perto de onde existiu o Britz Bar, espaço famoso da juventude, dos jornalistas e dos boêmios daqueles tempos.

(Quando voltava da prova didática para Vila Velha, bem antes da terceira ponte, parei no Britz e tomei uma dose de uísque ou algo assim. Queria conhecer. Queria relaxar.)

Quando cheguei na Ufes, o reitor era Rômulo Penina. Logo depois, encerrado seu mandato, vem o reitor Saad Abi-Zaid, engenheiro, simpático e agradável, que, nas condições e com os desafios da época foi um bom reitor. Seria sucedido por Rômulo Penina, que seria reitor mais uma vez, o primeiro eleito diretamente, se a memória não erra, sempre vale o registro. Docente do departamento de Física, o professor Klinger Alves viria a ser o sub-reitor de graduação (esta era a denominação) no seu mandato.

Quando falo em memória, vale observar – para as várias ocasiões em que preciso me proteger com este adendo - que busquei informações na página da Ufes e em outros espaços eletrônicos, mas não encontrei. E, se iniciei este memorial ainda em 2019, quando já podia apresentá-lo, deixei a busca de documentos para depois. Com a pandemia de covid-19 tudo ficou mais difícil.

Cheguei ao Espírito Santo num momento de enorme crise no Partido Comunista Brasileiro, ainda na clandestinidade, mas operando abertamente, embora não se identificando, senão por alguns militantes, a maioria dirigentes. Pouco antes, Prestes divulgara sua famosa Carta aos Comunistas, onde rompia com o Comitê Central. Um outro conflito tomava forma já claramente, opondo, grosso modo, aqueles que fizeram a luta de massas no Brasil e os dirigentes, digamos, tradicionais, boa parte clandestina e vinda do exílio com a anistia, e que tinham o controle da máquina partidária.

Em 1983, um grupo expressivo de militantes, boa parte de intelectuais, lança um documento aberto questionando as lideranças tradicionais e informando desligamento do partido. Dentre eles, Davi Capistrano da Costa Filho, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira, Milton Lahuerta e Luiz Werneck Vianna. Assinei este texto, o primeiro documento público em que assumia minha militância em partido político proscrito. E dele me desligava.

Pouco depois, é lançada uma revista renovadora, crítica, inteligente, pluralista e generosa. Presença. Meu nome constava no Conselho Editorial, assim como do médico Ildeberto Muniz de Almeida, hoje professor na Unesp em Botucatu. Éramos os dois do ES. A revista era muito bem recebida na Ufes e teve uma repercussão positiva muito interessante. Tinha orgulho de vendê-la entre colegas, de ter meu nome no Conselho Editorial. Escrevi um único artigo, quase anódino, em coautoria com o prof. Ildeberto Muniz de Almeida. A revista circulou de 1983 a 1988. Devo ter a coleção completa. Certamente muitos exemplares.

Desde o primeiro número, a revista veio com muito impacto. Havia um leve tom acadêmico, mas embora densa era dirigida à sociedade, não à academia. Incomparável, mas em boa medida inspirada na Rinascita, publicação teórica do PCI à época.

Incrível conciliar tantas atividades. Mas boa parte delas fiz acumulando a vida acadêmica na Ufes como professor em 20 horas com as redações dos jornais locais.

Ainda em 1982, fui chamado para trabalhar em A Gazeta. Ocuparia a vaga decorrente da morte de José Beato, um jornalista filho do pastor Joaquim Beato. Trabalhei como redator na editoria de Economia. O editor era Orlando Eller, os repórteres Fred Brum, Cáqui (Carlos Henrique Gobbi) e outros. Também como redator, José Artur Boga, também professor na Ufes, do departamento de Letras. Outra professora da Ufes na Gazeta foi Bete Rodrigues, na época editora de Geral.

Na minha experiência como jornalista em São Paulo, nunca vivera a cozinha das redações. Fazer títulos com número certo de toques, textos de chamadas com número exato de caracteres, linhas finas e legendas, todos com a necessária precisão de linguagem e adequação ao padrão gráfico. Os textos curtos que fazia quando na agência O Globo podiam ser uma primeira experiência. Os demais não eram jornais diários.

Naquela redação, conheci muitos profissionais de excelente qualificação e confirmei a surpresa positiva que tive ao conhecer A Gazeta. Conhecia alguns jornais locais do Mato Grosso do Sul, do Rio Grande do Sul e outros lugares onde viajara. Outra obsessão: sempre quando fora de São Paulo, buscava comprar em banca e conhecer o jornal local. A Gazeta me surpreendeu positivamente quando comecei a lê-la com regularidade e confirmei ao ver o profissionalismo e qualificação da equipe.

Contraí hepatite na virada de 1982 para 1983. Em 1982, a redação ficava no Edifício A Gazeta na rua General Osório. Quando retornei em 1983 já era uma redação moderna em Bento Ferreira, onde o grupo permanece até hoje. Era cansativo trabalhar de 7h às 11h na Universidade e depois de 18h às 23h. Terminei saindo do jornal e retornando às 40 horas semanais na Ufes.

Mesmo assim, em 1986, novamente caí em tentação. O jornal A Tribuna, que fora fechado durante uma greve em 1983 ou 1984, voltaria a circular. No decorrer de 1986, mantive conversas regulares com João Luiz Caser e Eustáquio Palhares, com quem planejávamos um retorno do jornal impresso. A Gazeta não apenas dominava o mercado. Mas trabalhou durante mais de três anos circulando sem concorrência.

Quando A Tribuna voltou, voltou pequena, com uma equipe tão reduzida, quanto aguerrida.

Queríamos um jornalismo menos viciado, fizemos uma opção para trabalhar exclusivamente com jornalistas sem experiência prévia, com umas poucas exceções, no Esporte e na Polícia. Com poucas exceções, todos os repórteres tinham sido meus alunos e aquela seria a primeira experiência deles em jornal. Apostei nessa ideia e entendo que acertei.

Foi uma experiência tão rica e estimulante quanto aquela de A Gazeta, mas com circunstâncias diferentes e desafiadoras. Era um jornal pequeno, com uma redação mínima, formato tabloide, boa influência da Folha, experimentando aquilo que Carlos Eduardo Lins da Silva chamaria de Mil Dias, mas também com consultoria de Alberto Dines. Roubei uma (tenho comigo), considerei interessante, vi um outro Dines, em trabalho de consultor atendendo a um convite de uma empresa, mas não me desapontei, pelo contrário, aumentou minha admiração por ele.

Fui contratado em 1º de dezembro, fizemos algumas edições piloto, o jornal voltou a circular no dia 1º de fevereiro. No mesmo dia em que a Assembleia Constituinte eleita em 1986 iniciava seus trabalhos.

Fui editor de política e editor de primeira página e opinião. Gostei de ambas, mas como editor de opinião e 1ª página cuidava dos artigos assinados, redigia os editoriais do jornal diariamente – sim, A Tribuna tinha editoriais – e então circulava pelas diversas editorias, conversava com cada um dos editores e ia selecionando o que teria chamadas na primeira página. Era mais exigido, era agradável, fazia com muito gosto. Penso que devia ser um texto entre 4 a 5 mil caracteres.

(Algo como três laudas. A lauda tinha 20 linhas de 72 toques cada uma. Daria 4.320 caracteres. Mas incrível novidade: A Tribuna voltava a circular em 1987 já com terminais para os jornalistas. Eu só teria meu primeiro computador em 1989.)

Mas escrever um editorial era prazeroso.. Era livre para escolher o assunto e a abordagem, mas conversava frequentemente com Eustáquio Palhares. E tinha que fazer rápido para estar disponível para fazer a primeira página. A manchete, as chamadas etc. Cheguei a fazer editoriais em 15 minutos. Claro, assuntos que dominava, opiniões que em boa medida compartilhava. Montava um raciocínio e sentava a pua. As poucas pessoas que liam, gostavam.

Mas também foi bom editar política. Tinha apenas dois repórteres e um redator, era uma equipe mínima. Um repórter ia para o Palácio Anchieta, o outro ia para a Assembleia Legislativa. Mudava apenas quando aparecia pautas diferenciadas, questões partidárias etc.

Refleti sobre esta experiência e produzi um primeiro texto sistematizando o que pensava do jornalismo capixaba à época. Texto que circulou muito restritamente em versão preliminar e segue sem maiores divulgações. É um texto inédito, feito como que um testamento profissional de um jornalista que, intuía eu, estava naquele momento abandonando as redações.

Fiz seleção de mestrado na PUC de São Paulo em Ciência Política e fui aprovado. A orientadora seria Vera Chaia. Também fiz seleção e fui aprovado na ECA-USP e a orientadora, por uma dica fantástica da profa. Cicilia Peruzzo foi a profa. Alice Mitika Koshiyama, uma dica certa. Desde o primeiro momento, tivemos uma boa identificação e a partir daí, Alice tem sido uma parceira e estimuladora de minhas atividades. Mesmo que mais ou menos afastados, os encontros sempre são muito agradáveis, mas sobretudo, enriquecedores. Alice tem cabeça aberta para ouvir e pensar com gosto em raciocínios fora do lugar comum. Nisso e em tantas outras coisas nos identificamos.

Queria estudar a revista *Veja* e as eleições presidenciais que ocorreriam naquele ano de 1989, de tantas e tantas turbulências no Brasil e no mundo. O Brasil, que aprovara sua constituição nova em outubro do ano anterior, vivia os estertores do governo Sarney e as movimentações para a campanha presidencial, que se mostrariam trepidantes, com um número de candidatos enorme. Como eram eleições solteiras e já havia legislação prevendo dois turnos caso ninguém conseguisse a maioria absoluta dos votos, muitos se lançaram candidatos.

Fui fazer uma dissertação em tudo diferente do que pensava. E foi saindo aos poucos, no geral lendo e escrevendo solitariamente. Por vezes conversava com minha esposa, mas concluídos os créditos, os encontros com Alice eram semestrais, imagino. Mas sempre muito agradáveis, ricos, inteligentes, produtivos. Os tempos eram outros. O limite para concluir um mestrado era de, pasmem, sete anos. Os docentes podiam se afastar por até três anos. As dissertações eram mais densas,

mais trabalhadas, mais cansativas. Muitos desistiam; muito diferente de hoje, em vários aspectos.

No primeiro semestre tive aulas com Gaudêncio Torquato e Maria Immacolata na ECA-USP. Gaudêncio deu uma disciplina de marketing político, muito interessante. Maria Immacolata, que acabara de lançar seu livro seria a professora de metodologia. Gaudêncio fora meu professor na Cásper Líbero, fora sócio de Carlos Eduardo Lins da Silva numa empresa de jornalismo empresarial chamada Proal que chegou a lançar uma publicação sobre comunicação se não engano intitulado cadernos Proal.

Immacolata é muito séria e dedicada e domina metodologia de forma brilhante. Mas sua disciplina ainda tinha a vantagem de socializar um pouco os mestrandos. A turma tinha algo como 20 a 25 alunos, talvez até um pouco mais, e a grande maioria ingressara no mestrado no início daquele ano. Não cito nomes, mas até hoje encontramos em congressos e outras atividades acadêmicas colegas com quem cruzamos pela primeira vez na sala de aula de Immacolata. E temos boas lembranças.

Fora da ECA, na FFLCH - conhecida como fefeleche -, fiz uma disciplina de teoria Política Contemporânea com Francisco Weffort, que à época era o secretário-geral do PT e cinco anos depois viria a ser o ministro da Cultura de Fernando Henrique Cardoso e permaneceria na pasta durante todos os oito anos dos dois mandatos. Foi talvez um choque encontrar um professor com tanta cultura, tanto conhecimento, tanta leitura e, ao mesmo tempo, tanta discrição. As aulas tinham quatro horas. Nas duas primeiras, os alunos apresentavam seminários e neles eram muito, muito interrompidos pelo professor.

Na segunda aula, que se iniciava as 16h e se estendia até 18h e frequentemente passava disso, Weffort era um professor inigualável e único. Ministrava uma aula expositiva, a turma em roda, como na primeira parte, o professor sentado a expor arrazoados complexos e raciocinar em voz alta. Descia a detalhes do pensamento de cada autor, ajudava a compreender a obra estudada, a relação com outros autores e teorias, realizava sínteses incríveis. Um enorme aprendizado. Com frequência, voltava ao livro daquela semana ainda antes de me dedicar ao texto da semana seguinte. Cursei aquela disciplina com enorme gosto. E,

na turma, muita gente boa. Aluno de Comunicação, somente eu. Os demais, alunos de Ciências Sociais, ou alguma outra do campo das ciências humanas.

Weffort permitia algumas interrupções, mas contextualizava o livro e o pensamento em que a gente se debruçava naquela semana, levantava questões, comentava livros. Tinha um olhar focado, mas amplo e abrangente. A turma ficava em silêncio, anotando, em fruição daquele conhecimento sem afetação, tranquilo, generoso. Claro, aqui ou ali interrupções para perguntas ou maiores esclarecimentos. Vou citar um colega que participava ativamente, Weffort gostava de dialogar com ele. Valerio Arcary era e segue sendo um trotsquista.

O trabalho final da disciplina foi um texto sobre o processo de Glasnost e Perestroika na União Soviética com Gorbachev à frente. Cogitei no texto que apresentei um desfecho em tudo diferente do que ocorreu. Posso ter sido superficial. Mas tenho até hoje o texto que apresentei como trabalho final e gosto dele. Mas relê-lo, conhecendo como a história se desenrolou, provoca, por um lado, um estranhamento (como fui pensar outro desfecho?); e por outro, uma compreensão de como havia lógica naqueles movimentos operados pelo alto por Gorbachev. Ele tinha um grupo de teóricos que o alimentava, numa vertente marxista talvez heterodoxa, mas a história movimentou-se diferentemente do esperado. E a compreensão da realidade pelo dirigente soviético era correta no apontar erros, mas equivocada ao cogitar a possibilidade de consertar pelo alto.

O ano de 1989 foi turbulento e surpreendente. Durante o período da disciplina, 1º semestre, o mundo foi sacudido com as manifestações na praça da Paz Celestial em Pequim que viria a ser duramente reprimida, episódio que se tornou conhecido como “O massacre da praça da Paz Celestial”, inclusive com uma imagem fotográfica icônica de um chinês frente a um tanque.

As discussões e reflexões sobre os duzentos anos da tomada da Bastilha, gatilho da Revolução Francesa, terminariam sendo abafados pelos movimentos na capital chinesa, e no lado de lá da guerra fria, embora não estivesse na cogitação de ninguém – talvez uns poucos - que em novembro o muro de Berlim deixaria de existir. E no Brasil, eleições presidenciais, enfim!! Quem lembraria que a Revolução Francesa completava dois séculos?

No segundo semestre, fiz uma disciplina com Alice Mitika Koshiyama, ocasião em que fui colega de turma de Bernardo Kucinski, também orientando de Alice. A disciplina tratava de Jornalismo, História e Memória. As leituras do semestre anterior, mais aquelas específicas da disciplina, abriram um horizonte de informações e conhecimento extremamente ricos para mim. Vale lembrar que naquele texto que escrevi sobre minha experiência e minhas reflexões no jornalismo capixaba já tinha a expressão direito à informação, que seria certamente uma questão central e decisiva no conjunto dos meus estudos no decorrer destas, praticamente quatro décadas de vida acadêmica. Mas aqueles semestres me deram sobretudo disciplina de estudo, talvez a razão maior da realização da dissertação. Uma disciplina que se perdeu nos anos subsequentes e que foi retomada apenas em parte no doutorado.

Um dos colegas nesta disciplina era Bernardo Kucinski. Já escrevera vários livros, fora um repórter no Brasil e na imprensa internacional. Estudava a imprensa alternativa dos anos 1970 – cuja obra segue sendo a principal referência sobre a questão. Na qualificação, a banca entendeu que por tudo que fizera e pelo que se propunha a fazer, poderia ser uma exceção e fazer doutorado direto. Inquestionavelmente merecido.

Outra disciplina foi com José Marques de Melo, onde novamente tive Bernardo Kucinski como colega de turma. Marques de Melo, passara uma temporada na Espanha. Fizemos um estudo comparativo, sob vários aspectos e da disciplina resultou um livro. Evidentemente, coube a mim o capítulo sobre jornalismo impresso diário. É um texto importante, no meu entender. Vale lembrar que a transição espanhola se deu cerca de dez anos antes da brasileira.

Mas os espanhóis vivenciaram uma guerra civil que praticamente exterminou os anarquistas e comunistas e suas famílias. Se a guerra civil opôs republicanos e monarquistas, a morte de Franco fez com que houvesse uma ascensão ao poder do rei Juan Carlos. Foi sob os auspícios do rei que se dá a transição espanhola. Interessante lembrar que o processo de transição da Espanha evidentemente recebeu forte influência da revolução dos cravos em 1974 em Portugal e que ainda vivia anos turbulentos.

Mas a transição espanhola resultou numa emergência de um novo jornalismo. Trouxe inicialmente a revista *Cambio 16* e a seguir o jornal *El País*, este nascido em 1976. No mesmo ano de 1976 e com a mesma perspectiva editorial surge o *La Repubblica* na Itália. (Estava a concluir este texto quando soube dos problemas do antigo rei Juan Carlos na Espanha que precisou se exilar para dar mais tranquilidade ao seu filho. A História sempre pode surpreender.)

A experiência bem sucedida de *El País* e *La Repubblica* animou Mino Carta a lançar no Brasil o *Jornal da República*, que contou também com Claudio Abramo e uma equipe muito interessante. Um jornal diário impresso nacional, denso, sucinto, inteligente. Lamentavelmente fracassou. Teria durado algo como quatro meses de agosto de 1979 a janeiro de 1980. Uma pena.

Tinha alguns exemplares comigo e quase certamente estão na coleção que doei para a BC. Com certeza o primeiro e o último. Pelo que sei foi digitalizado e pode ser acessado pelo site da BN. Excelente material de pesquisa. Se a experiência fracassou no Brasil, conseguiu bons frutos na Europa. O modelo que fora um sucesso na Espanha e na Itália terminou sendo implantando também em Portugal, com o jornal *Público*. Um bocado mais novo. Foi lançado em 1990. Mas são três dos mais importantes jornais europeus. Mas a Europa já tivera a experiência bem sucedida do *Le Monde*, lançado em 1944, no final da guerra na França.

(José Marques de Melo não era conhecido apenas da graduação, assim como Gaudêncio Torquato. Nos meus tempos de repórter que cobria a área de comunicação nos anos de 1977 e 1978, eu fizera matérias sobre os dois primeiros congressos da Intercom. Recordo-me de Sílvia, sua esposa tão gentil e de seu escritório de trabalho alcançado por um lance de escada como que numa edícula ao fundo de uma casa agradável casa. Foi um pesquisador dedicado e um líder incontestado. E soube colocar a Intercom recém fundada na mídia especializada em publicidade. Dou meu testemunho como autor das matérias.)

As disciplinas do mestrado foram cursadas no período riquíssimo entre 1989 e 1990. Já saíra há tempos do Partido Comunista, mas lia com gosto a revista teórica do PCI, intitulada *Rinascita*. Uma revista inteligente, instigante, única. Fora uma das referências do grupo que fizera a revista *Presença*.

Estas leituras e as turbulências políticas vividas naquela quadra histórica muito específica certamente forjaram o caminho que resultou na dissertação que ficou pronta em 1992 e eu defenderia em 1995. (Não esquecer que o Brasil viveu a primeira eleição para presidente depois da ditadura e foi uma eleição solteira com um número incrível de candidatos.) Mas os prazos para mestrado eram longuíssimos e eu entendia que ainda podia melhorar o trabalho. Infelizmente, o retorno à Ufes e um novo turbilhão manteve o texto na gaveta, ops, o arquivo no HD.

Impulsionado pela referência da profa. Immacolata de que fora lançado um livro importante sintetizando as teorias de comunicação em italiano, de autoria de Mauro Wolf, procurei a Livraria Italiana (ficava na av. São Luiz - ao lado da sucursal do JB, perto da sucursal de O Globo, do antigo prédio do Estádio e da sede dos Diários Associados e tantas outras redações no centro de São Paulo) e encomendei o livro intitulado *Teorie della comunicazione di massa*. Comprei um dicionário italiano-português apenas honesto. E numa aventura solitária, peguei a terceira parte e traduzi “na marra”. Nos primeiros dias, era praticamente palavra por palavra consultada no dicionário. Insisti e foi ficando menos difícil gradativamente. No desenrolar, e estimulado pelo que conseguia, fui encontrando um ritmo de tradução relativamente bom.

Fiz outras traduções, tenho uma boa prateleira de livros em italiano. Naquele período fiz uma assinatura da revista *Rinascita*, excelente. Revista teórica do PCI, mas eram suas edições finais. A publicação fundada por Palmiro Togliati deixou de circular em 1990. Retomando: a dica de Immacolata foi certa e acionou um gatilho que me envolveu com a língua italiana.

Curiosamente, praticamente na mesma época em que concluía a tradução da terceira parte do livro, saía a edição portuguesa no Brasil. Comprei, claro, e fui confrontar. Teria encontrado dois erros graves na tradução portuguesa e três erros graves na minha. Também alguns erros menores, no meu entender nas duas. Nada mau. Mas apenas lia italiano. Compreendo e falo com dificuldades. Treinei, solitariamente – um bom bocado – apenas a leitura. Lamento não ter seguido com a mesma disciplina.

Mas, a exemplo de Groucho Marx, neste caso, sou marxista, da linha grouchista. Ficou famoso com a expressão: “Jamais entraria num clube que me

aceitasse como sócio”. Eu não recomendo a minha tradução a ninguém. Mas quem desejar ver, foi das minhas últimas ações ainda em máquinas de escrever.

Logo que retornei do afastamento para mestrado, o reitor me convida para assumir o cargo de assessor de imprensa, trabalhando em seu gabinete. Permaneci praticamente até o final do mandato. Saí um pouco antes pois adoecera com uma hérnia de disco terrível. Foi uma licença médica relativamente longa e o reitor optou por chamar Vera Caser, ex-aluna, para assumir o cargo. Desejava trabalhar na dissertação, mas acumulando a Ufes com a Ufes – 20 horas como assessor – foi difícil dar dedicação.

Não sei se é o caso de me estender nas atividades que executei como assessor. Pode ser banal, mas criei o precursor do atual ex-Ufes Informa. Atual e ex porque retornou com o reitor Reinaldo Centoducatte até recentemente se tornar quinzenal e deixar de circular com a chegada da pandemia.

Não vou alimentar ilusões. Os impressos, já não mais cativam. Não têm futuro. Mas em 1992, o momento era outro. Um informativo impresso, distribuído amplamente nos diversos campi nas manhãs de todas segundas. Assim, era possível editar um informativo muito atualizado – fechava nas manhãs de sextas-feiras e a distribuição era nas madrugadas de segunda-feira. Ainda não havia redes, sequer a internet comercial, mas apenas os professores de exatas tinham e-mail que só trocavam com outros professores, pois ninguém mais a tinham.

Mas houve um esforço no estímulo ao jornalismo científico. Durante a semana de Ciência e Tecnologia no final de 1992 organizei um evento com o professor Manuel Carlos Chaparro da ECA-USP, estudioso de jornalismo científico e o então diretor da revista Ciência Hoje, José Monserrat Filho. A revista Ciência Hoje foi a primeira e muito bem-sucedida experiência em jornalismo científico com características diferentes, pois os textos eram redigidos por jornalistas e cientistas em parceria.

Entendi importante chamar os dois para falar aos pesquisadores da universidade e a jornalistas de forma a estimular um maior diálogo entre os dois. Também editamos o primeiro Guia de Fontes, um livrinho com os contatos de todos os professores que pudessem ser fontes para jornalistas. Mas a vinda de Monserrat

e Chaparro rendeu bem mais. Num almoço no restaurante São Pedro com os dois e os pró-reitores de extensão e pesquisa, Klinger e Mill, Monserrat nos pergunta:

– Vocês não querem sediar uma reunião anual da SBPC aqui na Ufes?

Olhamo-nos e surpresos, ficamos a pensar.

Vitória era uma cidade muito menor que qualquer outra cidade que já sediara uma reunião da SBPC, com menos voos, praticamente sem hotéis, absolutamente incomparável com a Vitória de hoje. Não havia sequer congestionamentos. E a Terceira Ponte tinha sido inaugurada pouco antes em 1989. Hotéis cinco estrelas, tinha o Senac na Ilha do Boi e o Porto do Sol, em Jardim Camburi, recém-inaugurado, de João Dalmácio Castello Miguel. Uma Vitória muito diferentes desta de hoje que é a segunda menor capital do país em população.

Recordo-me de um certo mal-estar quando o professor Wilson Gomes, da UFBA, que foi convidado por mim para uma mesa, hospedou-se num hotel muito, muito simples, perto da rodoviária. Tínhamos dois hotéis igualmente muito simples, no centro da cidade, para a diretoria e seus mais próximos.

A reunião da SBPC foi um sucesso, em todos os aspectos. Naquela semana, e nas que a precederam e as que sucederam, era o grande assunto na cidade, a primeira página nos jornais.

Montamos uma sala de imprensa bem equipada, onde era a (já com o nome pró-reitoria) de Graduação, com instalações telefônicas e fax. Hoje são instalações do Centro de Educação Física e Desporto. Tive algumas conversas com a Rede Gazeta e o jornal produziu um tabloide e o encartou, durante todos os dias do evento. Era um caderno especial com notícias, curiosidades, informações que ajudavam a todos que desejavam participar. Tenho-os bem guardados e encadernados.

Sim, era o governo Itamar Franco, o primeiro, desde que entrara na universidade, em que a Ufes não ficou em dificuldades. Tanto que houve um volume grande de obras na universidade, com uma boa expansão. Desde o ingresso em 1992, Murílio Hingel certamente foi um bom ministro da Educação. O período Itamar foi um momento para respirar entre Figueiredo, Sarney e Collor e depois FHC, com Paulo Renato Souza.

Este período com o reitor Roberto Penedo foi bem profícuo para a universidade. Infelizmente, o grupo desarticulou-se e dele saíram duas candidaturas a reitor, realidade que terminou por beneficiar José Weber Freire Macedo, que faria dois mandatos, em longos oito anos à frente da reitoria e daria continuidade a uma saga que, em boa medida, como se verá mais a frente, segue direcionando os caminhos da Ufes.

Foi ainda neste período que as pesquisas de Iniciação Científica se disseminaram na universidade. A vocação acadêmica era pouco estimulada na época e os interesses em realizar atividades de IC também relativamente precários.

De todo modo, penso que muito menos por mim e muito mais por eles, vale lembrar que meus primeiros orientandos foram Iluska Coutinho, hoje docente em Juiz de Fora e muito ativa na pós-graduação e no ano seguinte, Josenildo Luiz Guerra, cuja pesquisa terminou sendo submetida e premiada como segunda colocada na área de ciências humanas e ciências sociais aplicadas na reunião da SBPC de Vitória. Gratificante saber que alcançaram o título de professor titular antes do professor que os orientaram.

(Raciocinar com a lógica de hoje pode criar embaraços. Observe que tive orientandos de IC e sequer defendera a dissertação de mestrado. Quer dizer, era um graduado. A realidade era outra. As realidades mudam. Naqueles meados dos anos 1990, coisas assim não eram razão para estranhamentos. Basta lembrar que PPGs importantes como os de Ciências Fisiológicas e Físicas foram criados apenas em 1989 e 1992, como comentei anteriormente.)

Falei da dissertação lá atrás. Mas para o rigor cronológico vale dizer que só fui defendê-la em 1995. Tinha expectativa em avançar, progredir, melhorar o trabalho, aprimorar o texto. Mas o texto concluído em 1991 ou 1992 foi exatamente o mesmo que terminei entregando na ECA-USP e defendendo-a. Ficou três anos na gaveta, mas terminou em missão cumprida. Os tempos eram outros e eram diferentes.

A retomada de atividades acadêmicas, após o fim do mandato do prof. Penedo e a defesa da dissertação iniciei um período rico e fértil em atividades, onde desenvolvi vários projetos.

Vale lembrar que, anos antes (agora não saberia precisar, mas vejo como imprescindível retomar e contar esta história) criamos um núcleo de pesquisa (a rigor, não se configurou como núcleo, mas criamos com esta perspectiva) agregando vários pesquisadores em Comunicação. Agregamos alguns poucos de outros departamentos e centros da Ufes, mas conseguimos atrair professores e pesquisadores que trabalhavam na UVV ou na Faesa. Um deles, Edgard Rebouças; outro, Edson Dalmonte. À frente da proposta a profa. Cicilia Peruzzo. Preciso falar algo destes nomes?

O nome surgiu de um briefing divertido numa das antigas salas de aula em um daqueles quatro corredores do CCJE. Vários nomes foram pensados, um deles, Núcleo de Estudos em Comunicação Social, sigla Necso. Alguém pronunciou e foi a professora Sílvia Rachel Chiabai quem viu que a pronúncia dava nexo fazia Nexo. Ainda vieram outros nomes, mas este consagrou-se quase unanimemente.

O Nexo foi muito produtivo nos seus primeiros anos e caminhou em direção a constituir-se num núcleo muito ativo, consistente e fecundo. Não foi sem motivos que o Nexo viria a ser vencedor do Prêmio Luiz Beltrão em 1998, sua primeira edição, na categoria “grupo emergente”. Não é pouca coisa.

Interessei-me pelo estudo de coberturas. Pensei em cobertura quando do meu primeiro projeto de mestrado e, com meu gosto de pesquisa “a quente”, foquei no mais evidente e óbvio: as eleições presidenciais de 1989. Foi o que apresentei à ECA-USP. Ainda o tenho nos meus guardados. Primeiras eleições desde a eleição de Jânio em 1960 e eleições solteiras: disputava-se apenas a presidência da República.

Este interesse em estudar “a quente” permaneceu. Ainda em 1995, escrevi sobre o que era chamado de “jornalismo policial”: o jornalismo sobre violência e segurança pública. Foi um texto beirando o ensaio. A rigor, não houve pesquisa. Sistematizei o que vinha acumulando pelas reflexões imediatas que fazia ao ler os jornais agregando reflexões e conhecimento sobre estudos de violência. Vício de ofício que tenho desde sempre, lia os jornais diariamente. Pela manhã, Gazeta e Tribuna; no fim da tarde chegavam os jornais de Rio e São Paulo. Em geral assinava um único, a cada ano trocava.

Mantinha este interesse em análises “a quente”. Vale explicar. Esta é uma expressão que uso para a coleta dos dados dos jornais no mesmo dia em que os

jornais circulam. Entendo que quando pesquisadores coletam amostras de matérias perdem o olhar sobre o todo e o contexto da conjuntura. Ler o jornal e, na leitura, identificar as matérias que serão analisadas, permite que se aproxime o máximo possível do mesmo olhar que o leitor regular do jornal tem. Torna possível observar que a matéria não teve chamada na primeira página, mas viu também se havia ou não razões para chamar, diante do conjunto da edição.

Gosto do estudo de jornalismo semelhante ao trabalho de arqueólogo, com seu pincelzinho a limpar os achados.

Claro que estou a me referir a um jornal diário que no meu entendimento não existe mais, infelizmente. Mas em 1995 existia e era relevante. De todo modo, seja dita a verdade, atingia um naco do público, relativamente inexpressivo, posto que jornal diário no Brasil nunca foi o que chegou a ser em outros países.

Eu também entendo que pesquisador de jornalismo, necessariamente deve ler jornal de forma regular e sistemática. (Ou ver telejornal, ou outra possibilidade midiática.) Se é assim, só vejo vantagens no que chamo de análise de cobertura “a quente”. Aliás, quando Alberto Dines inaugurou a crítica de mídia no Brasil em 1975, com a coluna Jornal dos Jornais, ele comentava, a cada semana, como fora a cobertura naquela semana. Claro, aqui e ali buscava outra perspectiva de análise. Eu sempre vi nisso um trabalho de pesquisa, mesmo que num sentido ampliado.

Era o meu objeto. Precisando desenvolver um *software*, vendi um projeto à Assembleia Legislativa do ES, à época presidida pelo deputado Ricardo Ferraço. As conversas foram com o assessor de comunicação da instituição, Felício Correa, que no longínquo 1982 tivera a maior votação de um vereador no ES quando se elegeu para a Câmara Municipal de Vila Velha.

(Um aparte. Ano passado, em sala de aula, os alunos ficaram perplexos quando falei em “apagão de informação” e como exemplo perguntei se alguém podia dizer o nome de um deputado estadual. Ou mesmo federal. Um silêncio. Certamente, os jornais não cobrem mais os legislativos locais como já fizeram. Mas também é verdade que a representação vive uma crise que só faz crescer. Não há uma única explicação, mas é preciso atentar para a existência do problema. Mas. falar em cobrir legislativos, é preciso dizer que por muito tempo permaneceu a prática de câmaras municipais – em especial, mas não só - remunerarem ‘por fora’

repórteres que as cobriam. Naquele ano de 1995, já não existia, mas quando aqui cheguei ainda era frequente).

Assim, o projeto vendido à Ales (não era assim conhecida, era Assembleia Legislativa) previa uma entrega regular de boletins à Presidência e a cada um dos 30 deputados sobre quantas e em quais matérias apareciam no noticiário. Quantas e quais em títulos, fotos, legendas, quantas na primeira página. Em páginas pares ou ímpares, no alto ou no pé da página etc. Era um sistema denso, rico. Dois alunos, Leonencio Nossa e Sandro Fuzzatto debruçavam-se sobre os jornais, liam, anotavam rabiscavam e colocavam no sistema. Claro, a ideia de vender o projeto à Assembleia me permitiu contratar dois estatísticos que fizeram um software relativamente sofisticado, com uma tela de questionários amigável. Baseado no Access, da Microsoft. O jornal do dia era analisado no mesmo dia.

A possibilidade de relatórios cruzando o conjunto das variáveis era enorme. Cada deputado recebia um relatório mensal sistematizando e analisando os dados. Era um espiralado com, possivelmente, mais de quinhentas páginas. Tenho alguns ainda comigo.

Com o desenvolvimento do software, e com o domínio dos recursos do Access foi fácil fazer alguns ajustes e, no ano seguinte, analisar a campanha para prefeito na capital. Em 1996, os candidatos eram Luiz Paulo Velloso Lucas e Rita Camata. Venceu Luiz Paulo. Não me interessei em vender o material às campanhas, sequer me interessei saber se havia interesse. Este material terminou rendendo artigos apresentados em congressos.

Seguindo na linha de análise de cobertura em 1996 e 1997 desenvolvi o projeto intitulado Avaliação Crítica do Jornalismo Impresso Capixaba - o jornalismo de saúde e educação, com o apoio do Facitec, agência de fomento da Prefeitura de Vitória. Análise sistemática e regular, durante um ano do jornalismo de saúde e educação. Apontou as principais características e problemas, registrou as demandas de jornalistas, médicos, profissionais de saúde e gestores públicos. O trabalho de saúde gerou um workshop financiado pela Fundação McArthur, num projeto desenvolvido por Bernardo Kucinski. Participaram Andréia Silva Lopes, Ademir Pereira da Cruz Jr e Flavia Fernandes.

Ainda em 1996, impactado com duas perdas terríveis de jornalistas importantes no Espírito Santo, Paulo Torre e Amylton de Almeida, mortos com diferença de poucos dias e ambos com menos de cinquenta anos de idade e também inspirado num projeto similar feito em Minas, fiz um projeto intitulado Memória da Imprensa Capixaba e o submeti à Lei Rubem Braga. Montamos uma equipe boa, com Alba Livia Tallon Bozi, Fernanda Portela, Renata Lopes Nascimento e Yasmine Hofmann. E colhemos depoimentos de 16 dezesseis jornalistas. Foi um trabalho muito interessante, a equipe ficou muito motivada. Boa parte dos depoimentos foram feitos na sede do Nexo, no CCJE.

Muitos jornalistas que vieram conversar com a equipe relataram que passavam na av. Fernando Ferrari e viam as árvores que protegiam a parte frontal da universidade, mas nunca tinham entrado no anel que circunda o campus de Goiabeiras. E informavam a surpresa positiva de fazê-lo, sendo convidados a entrar no campus. Em 2018, recuperamos o projeto e o publicamos em livro, que saiu com o título Memórias da Imprensa Capixaba. Contei com importante ajuda na edição e preparação de originais de Tiago Zanoli e de projeto gráfico e diagramação de Brunella Brunello.

Logo que surgiu, em abril de 1996, com a internet engatinhando no Brasil, comecei a acompanhar muito de perto o Observatório da Imprensa na internet. Na verdade, o Observatório da Imprensa surgira com um grupo em Portugal, e Alberto Dines, quando esteve lá, ficou fascinado com o nome. Nada melhor para explicitar a ideia de crítica de mídia, do que este nome criado pelos portugueses. Ainda em sua coluna na revista Imprensa, Dines assinava sua coluna com seu nome, acrescentando: “do Observatório da Imprensa, em Lisboa”.

Retornado ao Brasil e com o surgimento da internet, foi estimulado por Mauro Malin a criar o Observatório na internet que dava seus primeiros passos no Brasil e no mundo. Alguns jornais também publicavam seus textos em sites na rede. Mas o Observatório da Imprensa é, inquestionavelmente, o primeiro produto jornalístico feito exclusivamente na internet. Em 1998 surgiria o Observatório na tevê e pouco depois, na rádio.

Em pouco tempo, comecei a produzir textos regularmente. Com a ideia de ampliar a abrangência do Observatório, Dines me convida para assumir o que

chamou de Editoria da Área Acadêmica. E assim, meus textos foram se direcionando para temas relativos ao ensino de Jornalismo. Era um tema sensível. Havia – e segue vivo – um debate opondo o campo da Comunicação com a área de Jornalismo. Penso não ser o caso de me estender nesta questão, mas entendo – faço aqui uma apresentação simplificada evidentemente - que a comunicação como campo de conhecimento e o jornalismo como uma atividade profissional – profissão – e como um objeto a ser estudado. Mas não via grandes razões para tensões. Eu sempre passava tangencialmente pela Comunicação, mantinha o foco no Jornalismo, mas nunca vi conflito. Todos seguiam como pesquisadores ligados ao campo da Comunicação. Nunca vi nada de excepcional nisso.

Há várias maneiras de entender como deve ser o ensino de jornalismo, grosso modo, colocando em campos opostos aqueles que priorizavam as técnicas profissionais aqueles que entendiam a formação humanista como merecedora da devida ênfase.

No final do ano de 1996, estabeleci um bom diálogo com o diretor de redação que substituiu Paulo Torre após sua morte, o jornalista Ariovaldo Bonas, que veio de São Paulo. Tivemos uma identificação de pensamento e conversávamos com regularidade. Em certo momento, não sei dizer se foi iniciativa minha ou dele, começamos a pensar num curso para os alunos recém formados e finalistas, a exemplo de cursos similares já feitos na Abril, na *Folha*, no *Estadão*, no *Globo* e em outros jornais. A ideia era de um curso de especialização, que, de fato, os alunos saíam com um título de pós-graduado, lato-senso.

Concebi um projeto, mostrei a Ariovaldo Bonas, que fez alguns ajustes e possivelmente conversou com Cariê e talvez Café. A forma como são chamados, respectivamente Carlos Fernando Lindenberg Filho, diretor-presidente da empresa e Carlos Fernando Lindenberg Neto, que viria a ser seu sucessor no comando da empresa. Consegui fechar um projeto com A Gazeta.

Enfrentei dois problemas. O primeiro é que no serviço público um processo como este tem que ser previsto com muita antecedência, pois a tramitação é demorada. O segundo é que, ao apresentar o projeto ao departamento, o primeiro passo da tramitação, houve resistência no departamento. A relação entre a academia e o mercado sempre teve tensões no campo da Comunicação em geral e

do jornalismo em particular. Aquele projeto não teria uma aprovação fácil, pelo contrário. Teria logo de partida muita discussão e alguns questionamentos. Preciso recuperar este projeto original. Não encontro nos meus arquivos eletrônicos, num mundo, onde eu já salvava tudo, mas, ao contrário de hoje, ainda imprimia como segurança, o que me dá algum otimismo.

Fizemos o que foi possível. Um curso de especialização tornou-se um curso de extensão. Foi uma experiência da qual me orgulho muito. O tempo corria, e o curso foi realizado do dia 2 ao dia 20 de dezembro de 1996. O nome era simplesmente “Curso de Extensão em Jornalismo Impresso A Gazeta Ufes”,

Dentre as inúmeras feras, vale destacar Alberto Dines, cuja aula tinha como título: “O Jornalismo como Serviço Público”. O sociólogo e cientista política Luiz Werneck Vianna apresentou o tema “O Brasil no contexto da nova globalização da economia”. A jornalista Dora Kramer, falou sobre Jornalismo Político, o jornalista e professor da eca-usp Bernardo Kucinski, sobre Jornalismo Econômico. José Coelho Sobrinho conversou sobre Novas tendências em planejamento gráfico; Mauro Malin analisou o tema “As novas tecnologias e o futuro do jornalismo”.

E era o início da internet. Luiz Garcia, na época com enorme responsabilidade no jornal O Globo debateu “A importância da qualidade no jornalismo e a ética profissional” Teve também os jornalistas Igor Fuser e Fabio Altman que falaram de grandes reportagens e entrevistas. Os alunos foram conhecer a área carente de São Pedro para fazer reportagem sobre o projeto Habitat II. Também à sede da Escelsa, então empresa de energia elétrica e o governador da época, Vitor Buaiz, do PT, concedeu uma entrevista coletiva aos alunos. Foi um processo muito interessante.

Daqui do ES, as professoras Andréia Grijó e Ana Lucia Junqueira. Ministraram respectivamente “Maratonas de Português e Matemática”. E os professores e pesquisadores Orlando Caliman e João Gualberto Vasconcelos trataram da “Realidade Econômica e Social Capixaba”.

Um outro ponto merece registro. Nas conversas com a Rede Gazeta, mesmo se saísse o curso de especialização, não contrataríamos fundação de apoio. Nenhum dos convidados recebeu remuneração, mas A Gazeta bancou bilhetes aéreos e hospedagem para os convidados de fora. Foi um convênio que realizou um projeto de extensão e dispensou intermediação, pois a Gazeta bancou todos os

custos de forma direta. Coube a universidade oferecer sala de aula – se não estou enganado - e a infraestrutura básica para as aulas.

(Preciso consultar ex-alunos do curso para conferir se as aulas foram na Ufes ou na Gazeta.)

Já em São Paulo, afastado para doutorado, a experiência em projetos de acompanhamento de mídia e em especial, o fato de ter desenvolvido um software de banco de dados que auxilia muito uma pesquisa deste tipo, fui convidado para integrar um grupo que acompanharia as eleições presidenciais de 1998. Participei de várias reuniões com pesquisadores que trabalharam no projeto em São Paulo, onde participavam Daniel Herz (saudoso), Christa Berger (UFRGS), Fernando de Almeida Sá (PUC-RJ) e Maria Imacolatta Vassalo de Lopes (ECA-USP) e desenvolvemos o projeto de pesquisa intitulado A mídia nas eleições.

Durante o último mês de campanha, desenvolvemos um projeto piloto na Ufes. Analisamos os jornais diários mais relevantes e os principais telejornais. Foi difícil, mas consegui com um profissional um esquema em que se gravariam (fitas cassete) todos os telejornais da noite, que seriam analisados de imediato no dia seguinte. Reuni um grupo de estudantes da Ufes que trabalharam durante um mês no projeto. Eram Adriana de Lima Barbosa, Fernanda Portela, Gleberon Coutinho Nascimento, Jovana Moreira, Julio Cesar de Oliveira Valentim, Luzia dos Santos Arnaldi, Maíra Pires Cabral Piccin, Maíra Pizzeta Dias, Mariana Salim Prado, Rafaela Sibien Marquezini, Sheila Machado Gomes, Silvio José de Alencar. Conseguimos um espaço especial no CCJE, fora da área da comunicação. No prédio que ficava entre os prédios do Direito e do Serviço Social.

Fui para São Paulo realizar o doutorado em 1997. Alice Mitika não tinha vagas e sugeriu Bernardo Kucinski, que fora meu colega no mestrado e já era professor na ECA-USP. Já conhecia desde seus textos em Opinião e Movimento em que colaborou intensamente. Eram jornais alternativos da década de 1970 que lia avidamente. Depois estudou o fenômeno no doutorado. Interessante a relação pessoal que tive com Bernardo Kucinski, conhecido como uma pessoa de difícil trato. Aliás, ele mesmo intitulou um livro com a expressão “Cartas ácidas”. Acrescentou que Lula dizia que ele era assim: “espreme e sai vinagre”.

Pode ser verdade, deve ser verdade. Ele foi muito rigoroso e não media

palavras ao comentar meus textos, à medida que ia os apresentando. Mas eram conversas extremamente tranquilas e agradáveis. O que não significava concordância, mas um debate rico, instigante, desafiador. Confrontávamos respeitosa e pensamentos diversos por vezes contraditórios.

Penso que já produzira um breve texto sobre Jornalismo e Saúde, tendo-o apresentado no Congresso de Jornalistas de Língua Portuguesa em Lisboa. Foi uma viagem interessante. De Vitória, fomos Carlos Tourinho, Edgard Rebouças e eu. Tourinho era apenas um jornalista da tevê Gazeta, mas ali já se insinuavam indícios da vocação acadêmica que iria desenvolver. Edgard Rebouças era professor da Faesa.

Meu orientador, Bernardo Kucinski era bolsista da Fundação MacArthur. Quando soube que eu tinha estudos sobre Jornalismo e Saúde, Kucinski organizou comigo em Vitória um workshop reunindo jornalistas e profissionais de saúde, de forma a criar uma interlocução mais rica e produtiva. Infelizmente foi um acontecimento muito pontual e restrito.

(Voltaria a Portugal em 2001, a convite da Alta Autoridade para Comunicação Social. O dedo de Alberto Dines era visível. Fui a este evento representando o Observatório da Imprensa, por ele indicado.)

Para organizar o Labjor, iniciativa que merece registro e maior valorização de sua história e impacto na área, José Marques de Melo e Alberto Dines se aliaram a Carlos Vogt, então reitor da Unicamp (Universidade de Campinas). O Labjor abriu portas, inaugurou modelos e foi um espaço para refletir, estudar e pensar o jornalismo a partir de uma vertente muito ligada a um olhar da profissão como práxis. A aliança com Vogt permitiu a criação de um laboratório na Unicamp com um olhar diferenciado para o jornalismo. Fizeram cursos, fizeram consultorias, Dines entendia que faltava uma perna na relação com a sociedade. Foi nesta perspectiva que surgiu o Observatório da Imprensa.

Vale lembrar em que 1997, afastei-me para doutorado na ECA-USP. Quando o Labjor realizou o primeiro curso de especialização em Jornalismo Científico, fui convidado e ministrei a disciplina de Teoria do Jornalismo. Teorias do Jornalismo não eram disciplinas na graduação e não existiam programas de pós específicos. Havia uma linha de pesquisa que se referia a jornalismo na ECA-USP e na UnB. Não

havia bibliografia. Mas foi uma experiência bem agradável. Toda semana, viajava junto com Dines para Campinas, oportunidade onde podíamos conversar bastante.

Bem, coincidiu de, neste momento, o Ministério da Educação (MEC) se integrar a uma tendência internacional que passava a ver as graduações como cursos voltados para a formação de profissionais, direcionados a capacitar para a profissão. Já se passaram mais de duas décadas - diversos governos - e o MEC segue nesta perspectiva. Naquela época era iniciado o chamado "Provão", organizado pelo Inep e as comissões de especialistas do MEC vinham tendo formações diversas.

Na época não me ocorrera, mas o ministro da Educação que permaneceu quase todo o mandato de Fernando Henrique foi Paulo Renato Souza, professor e ex-reitor da Unicamp. Assim, pensar o dedo de Dines não é algo tão improvável. Pelo contrário. Porque pouco depois do primeiro provão em Jornalismo, seria chamado para a Comissão que organizava o Provão e, também a Comissão de Especialistas no Ensino de Jornalismo, recém criada. Este era um órgão vinculado à Secretaria de Educação Superior do MEC.

Na comissão do Provão montamos o formato da prova, decidimos que todas as questões seriam discursivas, definimos como a equipe que a faria deveria trabalhar etc. Já na Comissão de Especialistas (fui daquela específica de Jornalismo e daquelas de Comunicação) cuidávamos dos processos de autorização e reconhecimento de cursos.

Infelizmente, perdi os diversos diários oficiais onde tinha as nomeações, as datas, os demais membros. Mas também cuidamos dos primeiros movimentos para a formulação das primeiras diretrizes curriculares que seriam implementadas no início dos anos 2000 e resultaram, no nosso caso, no currículo de 2004. Foi um período em que, como membro da Comissão de Especialistas fiz muitas viagens pelo país a serviço do MEC para as visitas *in loco* necessárias para autorização de curso ou reconhecimento.

Tenho documentado apenas a Comissão Especial de Avaliação dos Cursos de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, onde o documento relatório-síntese coloca o nome da comissão de especialistas composta pelos professores da UFSC Helio Ademar Schuch e Nilson Lage, da ECA-USP Tupã Gomes Correia e eu pela Ufes. Foi a primeira vez que se fez uma análise geral de todos os cursos do

Brasil. Naquele ano de 1999 foram analisados os cursos de Ciências Econômicas, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica e Jornalismo.

Nunca conversei sobre isso com Alberto Dines. Mas como naquele momento era muito próximo dele e com ele tratava das questões de ensino de Jornalismo no Observatório da Imprensa, penso que não se pode descartar esta indicação. Até porque, não tinha destaque maior na questão senão meus artigos no OI (como chamávamos o Observatório). Não consigo imaginar outra forma de meu nome ter chegado ao MEC, cujo ministro da Educação, como dissera, fora reitor da Unicamp, onde ficava o Labjor.

Mudei de assunto no doutorado. Entendia importante registrar as mudanças no jornalismo no século XX, e entender as mudanças daquilo que chamei, ainda impactado com as traduções italianas, padrões de profissionalidade, conceito criado por Giovanni Bechelloni na obra intitulada *Il Mestieri del Giornalista*. Penso que vale a pena fazer uma reatualização da tese, passados quase vinte anos da defesa. Depositei em 2002 e defendi em 2003.

Explicava que um novo padrão de profissionalidade teria chegado ao Brasil na década de 1950 (Editora Abril, Diário Carioca, Última Hora, Claudio Abramo no Estadão, Tribuna da Imprensa, editora Bloch e a revista Manchete entre outros), uma forma de fazer jornalismo já voltada para o grande público. O velho *ethos* que marcava a profissão já há algum tempo encontrou as condições adequadas para se acentuar. Em boa medida era semelhante àquela que Bernardo Kucinski trabalhou em jornalistas da imprensa alternativa. Os jornalistas, não os revolucionários da tese e do livro dele.

O título da tese, Sistema Midiático e Crise do Jornalismo hoje possivelmente eu não usaria. A expressão sistema midiático era de Alberto Dines, já de quase vinte anos. Fazia sentido, num momento onde tínhamos uma estrutura midiática forte, mas estruturada num sistema que se auto protegia. A televisão aberta era organizada em grandes redes, que a rigor, inauguraram o que muito mais tarde seria chamado de franquia. Mas o que era a Globo, com suas afiliadas e repetidoras senão uma franquia, que impunha uma estrutura nacional para um veículo, como a tevê, que nasceu iminentemente local. E nunca existiu limitações à propriedade

cruzada, de forma que os grupos regionais (locais, estaduais), montavam uma estrutura poderosa.

Os jornais, outros veículos de raiz claramente local, terminaram por comprar serviços vendidos pelos grandes jornais do Rio e de São Paulo, de forma que os jornais “menores”, ou fora do centro, dispensavam sucursais em São Paulo, Brasília e Rio, pois compravam a um preço muito barato este noticiário dos grandes. Foi de Bernardo Kucinski a sacada de que havia um jornalismo nacional posto que as grandes grifes jornalísticas (de Juca Kfoury a Miriam Leitão, de Elio Gaspari e Claudio Humberto) eram distribuídos todos nacionalmente. Hoje a realidade mudou em alguns aspectos, mas é outra questão. A tese tratava mais de história do jornalismo, mas muito focada nos veículos. Focava o período entre 1950 e início dos anos 1980.

De todo modo, os jornalistas ainda trabalhavam com muita liberdade o que permitia reportagens corajosas e audaciosas como aquelas da revista Realidade e do jornal alternativo Ex. Este, Kucinski considerava o mais representativo daqueles que ele considerava jornalistas em contraposição aos revolucionários.

Na tese, defendia, baseado em alguns poucos indícios mas que até hoje entendo muito significativos, que um certo ethos profissionais tomou forma no desenrolar dos anos 1950, 1960 e 1970. O crescimento da editora Abril, com Realidade e Veja, além dos produtos culturais, a explosão da imprensa alternativa ousada, investigativa, intuitiva, renovadora pode ser mais uma faceta deste ethos, mas que termina por marcar o espírito dos profissionais de jornais naquele período.

Dois fenômenos seriam decisivos para interromper esta fase e dariam início a uma nova que se consagraria nos anos seguintes. O primeiro foi a greve dos jornalistas de São Paulo, em maio de 1979, que resultou pouco depois na criação da ANJ (associação nacional dos jornais) e a reforma da Folha (aquela que Carlos Eduardo Lins da Silva chamou de Mil Dias). Esta reforma tem início em 1984, finda a campanha pelas diretas que a Folha encampou (sozinha na grande imprensa) e que seria retratada de forma muito clara no livro de Carlos Eduardo. O essencial, que Carlos Eduardo deixa muito claro no seu texto é que aquela liberdade teria limites claros, pois a reforma instituía controles claros à atividade de cada profissional.

Fui audacioso na tese. Fugi da linguagem acadêmica, fugi das notas de rodapé, adotei um tom ensaístico. Era – e segue sendo – um grande rascunhão que ainda não assumi editar em livro. A audácia que tive para escrever e para chamar uma banca de peso, com colegas rigorosos e reconhecidos (Nilson Lage, José Salvador Faro, Jair Borin, Alice Mitika e Bernardo Kucinski), não a tenho para dar um texto final que tenha valor de merecer um livro. Quem sabe agora posso me dedicar a isso?

(Vale anotar que, o que escrevi aqui, já é uma leitura minha do que defendia na tese, quase vinte anos depois. Preciso reler com atenção e avaliar. Certamente será um trabalho de fôlego, se o fizer. Ainda tenho muitas dúvidas.)

Orgulho-me de ter sido a última banca de Jair Borin que morreu poucos dias depois. Mas Jair Borin leu com grande atenção e fez uma arguição atenta e cuidadosa, assim como todos os demais membros da banca. A professora Alice Mitika disse que minha dissertação é mais consistente e profunda que minha tese. Não contestei. Também considero. Dediquei-me ao doutorado entre 1997 e 2000. Concluí o texto em 2002 e a defendi no início de 2003. Já retornara para a Ufes desde 2001.

No início dos anos 2000 publiquei artigos sobre períodos específicos da história. Eram textos “autônomos”, não retirados da tese, mas baseados nas mesmas pesquisas. Destes, um que me marcou foi publicado já em 2008 e é o único que considero relevante. Nasceu de uma encomenda de um grupo de historiadores que pretendia fazer um livro sobre os quarenta anos do AI-5. O convite veio com uma antecedência boa e dediquei-me com afinco no trabalho. O título do livro usava a famosa frase que Alberto Dines usou na histórica edição em que informava sobre o AI-5: Tempo negro, temperatura sufocante. E seguia Estado e sociedade no Brasil do AI-5. É um trabalho que me agrada.

Aqueles anos em que era da comissão de especialistas, mais alguns subsequentes, mantinha um foco muito atento às questões do jornalismo e do ensino de jornalismo. Era editor da área acadêmica do Observatório da Imprensa e, nesta condição, escrevia regularmente artigos discutindo questões do ensino de jornalismo. Mantinha contatos muito regulares com Luiz Egypto e Marinilda

Carvalho, mas também tive várias conversas, com e-mail ou telefônica ou pessoais com Alberto Dines.

Numa dessas conversas fui estimulado a escrever um texto defendendo a criação de uma rede nacional de observatórios da imprensa, o que o fiz, em 1998. O texto foi assinado por mim, mas boa parte foi escrito por Dines, que criou a expressão Renoi. Na mesma época, houve uma discussão intensa que resultou no fim do antigo currículo mínimo e na criação das chamadas diretrizes curriculares. Mais uma vez, docentes de jornalismo e de comunicação se puseram em campos diferentes. Mas em 1999 foi interessante participar do hoje quase desconhecido (mas que merece ser lembrado) encontro de Campinas.

Foi neste evento que pudemos, coletivamente, organizar a primeira proposta de diretrizes para os cursos de Jornalismo. Em alguma medida, terminei me tornando, involuntariamente, uma referência neste conflito, inclusive porque enfrentava questões sem tergiversações, com ênfase, mas sempre aberto ao bom debate de ideias. E escrevia regularmente no Observatório da Imprensa, que tinha grande repercussão entre professores de Jornalismo.

No segundo semestre do ano, fui procurado por Elias Machado Gonçalves que defendeu enfaticamente a criação de uma entidade de pesquisa em jornalismo. Tínhamos o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, o GT de Jornalismo da Intercom que não atendiam estas necessidades. Elias procurou outros colegas e terminamos lançando um documento assinado pelos pesquisadores abaixo discriminados, que se tornou simultaneamente comitê organizador e científico da SBPJor. Os pesquisadores eram Alfredo Vizeu (UFPE), Claudia Lago (USP), Elias Machado (UFBA), Eduardo Medistch (UFSC), José Luiz Proença (USP), Luiz Gonzaga Mota (UnB), Marcia Machado (UFRGS), Victor Gentilli (Ufes) e Zelia Adighirni (UnB). Pensei em reproduzir aqui o texto do documento. Mas apenas o subscrevi. E os nomes foram escolhidos a dedo para dar amplitude nacional e de instituições. Apenas a UnB tinha dois nomes, mas tinha no seu PPG uma linha de pesquisa intitulada Jornalismo e Sociedade e isto estava registrado no texto.

José Marques de Melo foi o sócio emérito e tive alguma responsabilidade que o prêmio da SBPJor tivesse o nome de Adelmo Genro Filho. Outro nome era o de Luiz Beltrão. Foi incrível a noite em que nos debruçamos sobre nossa proposta de

estatutos, na casa de Zélia. E, para minha surpresa, quando foi preciso montar uma chapa para disputar a eleição para a primeira diretoria da SBPJor, terminei ocupando a diretoria administrativa, que juntava tesouraria e secretaria.

Coube a mim, portanto, registrar os estatutos, abrir conta em banco, cuidar de toda a burocracia, que poucos anos depois teve de ser revista com uma nova lei que proibiu o nome Sociedade, então consagrando nas diversas sociedades científicas, a exemplo da pioneira SBPC, que também mantém a sigla e que teve um pesquisador que manteve durante anos uma coluna dominical sobre ciência no jornal Folha de S. Paulo.

Avalio que a criação da SBPJor, hoje uma entidade consagrada na área, abriu caminho para o surgimento de diversas outras igualmente filhotes de campos específicos. Vale dizer que não foi a pioneira. Quando a SBPJor foi criada em 2003, já existia a Socine, então solitária. Nos anos seguintes, prossegui com estudos de história do jornalismo e apresentei em congressos e publiquei em revistas artigos sobre a temática. Também fiz uns textos ensaísticos/analíticos/especulativos, levantando algumas questões sobre a imprensa brasileira, o jornalismo local do ES etc.

E a proposta, lançada ao vento em 1998 de uma Rede Nacional de Observatórios da Imprensa termina tomando forma em 2005, formalizada no terceiro encontro da SBPJor. Aliás, a Renoi, como ficou conhecida e como pensada ainda por Alberto Dines realizou um encontro em 2007 na Ufes. Deste, tenho toda a documentação. Foi um momento importante, mas nunca mais tivemos encontros específicos da rede.

Registro aqui um acontecimento que considero marcante. A dissertação de mestrado defendida em 1995 vinha circulando, estimulada basicamente pela professora Alice Mitika. Orientandos dela a citavam em artigos, dissertações e teses. Alice também citava em artigos. Assim, fui convidado para falar sobre o tema na Intercom de 2002, em Salvador. Era uma mesa sobre “A Pesquisa sobre Comunicação para a Cidadania nos cursos de Pós-Graduação”. O Lattes registra apenas um resumo expandido. Um dos interlocutores foi Antonio Hohfeldt, com quem iniciei um diálogo e ele me estimulou a submeter um texto para a revista Famecos com uma sistematização mais elaborada do que dissera na mesa. O texto

foi aceito e publicado também em 2002, sob o título “O conceito de cidadania, origens históricas e bases conceituais: os vínculos com a Comunicação”. As questões que tratei na dissertação em boa medida começavam a ter uma alguma repercussão. Novamente Hohfeldt me procura e informo da dissertação a ele. O texto é submetido à editora da PUC-RS e é aceito para ser publicado como livro. Para mim, foi uma grande surpresa.

Confesso que fiquei surpreso com a repercussão que minha dissertação de mestrado vinha sendo citada em trabalhos. Quem a divulgava era minha orientadora Alice Mitika, para seus alunos e orientandos na pós-graduação. Não sei se chegou a adotar como bibliografia nas disciplinas. Mas com o lançamento do livro em 2005, *Democracia de Massas – jornalismo e cidadania*, esta difusão ampliou-se. O trabalho era dividido claramente em duas partes. Inicialmente uma reflexão teórica, com base em muita leitura, sobre o conceito de sociedade de massas, que me parecia central. A seguir uma discussão sobre o conceito de cidadania, muito forte na época em que escrevi e defendi (respectivamente 1992 e 1995), posto que eram os primeiros anos da chamada “Constituição Cidadã”, como a qualificou Ulisses Guimarães, expressão que a imprensa comprou.

A partir daí vinha uma discussão onde qualificava o jornalista como o profissional cujo principal papel social era a “produção de informação para a cidadania”. Nisso, qualificava o direito à informação como um direito essencial à cidadania. Usei a expressão “porta de acesso a outros direitos”. Esta conceituação era a central que utilizavam quando citavam a dissertação. Foi o mesmo com a publicação do livro, que praticamente manteve o texto.

Mas foi extraordinariamente gratificante o prefácio que Luiz Martins da Silva, colega da UnB e bom amigo fez da obra. Ele leu com muita atenção, captou com rara felicidade o meu pensamento e o expressou melhor que eu mesmo no prefácio. Tenho uma enorme gratidão a ele. E como o livro foi lançado quando a SBPJOR completava seus dois anos e realizava seu terceiro encontro, houve uma difusão que me surpreendeu da obra.

Mas se faço uma citação é aquela que os editores pescaram do prefácio de Luiz Martins e colocaram na contracapa do livro. Foi uma enorme emoção ver alguém entender tão bem minha compreensão de jornalismo e conseguir expressá-

la com tanto rigor e precisão. Sempre disse, e sigo pensando, que considero o prefácio como o melhor texto do livro. Única citação neste memorial.

“Victor Gentilli aposta que a informação é que é o ingrediente matriz e motriz, o DNA do jornalismo, mas se cumpre numa sociedade o papel de servir à construção da cidadania, caso contrário, perderá o seu sentido próprio. Não se trata de bom-mocismo; de benemerência; de cidadania outorgada: mas de uma lógica operacional, de uma dialética sem a qual as democracias perdem a sua vitalidade. Ou seja, não é a oposição pela oposição, mas o instinto básico que orienta o repórter a pular imediatamente para o lado antitético da vida e, de lá, formular as suas perguntas. Desconstruir para reconstituir, este seria o método genuíno e genial do jornalismo, aplicável em qualquer contexto, daí ser o jornalista o elemento incômodo, perturbador.

“O trabalho aqui apresentado (... ..) tem o peso da jornada enfadonha, mas a leveza do sopro da utopia. É uma recarga nas baterias da esperança. Quando muitos já atiraram a toalha, aquela de que ‘já não existe Quarto Poder’, ‘tá tudo dominado’, Gentilli encontra força teórica para soerguer o que já se aparentava esvaído, esgotado. O jornalismo não acabou”;

Ainda hoje fico intrigado como Luiz Martins leu bem o que eu escrevi e soube escrever o que eu deveria ter escrito. Porque, efetivamente, é assim que penso o jornalismo, razão pela qual esta é a única citação deste texto. O texto não é meu, mas não conheço outro que defina melhor que este o meu pensamento.

Gosto muito do último capítulo, também. Este, para minha alegria, sem que me consultasse, foi publicado como artigo no Anuário Brasileiro de Pesquisa em Jornalismo da ECA-USP ainda em 1993 e tinha como título “Jornalismo e Informação no mundo contemporâneo”. Um documento que confirma que a dissertação estava pronta em 1992. Penso que consegui sintetizar várias leituras e produzir um texto muito sintético, mas que em boa medida apresentava uma tentativa de compreensão das mudanças que o mundo ainda viria a enfrentar, mas que vários pensadores (sempre prefiro esta expressão para qualificar as profissões das ciências humanas) produziam.

Soube que durante dois anos o livro estava na Bibliografia Sugerida para a seleção na pós-graduação em Comunicação da UnB, linha Jornalismo e Cidadania. Infelizmente, não tenho nenhum documento. No livro intitulado Teoria do Jornalismo – Identidade Brasileira, José Marques de Melo coloca este livro como um dos importantes nos estudos teóricos de Jornalismo. São ações gratificantes não por vaidade, mas pela percepção de que esta formulação de que o jornalista é aquele profissional cuja atividade consiste em produzir informação relevante para a sociedade teve alguma aceitação. Porque de fato é assim que sigo vendo o jornalismo.

A análise de coberturas seguiu sendo um tema que ia estudando. Num momento em que a Renoi, já estruturada começou a trabalhar a temática da qualidade do jornalismo, tasquei um novo projeto. Mantendo as características essenciais numa nova versão do projeto foi realizada dez anos depois. O projeto tinha como título Avaliação da Informação Oferecida ao Cidadão Capixaba e se propunha a realizar um “estudo do jornalismo capixaba que busca avaliar o noticiário, de diversos temas, na perspectiva da produção de informação pública para a cidadania. Envolveu seis alunas. Thalita Dias, Aline Dias, Kássia de Aguiar Salazar, Fabiana Fracarolli Tessinari, Janaína Thainá da Silva e Ana Paula Chaves Gomes.

Como que um subproduto das reflexões que tinha em decorrência da tese escrevi e apresentei em um congresso da Intercom um texto intitulado Os primeiros Mil Dias. Num dos aniversários da Folha, o jornal encomendou aos historiadores Carlos Guilherme Motta e Maria Helena Capelato um livro sobre a história do diário. O período de renascimento do jornal – bem contato inclusive em depoimentos de Otavinho Frias – foi quase ignorado. Entre os anos de 1975 e 1977 – início e final muito datados, a Folha foi comandada por Claudio Abramo, tinha Alberto Dines no comando da sucursal do Rio de Janeiro. Foi quando Dines publicou a coluna Jornal dos Jornais que circulou de junho de 1975 a setembro de 1977, quando Lourenço Diaféria é preso e o jornal quase fechado. Para não fechar, toda esta equipe é desmobilizada a coluna e tantos outros espaços, inclusive os editoriais se encerram.

Eu que acompanhei esta Folha durante minha graduação via nela um momento de renovação e esplendor. Cumpriu a função de fazer sombra ao Estadão. Não interessava aos generais que iriam assumir o governo Geisel que o Estadão

dominasse solitariamente o mercado de jornais de qualidade em São Paulo. Geisel demite o general Silvio Frota no dia 12 de outubro de 1977. Vinha do grupo dele toda a pressão contra o jornal. Mas o jornal não voltou a ser mais o que era.

Uma única vez, a Renoi fez um encontro de trabalho, visando capacitar alunos de IC, debater temas, discutir com liberdade suas questões internas. Foi em 2007 e aqui na Ufes, organizado por mim e pelos alunos de IC que tinha. Tenho todo o material deste encontro comigo. Foi um momento muito interessante, mas infelizmente nunca repetido.

Desde a fundação da Abraji, mantenho contato com a entidade. Nestes anos, boa parte deles acompanhei a lista de discussão dos associados em dia, que me permitia um conhecimento da realidade dos jornalistas que viviam a realidade das – boa parte delas, grandes - redações. Com os primeiros movimentos que resultariam no chamado Fórum de Direito de Acesso a Informações Públicas, acompanhei, em relativa distância, as discussões que resultariam na Lei de Acesso à Informação, conhecida e consagrada hoje como LAI. No ano de 2007 participei de um projeto nacional da Abraji, muito interessante, que aliás, poderia ser retomado agora que a lei vigora nesta nova conjuntura. Em todos os estados brasileiros, jornalistas buscavam informações alegando o direito consagrado no artigo 5º da Constituição, inciso XXXIII. Buscamos órgãos do Executivo, Legislativo e Judiciário. Fizemos os pedidos, por carta protocolada, por e-mail e por fim, se apresentando como jornalistas e buscando na assessoria de imprensa. Foi uma experiência bem interessante. A partir daí, comecei a acompanhar mais de perto as discussões e as tramitações resultando na criação de um grupo de pesquisas em 2014 e desenvolvemos alguns estudos sobre a temática.

Em 2014 participei de uma experiência que considero das mais relevantes da minha vida. Naquele ano, o tema do Prêmio Fernando Pacheco Jordão, iniciativa do Instituto Vladimir Herzog era, Herança da ditadura.

Considero a ideia desta premiação a mais interessante e criativa iniciativa para estimular e valorizar o ensino de graduação em Jornalismo. Os alunos precisavam fazer – e não é um trabalho simples – uma pauta. O instituto premiava quatro pautas, naquele ano, premiou cinco. As pautas premiadas recebem recursos, apoio de um mentor com um profissional qualificado para realizar a matéria. A

premiação final é na mesma solenidade do Prêmio Vladimir Herzog de anistia e direitos humanos, no final de outubro, em lembrança ao seu assassinato pela ditadura dia 25 de novembro de 1975. Naquele ano, o tema era: “Herança do Golpe de 1964”. Fui procurado por alguns grupos, mas o primeiro foram três alunas, que, percebi, eram muito dedicadas. Merecem ser citadas pelo nome: Lais de Melo Rocio, Jessyka Saqueto e Rafaela Laiola. Com o apoio do mentor Paulo Oliveira, que veio a Vitória duas vezes, as alunas ouviram fontes importantes, entraram em áreas de risco – com as devidas cautelas – e terminaram por produzir um jornal intitulado O VELHO OESTE, com as letras ES em vermelho simulando sangue. E uma foto de grande impacto e na manchete o mesmo nome com que a pauta foi submetida: NOSSAS CLÁUDIAS, NOSSOS AMARILDOS. A ideia era que o sumiço de Amarildo que tomou o ano de 2013 assim como aquela cena terrível de Cláudia sendo arrastada por um carro de polícia não eram situações isoladas. As alunas encontraram situações semelhantes no ES. Fizeram de fato uma reportagem muito boa, que foi bem editada, bem diagramada resultando num produto bem interessante.

Os premiados foram para a premiação, no final de outubro de 2014 em São Paulo. E aquela reportagem foi considerada pelo júri a melhor dentre todas as vencedoras e as alunas, assim como o mentor e o orientador ganharam uma viagem internacional de uma semana. No nosso caso, fomos a Israel. Como orientador, também fui. É muito gratificante para os estudantes este estímulo do prêmio e o reconhecimento da premiação aos vencedores.

O tema das biografias me apaixonou e percebi que havia grande número de jornalistas que se dedicavam a elas. Estabelecer pontos de referência sempre é um risco. Mas em 1982, Alberto Dines publicou pela primeira vez Morte no Paraíso, uma biografia de Stefan Zweig, que chegou a reescrever algumas vezes. A última, tinha muito mais informações, um texto mais denso, com uma riqueza de detalhes bem maior. Dines citava Virginia Woolf que dizia que uma biografia precisa ser reescrita a cada dez anos. Quem vê que Fernando Morais lançou Olga em 1985 e depois Chatô em 1994, numa época em que Ruy Castro lançou, num curto período de tempo, “Chega de Saudade”, em 1990, “O anjo pornográfico” em 1992 e “Estrela solitária,

em 1996. Respectivamente a história da Bossa Nova e as biografias de Nelson Rodrigues e Garrincha.

Estes autores parecem ter aberto uma trilha. Tantos outros foram produzir biografias a seguir. Hoje, as biografias estão muito presentes nos lançamentos e quase todas feitas por jornalistas. São raras as biografias feitas por historiadores, ou biógrafos, como os pioneiros das primeiras décadas do século xx.

Assim, entre 2009 e 2011 me ocupei com um projeto de pesquisa intitulado Biografias: entre o Jornalismo, a História e a Literatura, o que foi muito gratificante. Consegui quatro alunas que desenvolveram subprojetos interessantíssimos, cada uma delas, estudando três biografias, identificadas pelo perfil do biografado.

Carolina Maria Moreira Alves estudou os Mitos da música brasileira: Roberto Carlos, Tim Maia e Renato Russo, debruçando-se sobre as obras de Paulo Sergio de Araujo, Nelson Motta e Carlos Marcelo. Simone Lima Azevedo, hoje mestre em Políticas Públicas pela Ufes e servidora da Ufes na secretaria de nosso Programa de pós estudou “A literatura pelas lentes das biografias: José de Alencar, Machado de Assis e Graciliano Ramos’ e estudou obras de Lira Neto, Daniel Piza e Dênis de Moraes, respectivamente. O poder e a política foi tema estudado por Brunella Brunello Rasera em um trabalho intitulado “Dois presidentes e um poderoso”. Brunella analisou as obras “Castello” de Lira Neto, “JK” de Cláudio Bojunga e “Memórias das Trevas” de João Carlos Teixeira Gomes. Os esportistas foram estudados por Livia Bernabé com o trabalho Celebidades do esporte e suas vidas narradas: Pelé, Garrincha e Ayrton Senna, quando pode dissecar obras de José Castello, Ruy Castro e Ernesto Rodrigues. Luma Dutra Poletti, hoje doutoranda na UnB, produziu a pesquisa intitulada Mulheres que foram à luta: Olga Benário, Leila Diniz, Iara Lavelberg e Adalgisa Nery, com as obras de Fernando Morais, Joaquim Ferreira dos Santos, Judith Patarra e Ana Arruda Callado. Luma viria a produzir artigos comigo quando estudava a Lei de Acesso à Informação (LAI), também de seu interesse.

Este projeto sobre biografias ocorreu num momento em que tive problemas de saúde graves que geraram afastamento por licença médica durante quase a metade dos dias entre o final de 2007 e o primeiro semestre de 2011. Também durante este período iniciei uma coorientação do mestrado de Aline Guio Cavaca,

hoje já doutora e pesquisadora da Fiocruz. Foi o início, em alguma medida casual, de um vínculo com a área da cobertura de saúde. Aline era graduada em Odontologia e realizava seu mestrado no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Ufes, sob orientação do professor Aduino Emmerich de Oliveira. Pouco depois, indiquei uma aluna de graduação ainda no segundo período para atividades de Iniciação Científica (IC) no programa, no campus de Maruípe. Viria a ser aprovada na seleção de 2018 em primeiro lugar para o mestrado em Comunicação e Territorialidades e minha orientanda. Thalita Mascarello já qualificou no início deste ano e, antes dela, defenderam dissertações por mim orientadas as alunas João Guerra, Renata Rocha Marcelino e Marcio Martins Calil e Leandro Nossa. João e Marcio já estão realizando doutorado o primeiro na ufba, o segundo na Fiocruz. Renata, Marcio e Thalita trabalharam com jornalismo, comunicação e saúde. O tema da saúde me impregnou.

Como estou me referindo aos meus orientandos, acompanhei a criação de nosso programa de mestrado em Comunicação e Territorialidades e cheguei – por acaso – a coordenar a apresentação do primeiro APCN à Capes. Mas ele estava praticamente pronto e a coordenadora, professora Ruth Reis fora chamada para a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Vitória, durante o mandato de João Coser. Sem méritos meus, mas fica o registro que coube a mim submeter o APCN à Capes.

Outro orientando meu também hoje é doutorando. João Guerra está desenvolvendo sua tese na UFBA, mas quando realizava seu mestrado, terminou fazendo uma dissertação que narra a história do jornal A Gazeta nos seus últimos vinte anos. Quase uma crônica de seu fim. Sabíamos que o jornal vivia grandes dificuldades financeiras e que sua edição impressa vinha em queda constante consistente. Infelizmente, as limitações para uma dissertação impediram que fizesse um trabalho de maior fôlego, de todo modo, entendo tratar-se de uma dissertação que passa a ser leitura obrigatória para quem deseja conhecer a história recente de A Gazeta. Pois foi um momento de muita mudança, várias mudanças de projetos gráficos, muita alteração no comando até estabilizar-se com a chegada de Antônio Carlos Leite, mas que seguiu comandando mudanças. Recomendo a leitura. Leandro Nossa fez um estudo interessante sobre a torcida da Desportiva Ferroviária.

Fui impregnado pela saúde mas por vezes sou chamado a dar conta de outras temáticas.

Com a chegada do professor Edgard Rebouças, que veio transferido da UFPE, veio junto o Observatório da Mídia Regional e foi agregando pessoas e grupos, como de seu feitio, como pessoa dinâmica e empreendedora – aqui, no sentido denotativo. Evidente que fui dos primeiros a integrar-me. Em boa medida, o Observatório da Mídia, como logo depois ficou conhecido, é uma reencarnação do velho Nexo que tanta coisa produziu no período em que funcionou a ponto de receber o prêmio da Intercom.

Agrega vários grupos de pesquisa, de fora e de dentro da universidade e tem uma vocação para núcleo, que o Nexo já tinha no nome, mas – infelizmente que se diga – nenhum dos dois de fato se concretizou nesta direção, ainda e infelizmente. Mas não tardará. É preciso dizer: as regulamentações de núcleos na Ufes são ainda em boa medida algo confusas. Como ideia geral, um núcleo reúne pesquisadores, pessoas e grupos envolvidos numa única temática, mas localizados em departamentos, centros e instituições diversas. São sediadas nos centros de ensino. Penso que a vocação de núcleo do Observatório da Mídia deve se realizar, assim espero e, com minhas limitações, estou disposto a ajudar a consolidar esta experiência e, inclusive não deixar a memória do Nexo se perder.

A questão do direito à informação já fora expressa, com estas palavras, mas sem maiores explicações, no texto que escrevera em 1988, ao final da experiência na Tribuna. Também era o eixo central do estudo que resultou na dissertação defendida em 1995 e transformada em livro em 2005, já citados aqui. Além disso, acompanhava, como dissera, as conversas sobre a questão em especial na Abraji, participara de pesquisas e sempre foi questão de grande interesse meu.

Tudo que concebia teórica e intuitivamente sobre a função do jornalismo nas sociedades democráticas e que – em boa medida – elaborei quando da dissertação de mestrado que terminou publicada em livro em 2005 terminava por ser regulado por lei. Houve um esforço muito grande do Fórum de Direito de Acesso a Informações Públicas, uma entidade criada em 2003 logo depois da criação da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e que acompanhou e estimulou a formulação e promulgação da LAI.

É uma das poucas entidades em que a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) que reúne todos os sindicatos de jornalistas esteja ao lado da ANJ – Associação Nacional dos Jornais – entidade patronal. Não é mera curiosidade. É um tema que cabe aos jornais e aos jornalistas. A Rede Nacional de Observatórios de Imprensa, criada em 2005, logo se integrou ao Fórum.

Neste sentido, desenvolvi um projeto de pesquisa e criei um grupo intitulado JITA – acrônimo de Jornalismo, Informação, Transparência e Accountability. Realizamos vários estudos, um deles em parceria com a Transparência Capixaba, onde analisamos a capacidade de resposta de todos os municípios do es. Tive duas pesquisadoras no projeto, Jéfica Teixeira e Ana Carolina de Angeli Sabino que teve uma morte trágica no início de 2018. Uma aluna brilhante de quem tinha um imenso afeto e com quem cheguei a assinar trabalhos em congresso. Este texto também é em sua memória.

Assinava outros textos com a ex-bolsista do projeto de biografias, Luma Dutra Poletti, que se interessou pelo assunto e a ele dedicou seu mestrado, em que participou de sua banca de defesa e seu doutorado, ainda em andamento, ambos na UnB. Foi um prazer participar da sua defesa, ocasião em que pude reencontrar amigos da UnB, em especial seu orientador, prof. Fernando de Oliveira Paulino e encontrar o ex-aluno, repórter do jornal O Estado de S. Paulo e escritor Leonencio Nossa. Gostaria muito de ter encontrado o bom amigo Luiz Marins da Silva, autor do prefácio citado do livro, mas ele já aposentara. Chegamos a publicar um capítulo de livro em 2017, convidado por um dos coordenadores da obra, o advogado Luiz Cláudio Allemand, que chegou a ser membro do Conselho Nacional de Justiça. Uma obra que considero muito interessante, exatamente pela sua abrangência mais horizontal, pois no geral era uma obra voltada para a área jurídica.

Na história da Ufes, temos situações problemáticas. O primeiro reitor eleito foi Rômulo Penina (1980 - 1983 e 1988-1991), que fora antes reitor nomeado durante a ditadura e fizera uma gestão de muito diálogo. O mandato de José Antonio Saad Abi-Zaid (1984 -1987) sucedeu e precedeu Rômulo Penina, ainda nomeado, mas que fez um mandato reconhecido como bom pela comunidade em geral que viveu aquele período.

Na verdade, a gestão ainda na ditadura foi uma gestão com características populistas, onde o reitor, hábil, operou com diálogo apoiando os agentes (alunos, servidores técnicos e docentes) que terminaram por apoiá-lo em sua candidatura quando disputou o voto em 1987. Vale lembrar que, a despeito de haver uma organização forte de combate à ditadura, esta estava dividida e parcela significativa retribuiu o apoio recebido nos anos de ditadura. Não pude pesquisar, estes dados são de memória, portanto, falíveis.

Já havia um núcleo de membros da comunidade disposto a montar uma chapa unificada para a reitoria na eleição seguinte. Isto se deu e o eleito foi o economista Roberto da Cunha Penedo, que fez uma gestão (1992-1995) muito boa, eficiente, com forte apoio à pesquisa e à extensão. Como relatei aqui, fui membro da equipe. Sua sucessão, em decorrência de equívocos e erros de condução gerou duas candidaturas a reitor, Klinger Alves e José Geraldo Mill. Fiz campanha para este último e hoje vejo ter sido um erro, que ainda merece análises e estudos.

Teria sido imprescindível um esforço para evitar esta divisão. O candidato eleito será José Weber Freire Macedo cuja candidatura foi apoiada claramente pelo grupo de Penina. Tinha como vice Rubens Rasseli nos seus dois mandatos (1996 - 1999 e 2000 – 2003). Nos dois mandatos de Rubens Rasselli, (2004 – 2007 e 2008 – 2011), o vice foi Reinado Centoducatte, que será eleito e reeleito (2012 – 2015 e 2016-2019).

E sua vice Ethel Maciel candidatou-se e foi a mais votada na consulta e na lista tríplice levada ao MEC. Foi eleita. Mas não foi nomeada. Por razões de outra natureza. Pode-se afirmar, assim, que, com exceção do mandato de Roberto Penedo, a Ufes segue com um mesmo grupo, que se renova e se reanima há quarenta anos. Isso tem um lado positivo, produz estabilidade, equilíbrio, continuidade.

Mas termina por ser um fator alimentador de rotinas que se preservam sem renovações. A cultura a que me referi no início deste texto ajuda a entender, mas é apenas uma percepção empírica minha, no máximo posso formular uma hipótese.

Sinto que seja preciso um estudo multidisciplinar sobre estas rotinas, visando a entender esta situação. Mas nesta conjuntura é fundamental resistir a quaisquer tentativas de quebrar a legitimidade da atual gestão.

Em algum ano da década de 1980, possivelmente no período posterior ao período em que estava na Gazeta e anterior àquele da Tribuna, fui candidato a chefe de departamento, tendo como vice na chapa o prof. Julio Martins. Tenho, mas não localizo, o documento onde expressávamos nossas ideias. Foi ideia do prof. Maurício Nogueira Tavares, com apoio da profa. Silvia Rachel Chiabai, que já ingressara no departamento. Não me recordo de outro momento em que tenha havido eleições para a chefia. Disputei com o prof. José Moraes – lamento não recordar o nome do vice. Espero algum dia localizar os livros de ata e a documentação destas eleições. Pena não localizar o documento da chapa, pois seria curioso revê-lo. Mas não fizemos campanha para vencer as eleições. Defendíamos o que entendíamos como o certo.

Ganhamos por um voto entre os professores e perdemos de lavada entre os alunos. Foi eleição paritária. Acho que a secretária Sônia votou com os docentes, aí é dúvida. Saber que parte expressiva dos professores do departamento naquele momento optou por um caminho diferente foi surpreendente. Parece que no escurinho de uma cabine de votação era possível pensar diferente.

Não tenho informações sobre a evolução das coordenações de curso até terem a estrutura que hoje têm. Aquela Ufes da década de 1980, tinha um órgão cuja sigla era CPID e o nome Comissão Permanente de Integração Curricular. Os membros eram equivalentes aos dos colegiados de hoje, mas era uma estrutura sem qualquer poder e que tinha reuniões muito raras. Existia no formal, mas todo o poder sobre o curso estava no departamento, inclusive a relação com outros departamentos. Talvez a CPID tenha sido o órgão que produziu o currículo que começou a vigorar em 1984.

Em 2001, por circunstâncias às quais não recordo tornei-me coordenador de curso, do curso de Comunicação Social, com duas habilitações. Acabara de voltar do afastamento para doutorado, mas ainda não defendera a tese. O colegiado funcionava numa sala pequena adaptada num dos prédios construídos durante o período Penedo reitor – 1992 – 1995. Minúscula. E tinha Sonia como secretária. Era um trabalho penoso. A relação com o aluno ainda era muito diferente daquela que os colegiados hoje têm. A Câmara de Graduação era uma verdadeira assembleia. A Ufes já deveria ter ou estar perto dos mais de cem cursos de graduação que têm

hoje. Recordo-me de ter participado de várias, numa sala que ficava já no local onde a pró-reitoria de Graduação está hoje. Antes ficava no Centro de Educação Física.

Mas fui me dar conta que a relação difícil com o departamento permanecia. Houve um momento onde precisei organizar a pontuação e informar os nomes dos alunos aprovados no que hoje chamamos de Processo Seletivo de Vagas Surgidas (PSVS). Na época, era uma operação realizada pelo colegiado de curso. Não fiz sozinho, mas não me recordo quais colegas participaram. Cometi um erro, grave, no processo de pontuação dos alunos. Fui alertado. Foi trabalhoso consertar. A Universidade possivelmente tenha tido necessidade de realizar uma portaria revogando a anterior e divulgando novos resultados. Um transtorno.

Mas no documento que a Prograd enviou aos colegiados havia instruções que induziam a erro. Recordo-me de uma reunião da Câmara de Graduação onde a pró-reitora – não recordo quem era – informou que algo entre um quarto ou um terço dos colegiados cometeram o mesmo erro. Mas uma reunião de departamento interrompeu meu mandato. Se o departamento e a Prograd tiverem ainda preservado os livros de ata, poderão recuperar o episódio de forma mais rigorosa e exata.

Aliás, simultaneamente a este processo houve uma renovação na diretoria do Cacos – ainda Centro Acadêmico Maria Cidade Agra. Se bem me recordo, havia duas chapas. Uma chapa questionando a forma de atuação da gestão tinha o criativo nome de Ctrl-Alt-Del. (Atenção que estávamos em 2001 ou 2002!!). Foi eleita e meses depois teve o mesmo destino do meu mandato de coordenador. Uma assembleia geral mobilizada pelo grupo perdedor depõe esta chapa. Lamento que quase certamente não tenhamos documentação para registro histórico. Uma maioria de assembleia pode mais que uma maioria vinda das urnas?

No final do mandato do reitor José Weber Freire Macedo, em 2003, o reitor me chamou e pediu que eu assumisse a Secretaria de Comunicação e Divulgação, hoje a Supec. Era um momento de preparação para as eleições para a sucessão. Fiquei muito próximo do vice-reitor Rubens Rasselli que viria a ser candidato e fui dos primeiros a saber que Reinaldo Centoducatte aceitara compor na chapa como vice. Era uma baixa pesada para o grupo que preparava uma candidatura de oposição, do qual Reinaldo era integrante. Não me recordo a quem sucedi tampouco

quem me sucedeu no cargo de secretário. Lamento que esta história não seja acessível publicamente em páginas da Universidade.

Fiz retornar o boletim informativo semanal que eu criara na gestão Penedo. Mas neste caso participei ativamente da elaboração do documento para um pregão eletrônico para escolher a gráfica que imprimiria.

Como registrei brevemente, tive problemas de saúde e permaneci em afastamento por motivo de saúde entre o início de 2008 e o primeiro semestre de 2011. Penso que quase metade deste período estive afastado em licença médica. Não me recordo de nenhum questionamento do departamento tampouco cobrei. Neste período aconteceu um episódio lamentável, decorrência de um enorme cansaço aliado a interação medicamentosa. Tomara um medicamento muito novo para dores, de receita amarela, de controle mais rigoroso, cujos efeitos colaterais eram previsíveis, não se conheciam as quais circunstâncias nas quais eles poderiam ocorrer.

Em setembro de 2010, tive uma explosão de irritação em sala de aula e joguei um notebook no chão. Possivelmente uma aluna foi atingida levemente. O episódio evidentemente me abalou profundamente, em especial porque fui destaque em jornais e telejornais e o episódio também teve enorme ressonância no Twitter. Talvez outras redes, mas não acompanhava e não sei nem pretendo recuperar esta história. Se alguém errou ali foi eu, exclusivamente. Estes episódios impactam a vida de pessoas, que terminam sendo expostas excessivamente, o que foi o caso.

Se sou o personagem do acontecimento, não posso julgar a maneira como ele foi narrado. Sei que fui ouvido pelos jornais, não pelos telejornais. Talvez tenha sido procurado, não posso afirmar. Segui adoentado até o início do segundo semestre, quando retomei atividades na Ufes. Sigo medicado com drogas indicadas por psiquiatra e tenho vida absolutamente normal, com umas poucas limitações inexpressivas que não prejudicam minha vida profissional.

Mas pouco antes, a história foi diferente. A professora Silvia Rachel Chiabai sofreu duplamente, com problemas de saúde e com a pressão do departamento. Em vários momentos eu era o único professor a “defender” a professora. Por que aspas em defender? Porque não era exatamente uma defesa, mas apenas o entendimento de que não havia compreensão no departamento, como se a um docente não fosse

permitido adoecer. Como pressionar uma pessoa adoecida e exigir que assumisse turmas? A professora se propunha inclusive a realizar algumas atividades fora de sala de aula, mas não houve jeito: Silvia Rachel Chiabai foi praticamente obrigada a aposentar-se por invalidez. Encontro Silvia por vezes e sigo sem me conformar com o sofrimento que o departamento impôs a ela. Silvia aposentou-se no mesmo ano de 2007 em que eu, em novembro, tive meus primeiros sintomas de adoecimento. Sei que era novembro porque fui ao aeroporto e de lá retornei sem conseguir embarcar em decorrência das dores que me paralisavam, para o encontro da SBPJOR, cujos encontros sempre foram em novembro.

Para minha surpresa, depois de tantos perrengues, fui procurado em 2014 e convidado a assumir a coordenação do curso de Jornalismo. Resultado de um trabalho de fôlego do professor Rafael Paes Henriques, o curso de Cinema e Audiovisual que já nasceu independente ganhou um coordenador e o curso de Comunicação Social que tinha duas habilitações foi desmembrado e surgiram os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. No final de 2013 duas surpresas, aparentemente contraditórias. O MEC suspende o vestibular dos cursos de Jornalismo e PP e poucos dias depois, a Capes aprova, o nosso APCN e foi preciso correr para realizar todos os procedimentos das burocracias para que fosse possível já abrir seleção para a primeira turma, que começaria em março de 2014. Eu apresentara o primeiro APCN em 2007, como disse, coordenador pela profa. Ruth Reis. O departamento de Comunicação Social teria o Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades sete anos depois. Coincidentemente quando duas graduações de nosso departamento foram penalizadas.

Durante todos estes anos, o argumento pela suspensão do vestibular pelo MEC fora o fato de os alunos terem boicotado o Enade o que puxou a nota muito para baixo e o curso não foi aprovado. É verdade, mas não é toda a verdade. Como decano, terminei sendo chamado para substituir o chefe ou o coordenador numa reunião na Reitoria onde se analisaria o que teria havido para que o curso (ainda era um só, com duas habilitações) fosse suspenso. (Estávamos nas férias de janeiro ou fevereiro de 2014). Na apresentação de um PowerPoint passou rapidamente uma tela onde se vê que um órgão vinculado à administração superior da universidade não entregara um documento no prazo. Quem apresentava os slides e explicava o que houve quase gaguejou. Ficou claro para todos que presenciaram a cena e

atentaram para o slide que se o documento tivesse sido entregue no prazo, não teria ocorrido a suspensão dos cursos. Quem exibia o arquivo seguiu rapidamente para a página seguinte. Penso que precisava relatar este episódio. Um outro professor do departamento estava presente na reunião.

Enfim, seria preciso todo um novo arranjo no departamento, para conviver ao mesmo tempo com turmas a menos (o primeiro período que não seria oferecido), e três coordenadores de cursos a mais. O departamento que tinha um coordenador de curso passou a ter quatro. Finalmente tínhamos três graduações e um programa de pós-graduação na virada de 2013 para 2014. Neste novo arranjo, eu ficaria com a coordenação do curso de Jornalismo. Fui saber quando fui convidado. Poucos estavam na Ufes naqueles já longínquos anos de 2001 e 2002.

Passados 32 anos do meu ingresso na Ufes, muita coisa já mudara e o departamento já tinha um outro desenho. Aquele departamento no qual eu entrara no longínquo ano de 1982 já era outro. Prefiro dizer que eu me sentia por vezes como um corpo estranho. Pode surpreender muitos, mas penso Elisabeth Noelle Neumann e sua teoria da Espiral do Silêncio possa explicar alguns constrangimentos. A professora Juçara Gorski Brittes, por exemplo, optou por sair do departamento quando da migração do CCJE para o Centro de Artes, em 2004, sempre a duvidar da memória. A professora Desirèe Cipriano Rabelo desejou vir transferida. Possivelmente nem tenha formalizado o pedido.

Fui eleito coordenador, cumpri o mandato de dois anos, fui reeleito e permaneci no total quatro anos como coordenador. Foi uma experiência enriquecedora. O contato permanente com alunos, com diversos departamentos, as relações com a direção do Centro, com a Prograd e tantos outros órgãos da Ufes terminou sendo uma experiência gratificante. A burocracia não é uma coisa agradável, mas não é um preço caro por esta convivência maior com a universidade, em especial com os demais cursos e departamento do Centro de Artes. Testemunhei a criação das câmaras locais de graduação e de uma Câmara de Graduação eficiente. Aquela assembleia de coordenadores que vi em 2001 permanecia. Mas a criação da Câmara Central deu à Prograd uma eficiência maior nas suas diversas ações, com destaque para o ADA-PIC-PAE, que, finalmente, desligou alunos que permaneciam indefinidamente na Ufes, com custos elevados e impacto grande nas taxas de retenção. A equipe da Prograd com a professora

Zenólia Figueirado à frente foi incrivelmente profissional. Certamente seguirá na mesma direção agora sob o comando de Cláudia Gontijo.

Tinha como certo que concluiria este texto com uma frase que estava forte na minha cabeça, e que segue abaixo, numa frase-parágrafo de cinco palavras: jamais fui chefe de departamento.

Não foi o que aconteceu. Quis o destino, ou seja, a providência providenciou que esta realidade fosse alterada. Talvez a eleição de Bolsonaro e o temor do que viria a ser a universidade, talvez tantas outras coisas... A realidade é que com o encerramento do mandato de Janaína Leite, que estava para ir a Portugal fazer seu doutorado, não apareceu ninguém interessado na chefia. Uma, duas reuniões. Talvez uma terceira. E vêm o recesso do meio de ano. No seu retorno, o impasse permanecia. Havia muitas dúvidas sobre qual seria o procedimento. Se o diretor do centro nomearia um interino ou se o interino seria o decano. Muita incerteza e uma única certeza: o decano era eu. Tive uma ou duas conversas com o diretor Paulo Vargas, que já conhecia pelos quatro anos como coordenador de curso.

Foi decisão minha candidatar-me a chefe de departamento. Lamento muito por estes anos em que estou ministrando apenas uma disciplina e, assim, mais ainda distanciado dos alunos.

Neste sentido, não posso deixar de registrar os méritos de Carlos Alberto Moreira Tourinho. Já construía uma carreira de sucesso na TV Gazeta, afiliada da Rede Globo no ES. Antes fora meu aluno na primeira turma que dei aula logo que ingressei na Ufes. A turma que produziu a revista Soesta. Era trabalhador concursado do Banco do Brasil, mas saiu do banco para ingressar na tv Gazeta. Foi repórter, apresentador, editor, criou um programa que era apresentado aos domingos, após o Fantástico. Mas queria estudar. Chegou a me procurar para que eu indicasse alguma boa universidade em Portugal, como fez com tantos outros colegas. Fez mestrado e doutorado na Universidade do Minho. Depois de cerca de 35 anos na Rede Gazeta, Tourinho – como todos o conheciam – aceita um convite para dirigir o jornalismo da rede Record News que viera se instalar aqui no ES. Tomava iniciativas mil, publicava regularmente um livro por ano. Nestes anos mais recentes retomei e aprofundei muito a amizade com ele. Foi convidado para ser

professor na UVV e aceitou com enorme alegria. Fez um brilhante trabalho como professor e rapidamente tornou-se professor titular.

De tantos ex-alunos que superaram o mestre, Carlos Tourinho foi o exemplo maior. Não está na banca que avalia este memorial porque o destino o levou tragicamente no dia 31 de março de 2018.

Aqui, minha homenagem.

2.FORMAÇÃO

2.1. Graduação e Pós-graduação

1997 – 2002 - Doutorado em Ciências da Comunicação (Conceito CAPES 4).

Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

Título: Sistema Midiático e crise do jornalismo: dos anos 50 a decadência posterior a 80, Ano de obtenção: 2003.

Orientador: Bernardo Kucinski.

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Palavras-chave: jornalismo; História do Brasil; sistema midiático; história.

Grande área: Ciências Sociais Aplicadas

Grande Área: Ciências Humanas / Área: História / Subárea: História do Brasil / Especialidade: História do Brasil República.

Grande Área: Ciências Humanas / Área: Ciência Política / Subárea: Teoria Política / Especialidade: Teoria Política Contemporânea.

Setores de atividade: Outro.

1989 – 1995 - Mestrado em Ciências da Comunicação (Conceito CAPES 4).

Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

Título: Democracia de Massas: Cidadania e Informação, Ano de Obtenção: 1995.

Orientador: Alice Mitika Koshiyama.

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Palavras-chave: democracia; cidadania; Direitos; jornalismo; teoria do jornalismo; Sociedade de massas.

Grande área: Ciências Humanas

Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas / Área: Comunicação / Subárea: Teoria da Comunicação.

Grande Área: Ciências Sociais Aplicadas / Área: Comunicação / Subárea: Jornalismo e Editoração.

Setores de atividade: Edição, Impressão, Reprodução e Gravação Industriais de Jornais, Revistas, Livros, Discos, Fitas, Vídeos e Filmes; Formação Permanente e Outras Atividades de Ensino, Inclusive Educação À Distância e Educação Especial; Educação Superior.

1975 – 1978 - Graduação em Comunicação Jornalismo.

Faculdade Cásper Líbero, FCL, Brasil.

2.2. Formação complementar

1984 – 1984 - Curso de Atualização Em Didática Para Docentes do. (Carga horária: 60h). Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Brasil.

1973 – 1974 - Elementos de Estatística. (Carga horária: 180h).

Departamento de Estatística, GOVERNO DO ESTADO, Brasil.

3. IDIOMAS

Português

Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Bem.

Italiano

Compreende Razoavelmente, Fala Pouco, Lê Razoavelmente, Escreve Pouco.

Espanhol

Compreende Razoavelmente, Fala Pouco, Lê Razoavelmente.

Inglês

Compreende Pouco, Fala Pouco, Lê Razoavelmente.

4. PREMIAÇÕES ACADÊMICAS

4.1. Prêmios

2019 - Honra ao Mérito, Câmara Municipal de Vitória - Vereador Leonil - Sindijornalistas - ES.

2014 - 6o Prêmio Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão, Instituto Vladimir Herzog e outros.

1998 - Cidadão Vitoricense, Câmara Municipal de Vitória.

1998 - Cidadão Espírito-santense, Assembleia Legislativa decreta e governador sanciona.

1998 - Prêmio Luiz Beltrão - Grupo Inovador - Nexo, membro da equipe, Intercom -.

5. EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA UNIVERSIDADE

5.1. Ensino de graduação (no interstício de 2018-1 a 2019-2)

Disciplina	Semestre	Turma	Nº alunos matriculados	CHS
TEORIAS E PRÁTICAS JORNALÍSTICAS	2018/2	1	34	4
Tópicos Especiais em Comunicação e Territorialidades I		1	6	2
TEORIAS E PRÁTICAS JORNALÍSTICAS	2019/1	1	26	4
TEORIAS E PRÁTICAS JORNALÍSTICAS	2019/2	1	29	4
HISTÓRIA DOS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL - TRABALHO REMOTO	2020/1	1	28	4

6. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

6.1. Dissertações de Mestrado: Orientações e supervisões

6.1.1. Orientações e supervisões em andamento

1. Lais de Melo Rocio. Vítimas do silêncio Estudo de narrativas jornalísticas de impacto na violência sexual no Brasil. Início: 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo. (Orientador).
2. Marcus Vinicius Vieira. O fact-checking como possibilidade de fortalecimento do jornalismo na era da Pós-Verdade. Início: 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo. (Orientador).
3. Thalita Mascarelo da Silva. Alimentação saudável em pauta: um estudo sobre os news promoters no jornalismo impresso capixaba. Início: 2019. Dissertação (Mestrado profissional em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo. (Orientador).

4. Priscila Bueker Sarmiento. O Poder de Censura do Estado e o Jornalismo de Resistência: Uma análise das rotinas produtivas do século diário. Início: 2018. Dissertação (Mestrado profissional em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo. (Orientador).

6.1.2. Orientações e supervisões concluídas

1. Leandro Nossa Guanandy. Pertencimento grená: um estudo sobre os vínculos comunicacionais dos torcedores da Desportiva Ferroviária. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

2. Renata Fernandes Rocha Marcelino. Febre amarela: a comunicação pública na mídia impressa do Espírito Santo. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

3. João Claudio de Santana Guerra. Mudanças estruturais no jornalismo: o caso do jornal A Gazeta ES. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

4. Marcio Martins Calil. A cobertura da imprensa capixaba durante a epidemia de febre amarela no Espírito Santo em 2017. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

5. Aline Guio Cavaca. Análise das matérias de saúde bucal veiculadas na mídia impressa no Espírito Santo, nos anos de 2004 a 2009. 2011. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Coorientador: Victor Israel Gentili.

6.2. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação

1. Marina Barbosa Amorim Netto. Modificações corporais, o corpo feminino, motivações e impactos. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

2. Daniely Pereira Borges. Planejamento de Comunicação para o Projeto Faces. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

3. Laís Ferreira Lorenzoni. Paredes invisíveis, memórias de família. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

4. Poliana Carvalho dos Santos. Blog espaço fit - experiência de mídia customizada. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

5. Ana Carolina de Angeli Sabino. Lei de acesso à informação e o jornalismo: uma análise quantitativa dos dois primeiros anos da LAI. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

6. RAMOS, Claudio Vervloet. Crise no jornalismo: causas e consequências no negócio digital. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

7. COSTA, Paloma de Oliveira. New Therapy: Um Blog. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

8. NASCIMENTO, Hércules de Oliveira. Carlinhos do Karatê: a história de um dos grandes nomes do karatê capixaba. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso.

(Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

9. Amanda Freitas. Mudanças no jornalismo: a grande reportagem e a seção Hipertexto do jornal A Gazeta. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

10. Rodolpho de Sá e Paixão. O Templo da TV aberta. Um estudo da inserção das igrejas na televisão capixaba. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

11. GOMES, Ana Paula Chaves. Estudo de caso na revista Vogue: uma abordagem jornalística. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

12. Daniel Vieira de Figueiredo. Jornalismo Gonzo no Brasil - o Gonzo de Artur Veríssimo na Revista Trip. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

13. Bruna Sperandio. Seguindo em frente: a arte diária de ser resiliente. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

14. Livia Costa Barnabé. O crime organizado no Espírito Santo: a cobertura jornalística do caso Alexandre Martins. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

15. DIAS, Thalita. Em busca de um referencial de qualidade: a infância e a adolescência nos jornais capixabas. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso.

(Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.
Orientador: Victor Israel Gentilli.

16. KNOBLAUCHM Gabriela Battisti. Decifrando o economês: por um jornalismo econômico acessível. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

17. ABREU, Letícia Rezende de. Desafios do Jornalismo Internacional - Ética e Qualidade. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

18. SOARES, Rosana. A influência do new journalism nas biografias escritas por jornalistas. 2005. 0 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

19. GARCIA, Tiago Zanoli. Estado Violência: corrupção e morte: o caso Alexandre Martins. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

20. PIEPER, Marcelia Alves. Estudo do jornalismo impresso brasileiro: análise dos cadernos de esporte dos Jornais Folha de S. Paulo e O Globo. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

21. ANDRIÃO, Roberta Nunes. Depoimentos: análise da narrativa da revista Nova. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

22. PIMENTAM Fabrício Pereira. Democratização da Comunicação: Processos e Demandas Comunicacionais da Sociedade Civil Organizada. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

23. FUZATTO, Sandro Marcio. A cobertura da imprensa das eleições municipais de 1996 em Vitória. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

24. RESENDE, Giovana Rafaela Botti de. A realidade do jornalismo impresso capixaba. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

25. MARTINS, Rachel. Jornalismo cultural no Espírito Santo: um estudo. 1996. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

26. GUERRA, Josenildo Luiz. A notícia no jornalismo político capixaba. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

27. COUTINHO, Iluska Maria da Silva. O colunismo como gênero jornalístico: as colunas Victor Hugo e Paulo Octávio. 1993. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

6.3. Projetos de Iniciação Científica

1. SABINO, Ana Carolina de Ângeli. Jornalismo, Informação, Transparência e Accountability - Jornais e Jornalismo. 2015. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

2. TEIXEIRA BARROS, Jefica Roberta. Jornalismo, informação, transparência, accountability: A realidade do Espírito Santo. 2015. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

3. Ana Carolina de Angeli Sabino. Jornalismo, Informação, Transparência e Accountability Jornais e Jornalismo. 2014. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do ES, Universidade Federal do ES. Orientador: Victor Israel Gentilli.

4. Simone Lima Azevedo. A literatura pelas lentes das biografias: José de Alencar, Machado de Assis, Graciliano Ramos. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

5. Brunella Brunello. Três presidentes e um poderoso biografados por jornalistas: ACM, Castello, JK e Lula. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

6. Luma Poletti Dutra. Mulheres que foram à luta: Olga, Adalgisa Nery, Iara e Leila Diniz. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do ES. Orientador: Victor Israel Gentilli.

7. Carolina Maria Moreira Alves. Mitos da música brasileira: Roberto Carlos, Tim Maia e Renato Russo. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.

8. Lívia Barnabé. Narrativas de vida das celebridades do esporte: Garrincha, Ayrton Senna e Pelé. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

9. FERREIRA de OLIVEIRA, Sylvia Ruth. Avaliação da qualidade da informação oferecida ao cidadão capixaba: violência, segurança pública, criança e adolescente. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

10. DETTONE, Luísa Bertollo. Avaliação da qualidade da informação oferecida ao cidadão capixaba: violência, segurança pública, criança e adolescente. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

11. DIAS, Aline. Avaliação da Informação oferecida ao cidadão capixaba - Jornalismo Cultural. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Apoio à C&T em Vitória ES. Orientador: Victor Israel Gentilli.

12. DIAS, Thalita. Avaliação da Informação oferecida ao cidadão capixaba - teoria e metodologia. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do ES. Orientador: Victor Israel Gentilli.

13. TASSINARI, Fabiana Fracarolli. Avaliação da Qualidade da Informação Oferecida ao cidadão Capixaba - Jornalismo de Economia. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

14. SILVA, Janaina Thaina da. Avaliação da Informação Oferecida ao cidadão capixaba - O Jornalismo da Violência e Segurança Pública. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do ES. Orientador: Victor Israel Gentilli.

15. SALAZAR, Kassia de Aguiar. A qualidade da informação oferecida aos cidadãos. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do ES. Orientador: Victor Israel Gentilli.

16. SILVA, Janaína Thainá. A qualidade da informação oferecida aos cidadãos. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do ES. Orientador: Victor Israel Gentilli.

17. DETTONI, Luiza. Avaliação da qualidade do jornalismo capixaba: o jornalismo de criança e adolescente. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

18. Sylvia Ruth Stroker. Avaliação da qualidade do jornalismo capixaba. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentili.

19. DIAS, Thalita. Avaliação da informação oferecida ao capixaba - o jornalismo econômico. 2006. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentili.

20. ALVIM, Ana Célia. Avaliação da informação oferecida ao capixaba - o jornalismo político. 2006. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Convênio UFES/Petrobras. Orientador: Victor Israel Gentili.

21. PEREIRA, João Paulo. Avaliação da Informação oferecida ao capixaba - teoria e história do Jornalismo. 2006. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Convênio Ufes/Petrobras. Orientador: Victor Israel Gentili.

22. DIAS, Thalita. O noticiário de saúde no jornalismo impresso capixaba. 2005. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentili.

23. DALGOBO, Elaine. A linguagem no jornalismo feminino. 2005. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação de Apoio à C&T em Vitória ES. Orientador: Victor Israel Gentili.

24. MANSUR, Wanderson Lima. A violência nos jornais diários capixabas. 2005. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Convênio UFES/Petrobras. Orientador: Victor Israel Gentilli.
25. PECINE, Ludmila. O jornalismo da violência nos jornais diários e no rádio. 2005. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Convênio UFES/Petrobras. Orientador: Victor Israel Gentilli.
26. BATISTA, Juliana de Farias. TV e revistas no jornalismo da violência. 2005. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.
27. ANDRIÃO, Roberta Nunes. O Jornalismo feminino e sua linguagem. 2004. 0 f. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.
28. PIEPER, Marcélia Alves. Análise do Jornalismo Esportivo Impresso Brasileiro. 2004. 0 f. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.
29. MURTA, Milena Simões. O jornalismo cultural impresso capixaba. 2004. 0 f. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.
30. RESENDE, Giovana Rafaela Botti de. Análise crítica dos jornais capixabas: A Gazeta e A Tribuna. 1997. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.

31. RESENDE, Giovanna Rafaella Botti de. As páginas policiais do jornalismo capixaba. 1996. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.
32. FUZATTO, Sandro Marcio. A cobertura da imprensa nas eleições municipais de 1996 em Vitória. 1996. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.
33. NOSSA, Leonêncio. A cobertura da imprensa nas eleições municipais de 1996. 1996. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.
34. FUZATTO, Sandro Márcio. Monitor da Mídia - a representação impressa da representação política. 1995. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.
35. NOSSA, Leonêncio. Monitor da Mídia: a representação impressa da representação política. 1995. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.
36. FERNANDES, Flavia da Silva. As páginas policiais do jornalismo capixaba - a violência contra a criança e o adolescente. 1994. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.
37. MARTINS, Rachel. Avaliação crítica do jornalismo cultural no Espírito Santo. 1994. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.
38. COUTINHO, Iluska Maria da Silva. O fascínio da mídia: estudo sobre a tentação de virar notícia. 1993. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) -

Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.

39. GUERRA, Josenildo Luiz. A notícia no Jornalismo Político Capixaba. 1993. Iniciação Científica. (Graduando em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Victor Israel Gentilli.

6.4. Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização

1. COSTA, Carina Campo Dall'Orto. Lava Jato: uma análise comparativa da operação sob o olhar de duas obras jornalísticas. 2016. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

2. SILVA, Thalita Mascarelo. Sistema Único de Saúde - análise da cobertura midiática nos jornais impressos capixabas. 2016. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo. Orientador: Victor Israel Gentilli.

3. ANJOS, M; BARROS, L.; NOGUEIRA, C.; PETERSEN, A;. Intervenção em saúde na comunidade quilombola do retiro em Santa Leopoldina/ES. 2012. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização em Gestão de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Victor Israel Gentilli.

4. SOUZA, A. C. J.; SOUZA, T. S. De; SUBTIL, J. J. A. Intervenção em saúde na comunidade quilombola do retiro em Santa Leopoldina/ES. 2012. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização em Gestão de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Victor Israel Gentilli.

7. ATIVIDADES DE PESQUISA E EXTENSÃO

7.1. Projetos de Pesquisa

2012 - 2014

Diagnóstico do direito à informação pública no Brasil

Descrição: Estudo baseado na concepção de jornalismo como produção de informação pública para a cidadania. Analisa e avalia os processos de aplicação da Lei nº 12.527, sancionada em 18 de novembro de 2011 e regulamentada em 16 de maio de 2012 conhecida como Lei de Acesso a Informação Pública. A pesquisa busca observar os procedimentos dos órgãos públicos na aplicação da lei nas suas versões ativa e passiva. O foco é no papel desempenhado pelos jornalistas em veículos jornalísticos, assim como nos profissionais de órgãos públicos. A matriz teórica busca atualizar estudos realizados sobre direito a informação e jornalismo e cidadania ainda na dissertação de mestrado defendida em 1995 assim como em livro publicado em 2005.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (5) / Mestrado acadêmico: (1) / Doutorado: (1) .

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Edgard Rebouças - Integrante / Luma Poletti Dutra - Integrante / Rose Vidal - Integrante / Rose Mara Vidal de Souza - Integrante.

Número de produções C, T & A: 3

2010 - Atual

A cobertura jornalística de saúde

Descrição: Estudo sobre o jornalismo capixaba com ênfase no noticiário sobre saúde jornais diários A Gazeta e A Tribuna. Análises quantitativas e qualitativas do noticiário. A partir de 2013 foca no que caracterizamos como "doença midiaticamente negligenciadas. Dá continuidade à pesquisa sobre qualidade da informação jornalística oferecida ao cidadão capixaba. Nesta pesquisa específica, há forte inter-relação com a área de saúde coletiva. Integrada ao Programa de Mestrado e Doutorado em Saúde Coletiva da UFES.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico: (1) Doutorado: (1).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Adauto Emmerich de Oliveira - Integrante / Eliana Marcolino - Integrante / Alini Guio Cavaca - Integrante / Eliana Zandonade - Integrante / EMMERICH, Adauto - Integrante / Tatiana Breder Emerich -

Integrante / Edson Theodoro dos Santos-Neto - Integrante / Moacyr Cortellete Júnior
- Integrante.

Número de produções C, T & A: 4 / Número de orientações: 1

2009 - 2011

Biografias: entre o Jornalismo, a História e a Literatura

Descrição: Estudo que irá se debruçar sobre o fenômeno recente das biografias feitas por jornalistas. De um modo geral, elas contam com excelente aceitação pelo público? várias delas chegaram a entrar em listas de mais vendidos? não apenas pelo interesse do leitor pela vida do biografado, mas também pelo resultado do trabalho do biógrafo que invariavelmente produz um texto cronológico, de leitura fluente, agradável e distante do padrão acadêmico. Tal distanciamento do padrão acadêmico faz com que se questione as metodologias dos jornalistas-biógrafos e suas biografias sejam questionadas como material de pesquisa científica. O estudo está dividido em vários recortes, cada um deles estudando três ou quatro biografias, segundo o perfil do biografado e não do biógrafo. Assim, teremos estudos comparativos de biografias de personalidades da política, cantoras e cantores, escritores dentre outros subprojetos. Serão estudadas perto de 30 biografias.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (7).

Integrantes: Victor Israel Gentili - Coordenador.

2009 - Atual

Observatório da Mídia Regional: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência

Descrição: O grupo de pesquisa Observatório da mídia regional: direitos humanos, políticas e sistemas está registrado no CNPq desde 2006 e tem como sede a Universidade Federal do Espírito Santo desde 2009, sendo anteriormente sediado na Universidade Federal de Pernambuco. Este Grupo tem como objetivo geral realizar um acompanhamento sistemático da produção midiática, com foco no respeito, promoção e proteção dos direitos humanos, civis, políticos, econômicos, sociais e culturais. Objetivos gerais: Criar e fortalecer um novo espaço de diálogo e difusão de conhecimento sobre os sistemas, as políticas de comunicações e a produção midiática e os direitos humanos entre a universidade, a sociedade civil organizada (ONGs, movimentos sociais, conselhos de direitos humanos, associações de profissionais e

de empresas), bem como com o setor público, para um efetivo debate transformador da realidade social em termos de comunicações. Fomentar ações de leitura crítica dos meios. Produzir acervo com material para pesquisas empíricas e críticas não só na área da Comunicação, mas também de Educação, Direito, Ciências Políticas, Sociologia, Serviço Social, Psicologia e Saúde. Linhas de pesquisa e ação: Mídia e direitos humanos
Objetivos: Formar uma comunidade científica e política voltada para a pesquisa e ações de controle social dos meios de comunicação, com foco no respeito, promoção e proteção dos direitos humanos. Acompanhar a produção midiática no que se refere à valorização e não violação dos direitos humanos. Fomentar a pesquisa acadêmica e a produção de conhecimento sobre a comunicação e os direitos humanos, focando na construção de uma cultura de direitos humanos nos espaços de educação, pesquisa e extensão. Políticas e estratégias de comunicações
Objetivos: Levantar o questionamento sobre o papel dos principais atores sociais ligados aos grupos de mídia, analisando suas estratégias e políticas no mercado de comunicações e de cultura em âmbito regional.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (16) / Mestrado acadêmico: (2).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Rafael Paes Henriques - Integrante / Edgard Rebouças - Integrante / Franciane Bernardes - Integrante / Marialina Antolini - Integrante / Ana Paula Vieira de Souza - Integrante.

2008 - 2011

Índice de Qualidade Jornalística (IQJ): Avaliação da trajetória da concepção de qualidade Jornalística

Descrição: Estudo histórico e documental da qualidade do jornalismo tomado a partir de livros históricos, documentos sobre qualidade, manuais de redação, documentos técnicos e deontológicos do jornalismo que fazem referência explícita ou implícita à qualidade dos serviços jornalísticos oferecidos.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (3).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Kassia de Aguiar Salazar - Integrante / Janaína Thainá da Silva - Integrante / Luisa Dettoni - Integrante.

Financiador(es): Universidade Federal do Espírito Santo - Bolsa.

2006 - 2009

Avaliação da informação oferecida ao cidadão capixaba

Descrição: Estudo do jornalismo capixaba que busca avaliar o noticiário, de diversos temas, na perspectiva da produção de informação pública para a cidadania.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (6).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Thalita Dias - Integrante / Aline Dias - Integrante / Kassia de Aguiar Salazar - Integrante / Fabiana Fracarolli Tessinari - Integrante / Janaína Thainá da Silva - Integrante / Ana Paula Chaves Gomes - Integrante.

Financiador(es): Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - Auxílio financeiro / Universidade Federal do Espírito Santo - Bolsa / Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - Bolsa. Número de orientações: 4

2004 - 2006

Estudos do Jornalismo Brasileiro

Descrição: Pesquisas sistemáticas e regulares sobre jornalismo cultural, jornalismo de saúde, jornalismo esportivo, jornalismo da violência, jornalismo feminino e outros.

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (8).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Milena Simões Murta - Integrante / Marcélia Ales Pieper - Integrante / Rosana Penha Figueiredo Soares - Integrante / Thalita Dias - Integrante / Elaine Dalgobo - Integrante / Wanderson Lima Mansur - Integrante / Ludmila Pecine - Integrante / Juliana de Farias Batista - Integrante / Roberta Nunes Andrião - Integrante.

Financiador(es): Universidade Federal do Espírito Santo - Bolsa.

Número de produções C, T & A: 13 / Número de orientações: 11

1998 - 1999

A mídia nas eleições - Metodologia para monitoração dos resultados da produção editorial da mídia sobre processos eleitorais.

Descrição: Constitui objetivo geral do projeto contribuir para a construção da democracia, da cidadania e da nacionalidade, através da introdução de meios de acompanhamento do resultado da produção editorial da mídia nos processos

eleitorais, proporcionando à sociedade instrumentos para avaliar a atuação dos veículos de comunicação. Constituem objetivos específicos do Projeto A Mídia nas Eleições: 1. Desenvolver metodologia de acompanhamento do resultado da produção editorial dos veículos de comunicação durante a cobertura de um processo eleitoral; 2. Possibilitar implementações de acompanhamento do resultado da produção editorial da mídia no processo eleitoral, segundo a metodologia desenvolvida por este projeto; 3. Apurar indicadores que possibilitem a identificação pública do eventual alinhamento político-partidário de cada um dos veículos de comunicação analisados durante o processo eleitoral; 4. Subsidiar a sociedade civil, capacitando-a para o exercício da crítica sobre o resultado da produção editorial da mídia no processo eleitoral; 5. Municar a sociedade civil organizada com informações quantitativas e qualitativas a respeito do resultado da produção editorial dos veículos de comunicação analisados, permitindo, eventualmente, denúncias e ações na Justiça, caso sejam constatados delitos previstos nas legislações de comunicação e eleitoral; 6. Estimular a interlocução dos setores organizados da sociedade com as diversas instâncias da Justiça Eleitoral e da Procuradoria da República, subsidiando-as com metodologia científica e dados relevantes, para favorecer o julgamento de demandas que envolverem a produção editorial dos veículos de comunicação sobre o processo eleitoral; 7. Produzir subsídios para a formulação de políticas públicas destinadas a orientar uma atuação democrática e pluralista da mídia nos processos eleitorais. O grupo de pesquisadores listados desenvolveu a metodologia do projeto. Victor Gentilli coordenou apenas uma experiência-piloto do projeto durante as eleições presidenciais de 1998, monitorando os cinco principais jornais impressos diários e os cinco principais telejornais de tevê aberta noturnos. Foi este piloto que mobilizou 12 alunos de graduação da UFES nos dois meses que antecederam as eleições de 1998.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (12).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Christa Berger - Integrante / Fernando de Almeida Sá - Integrante / Maria Immacolata Vassalo de Lopes - Integrante / Daniel Herz - Integrante.

1996 - 1997

Avaliação Crítica do Jornalismo Impresso Capixaba - o jornalismo de saúde e educação

Descrição: Projeto realizado com apoio do Facitec - PMV. Análise sistemática e regular, durante um ano do jornalismo de saúde e educação. Apontou as principais características e problemas, registrou as demandas de jornalistas, médicos, profissionais de saúde e gestores públicos. O trabalho de saúde gerou um workshop financiado pela Fundação McArthur.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (4).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Andréia Silva Lopes - Integrante / Ademir Pereira da Cruz Jr - Integrante / Flavia Fernandes - Integrante.

Financiador(es): Universidade Federal do Espírito Santo - Bolsa.

Número de produções C, T & A: 14

1996 - 1996

A cobertura jornalística na cobertura das eleições municipais em Vitória

Descrição: Pesquisa nos jornais diários registrando todas as matérias, notas, fotos, legendas ou outros recursos de edição dos candidatos à Prefeitura de Vitória. Base em banco de dados em Access. Com avaliação qualitativa.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (2).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Sandro Fuzatto - Integrante / Leôncio Nossa - Integrante.

Número de produções C, T & A: 20 / Número de orientações: 2

1995 - 1995

A violência no jornalismo impresso capixaba

Descrição: Estudo sistemático do jornalismo sobre temas de violência. Base nos jornais de fevereiro a abril de 2005. Concluiu com apontamento das principais características. Gerou duas publicações.

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador.

Número de produções C, T & A: 11 / Número de orientações: 4

7.2. Projetos de Extensão

2014 - Atual

Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos

Descrição: O atual estágio de desrespeito aos direitos humanos patrocinado pela mídia, em especial pelos programas policiais, coloca a sociedade em posição de refém de um pseudojornalismo. A busca da audiência faz com que a exploração da miséria humana, a criminalização indiscriminada, a invasão da privacidade, a exposição de pessoas em situação de risco e o elogio à violência tornem-se ferramentas habituais de um tipo de jornalismo criticado pela academia e por profissionais da área que discordam de tais abusos. A presente ação de Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos está diretamente ligada ao que indica o III Programa Nacional de Direitos Humanos: Promover o respeito aos Direitos Humanos nos meios de comunicação e o cumprimento de seu papel na promoção da cultura em Direitos Humanos. Trata-se de um piloto em parceria com a Subsecretaria de Direitos Humanos-ES e o Sindicato dos Jornalistas, direcionado a profissionais e estudantes de Jornalismo, e militantes de movimentos sociais. Com base nos resultados, para 2016, será proposta uma ação em âmbito nacional, em parceria com a Federação Nacional dos Jornalistas, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Ministério da Justiça e o Movimento Nacional de Direitos Humanos.

Situação: Em andamento; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Graduação: (11) / Mestrado acadêmico: (2).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Luma Poletti Dutra - Integrante / Rafael Paes Henriques - Integrante / Edgard Rebouças - Integrante / Franciane Bernardes - Integrante / Marialina Antolilni - Integrante.

1997 - 1998

Memória do jornalismo impresso capixaba

Descrição: Projeto de coleta de depoimentos de história oral de jornalistas veteranos que viveram a imprensa capixaba nas décadas de 1960 e 1970. Os depoimentos foram colhidos em áudio e desgravados por uma equipe de cinco estudantes da UFES. Atualização em 2018: Os depoimentos colhidos foram editados em livro com o título: Memória da imprensa capixaba.

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Graduação: (4).

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Alba Livia Tallon Bozi - Integrante / Fernanda Portela - Integrante / Renata Lopes Nascimento - Integrante / Yasmine Hoffmann - Integrante.

Financiador(es): Companhia Vale do Rio Doce - Auxílio financeiro / Lei Rubem Braga - Prefeitura de Vitória - Outra.

Número de produções C, T & A: 1

1996 – 1996

Curso de Extensão em Jornalismo Impresso A Gazeta Ufes

Descrição: A primeira experiência no Espírito Santo de um curso para capacitar recém formados e concluintes em Jornalismo. O curso teve professores com destaque para Alberto Dines, Luiz Werneck Vianna e Bernardo Kucinski, entre outros, listados nos participantes. Seria o primeiro de uma série, mas não teve continuidade. Também entrevistas com o governador do estado, visita ao projeto Habitat II em área carente de Vitória para experiência em reportagem entre outras. Resultado de um convênio de cooperação técnica sem interferência de fundação. A Gazeta, como parceira da Universidade, arcou com todos os custos de bilhetes e hospedagem e sediou o curso em suas próprias instalações. Nenhum custo para a Universidade.

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Integrantes: Victor Israel Gentilli - Coordenador / Ariovaldo Bonas - Integrante / Alberto Dines - Integrante / Bernardo Kucinski - Integrante / Luiz Werneck Vianna - Integrante / Dora Kramer - Integrante / Luiz Garcia - Integrante / José Coelho Sobrinho - Integrante / Mauro Malin - Integrante / Igor Fuser - Integrante / Fabio Altman - Integrante / Andreia Grijó - Integrante / Ana Lucia Junqueira - Integrante / João Gualberto Vasconcelos - Integrante / Orlando Caliman - Integrante.

8.PRODUÇÃO INTELECTUAL – BIBLIOGRÁFICA E TÉCNICA

8.1. Produção Bibliográfica

8.1.1. Artigos completos publicados em periódicos

1. FERRAZ1, I. M. O; GENTILLI, R. M. L.; COELHO, M. C. R.; GENTILLI, Victor. Violência contra a mulher em vias públicas. O SOCIAL EM QUESTÃO (ONLINE), v. 43, p. 393-412, 2019.

2. FERRAZI, I. M. O; GENTILLI, R. M. L.; COELHO, M. C. R.; GENTILLI, Victor. Violência contra a mulher em vias públicas. O SOCIAL EM QUESTÃO, v. 21, p. 393-412, 2019.

3. DA SILVA, THALITA MASCARELO; GENTILLI, Victor Israel. As fontes de notícias enquanto promotores de notícias: como a estrutura fluida pós-industrial do trabalho jornalístico permitiu que isso acontecesse. Vozes e Diálogo (UNIVALI), v. 18, p. 6-19, 2019.

4. DA SILVA, THALITA MASCARELO; PRADO, HELOISA VIEIRA; EMERICH, TATIANA BREDER; CAVACA, ALINE GUIO; OLIVEIRA, ADAUTO EMMERICH; GENTILLI, Victor. A saúde e o Sistema Único de Saúde nos bastidores da imprensa: o que os jornalistas têm a nos dizer. REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM SAÚDE, v. 20, p. 64-73, 2018.

5. OLIVEIRA, A. E. CAVACA, A. G. SANTOS-NETO, E. T. EMERICH, T. B.; GENTILLI, Victor. Media Valuations of Health Journalism and Health Dynamics in Brazilian Printed Media. International Journal of Social Science Studies, v. 5, p. 31-42, 2017.

6. EMERICH, T. B.; CAVACA, A. G.; GENTILLI, Victor; OLIVEIRA, A. E. Necessidades de saúde e direito à comunicação em tempos de midiatização. RECIIS. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (Edição em Português. Online), v. 4, p. 1-12, 2016.

Citações:1

7. GENTILLI, Victor; REBOUCAS, E.; HENRIQUES, R. P. Imprensa e Direitos Humanos: A política do quanto menos mexer melhor. CONTEMPORANEA (UFBA. ONLINE), v. 13, p. 490-510, 2015.

8. CAVACA, A. G.; GENTILLI, Victor Israel; ZANDONADE, E.; CORTELLETE JUNIOR, M; EMMERICH, A. A saúde bucal na mídia impressa: análise das matérias jornalísticas nos anos de 2004-2009. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso), v. v.17, p. 1333-1345, 2012.

Citações:2|2|3

9. CAVACA, A. G.; GENTILLI, Victor Israel; MARCOLINO, E.; EMMERICH, A. As representações da Saúde Bucal na mídia impressa. Interface (Botucatu. Impresso), v. 16, p. 1055-1068, 2012.

Citações:1

10. GENTILLI, Victor. Blog da Petrobras: novas relações entre jornalista e fonte. Comunicação & Informação (UFG), v. 15, p. 165-178, 2012.

11. GENTILLI, Victor Israel. Reflections on the right to Information based on citizenship theories. Brazilian Journalism Research (Impresso), v. 3, p. 81, 2007.

12. GENTILLI, Victor Israel. As ilusões armadas e o Sacerdote e o feiticeiro. Pauta Geral, v. 08, p. 215-226, 2006.

13. GENTILLI, Victor Israel. O Jornalismo brasileiro entre os anos de 1964 e 1968. Pauta Geral, Salvador, v. 6, p. 197-216, 2004.

14. GENTILLI, Victor Israel. O jornalismo Brasileiro do AI-5 à distensão: milagre econômico, repressão e censura. Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), Florianópolis, v. 1, n.2, p. 87-99, 2004.

15. GENTILLI, Victor Israel. Sistema midiático e crise do jornalismo. Observatório da Imprensa (São Paulo), <http://observatorio.ultimosegu>, 2003.

16. GENTILLI, Victor Israel. O conceito de cidadania, origens históricas e bases conceituais: os vínculos com a Comunicação. Revista FAMECOS, Porto Alegre - Brasil, v. 19, p. 41-55, 2002.

17. GENTILLI, Victor Israel. Nova prática no ensino do jornalismo. Cadernos do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, Belo Horizonte MG Brasil, p. 40-44, 1997.

18. GENTILLI, Victor Israel. A violência no jornalismo impresso capixaba. Cadernos de Pesquisa da UFES, Salvador BA Brasil, v. 3, n.3, p. 135-146, 1995.

19. GENTILLI, Victor Israel. A violência no jornalismo impresso capixaba. Pauta Geral, Vitória ES Brasil, v. 01, p. 68-79, 1995.

20. GENTILLI, Victor Israel. Cidadania, direitos e informação. Pauta Geral, Salvador BA Brasil, v. 1, n.1, p. 45-55, 1993.

21. GENTILLI, Victor Israel. Enseñanza e Investigacion de la Comunicacion en Brasil. Dia-Logos de la Comunicación, n.5, p. 30-37, 1993.

22. GENTILLI, Victor Israel. Jornalismo e Informação no mundo contemporâneo. Anuário Brasileiro de Pesquisa em Jornalismo, São Paulo, v. 2, n.1, p. 23-37, 1993.

23. GENTILLI, Victor Israel. Enseñanza e investigacion de la Comunicacion en Brasil: una evaluacion critica. Dia-Logos de la Comunicacion, Lima - Peru, v. 1992, n.5, p. 30-37, 1992.

24. GENTILLI, Victor Israel; ALMEIDA, I. M. As eleições no Espírito Santo. Presença - revista de Política e Cultura, Rio de Janeiro, n.9, p. 25-28, 1987.

25. GENTILLI, Victor Israel. Pelo fim da velha prática autoritária. Revista do IJSN - Instituto Jones Santos Neves, Vitória - ES, v. IV, n.4, p. 32-33, 1985.

8.1.2. Livros publicados/organizados ou edições

1. GENTILLI, Victor; BOZI, A.L. T. (Org.); PORTELA, F. (Org.); NASCIMENTO, R. L. (Org.) ; HOFMANN, Y. (Org.) . Memórias da imprensa capixaba. 1. ed. Vitoria ES: Edição do autor, 2018.

2. GENTILLI, Victor Israel. Democracia de Massas: jornalismo e cidadania. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. v. 1. 180p.

8.1.3. Capítulos de livros publicados

1. GENTILLI, Victor. Apresentação e esclarecimentos necessários. In: Victor Gentilli. (Org.). Memórias da imprensa capixaba. 1ed.Vitoria ES: Editora do Autor, 2018, v. 1, p. 7-10.
2. GENTILLI, Victor. Vlado, 22 anos. In: Pedro Varoni; Lucy Oliveira. (Org.). Observatório da Imprensa Uma antologia da crítica de mídia no Brasil de 1996 a 2018. 1aed.São Paulo: Casa da Árvore, 2018, v., p. 55-57.
3. GENTILLI, Victor. O liberou geral da educação. In: Pedro Varoni; Lucy Oliveira. (Org.). Observatório da Imprensa Uma antologia da crítica de mídia no Brasil de 1996 a 2018. 1ed.São Paulo: Casa da Árvore, 2018, v., p. 151-153.
4. GENTILLI, Victor; DUTRA, Luma Poletti. A justiça entre arcana imperii e accountability: jornalismo, segredo e transparência. In: CUEVA, Ricardo Villas Boas; REIS JUNIOR, Sebastião Alves dos; LEMOS JUNIOR, Altair de; ALLEMAND, Luiz Cláudio. (Org.). Ouvidorias de Justiça, Transparência e Lei de Acesso à Informação. 1ed.Belo Horizonte: Fórum, 2017, v. 1, p. 411-422.
5. GENTILLI, Victor; DUTRA, Luma Polett . Arcana imperii e accountability: jornalismo, segredo e transparência. In: GUERRA, Josenildo; ROTHBERG, Danilo; MARTINS, Gerson Luis. (Org.). Crítica do jornalismo no Brasil - produção, qualidade e direito à informação. 1ed.Covilhã - Portugal: Labcom IFP Universidade da Beira Interior, 2016, v, p. 129-150.
6. GENTILLI, Victor; REBOUCAS, E.; HENRIQUES, R. P. A lógica da exclusão temática no debate político sobre mídia e direitos humanos. In: VELTEN, Paulo e POMPEU, Julio. (Org.). Educação em Direitos Humanos III. 1ed.Sead/UFES: Sead/UFES, 2014, v. III, p. 211-224.
7. MOURA, D. O.; ROSA, A. P.; QUADROS, C. I.; STACHESKI, D.; SOSTER, D. A.; MOGNON, F.; COUTINHO, I.; GUERRA, J. L; NUNES, J.; CAETANO, K.; MAIA, K.; AGUIAR, L.; MIELNICZUK, L.; FORT, M. C.; KASEKER, M.; VECCHIO, M.; GENTILLI, Victor. Jornalismo II: Congresso da SBPJor em Curitiba atesta expansão da pesquisa.

In: LIMA, João Cláudio Garcia R; MARQUES DE MELO, José. (Org.). (Org.). Panoramas da Comunicação e das Telecomunicações. 2012-2013. Flagrantes. 1aed.Brasília: Ipea, 2013, v. 3, p. 171-178.

8. GENTILLI, Victor Israel. O futuro do jornalismo: democracia, conhecimento e esclarecimento. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga. (Org.). Observatórios de Mídia: Olhares da cidadania. 1aed.São Paulo: Paulus, 2008, v., p. 185-195.

9. GENTILLI, Victor Israel. A imprensa brasileira mudou bastante depois do AI-5... mas não como decorrência dele. In: MUNTEAL, Oswaldo; VENTAPANE, Jaqueline; FREIXO, Adriano. (Org.). Tempo negro, temperatura sufocante: Estado e Sociedade no Brasil do AI-5. 1aed.Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto, 2008, v., p. 289-314.

10. GENTILLI, Victor Israel. Crítica de Mídia. In: CALDAS, Graça; SANTOS, Marli dos. (Org.). Jornalismo: História, Ética, Crítica e Mercado. 1ed.São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000, v. 1, p. 85-91.

11. GENTILLI, Victor Israel. O Estado de S. Paulo. In: LOPES, Dirceu Fernandes; SOBRINHO, José Coelho; PROENÇA, José Luiz. (Org.). Edição em Jornalismo Impresso. São Paulo: EDICON Eca-USP, 1998, v., p. 19-30.

12. GENTILLI, Victor Israel. A infância e a adolescência na mídia: cidadania, jornalismo e violência. In: Diane Kuperman. (Org.). Comunicação e Ética: e eu com isso?. Rio de Janeiro: Editora gama Filho, 1998, v., p. 180-193.

13. GENTILLI, Victor Israel. O Parlamento de Papel na Espanha e no Brasil: análise comparativa do papel desempenhado pela imprensa no processo de transição democrática. In: MARQUES DE MELO, José. (Org.). Comunicação Comparada: Brasil/ Espanha. São Paulo: Editora Loyola, 1990, v., p. 65-79.

14. GENTILLI, Victor Israel. Impasses teóricos e metodológicos. In: MARQUES DE MELO, José. (Org.). Simpósios em Comunicações e Artes Desafios da Pesquisa

Latino-Americana de Comunicação. 5ed. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo, 1990, v. 5, p. 13-16.

15. GENTILLI, Victor Israel. Papel histórico do Ciespal. In: MARQUES DE MELO, José. (Org.). Simpósios em Comunicações e Artes Desafios da Pesquisa Latino Americana da Comunicação. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo, 1990, v. 5, p. 32-35.

16. GENTILLI, Victor Israel. Pesquisa-denúncia. In: MARQUES DE MELO, José. (Org.). Simpósios em Comunicações e Artes Desafios da Pesquisa Latino-Americana de Comunicação. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo, 1990, v. 5, p. 44-48.

8.1.4. Textos em jornais de notícias/revistas

1. GENTILLI, Victor. Revolução na era dos extremos. A Gazeta, Vitória, p. 8 - 9, 24 jan. 2015.

2. GENTILLI, Victor. Os últimos passos de um homem. A Gazeta, Vitória, p. 8 - 9, 23 ago. 2014.

3. GENTILLI, Victor. A esquerda em romance. A Gazeta, C2Pensar, p. 3 - 3, 22 mar. 2014.

4. GENTILLI, Victor Israel. VLADIMIR HERZOG (1937-1975). Outubro, 1975. Observatório da Imprensa (São Paulo), 19 mar. 2013.

5. GENTILLI, Vitor. A história de Vlado - Outubro, 1975. A Gazeta, Caderno C2Pensar, p. 16 - 16, 16 mar. 2013.

6. GENTILLI, Victor Israel. IRINEU MARINHO (1876-1925) O Rio de Janeiro e o jornalismo popular. Observatório da Imprensa (São Paulo), 26 fev. 2013.

7. [GENTILLI, Victor. Irineu Marinho: o Rio de Janeiro e o jornalismo popular. A Gazeta, Caderno C2Pensar, p. 16 - 16, 23 fev. 2013.
8. GENTILLI, Victor. MÍDIA - Fundap: por que não abrir esta caixa-preta. Revista Capixaba, Vitória - ES, p. 19 - 19, 19 abr. 2012.
9. GENTILLI, Victor Israel. 20 teses sobre a comunicação, o marketing e a política. Mídia&Política, Brasília, 14 jun. 2006.
10. GENTILLI, Victor Israel. Jornalismo é liberdade; jornalismo é indisciplina. Mídia&Política, Brasília, 16 abr. 2006.
11. GENTILLI, Victor Israel. Cursos de jornalismo: o efeito inesperado. Observatório da Imprensa, São Paulo, 02 dez. 2003.
12. GENTILLI, Victor Israel. A ditadura derrotada: impressões de primeira leitura. Observatório da Imprensa, Internet, 11 nov. 2003.
13. GENTILLI, Victor Israel. O "liberou geral" da educação. Observatório da Imprensa, São Paulo, 09 set. 2003.
14. GENTILLI, Victor Israel. Jornalismo & História: depoimentos marcantes e definidores. Observatório da Imprensa, São Paulo, 12 ago. 2003.
15. GENTILLI, Victor Israel. Diploma. A volta, em mais um lance. Observatório da Imprensa, São Paulo, 29 jul. 2003.
16. GENTILLI, Victor Israel. Estado mínimo no MEC - 3. Observatório da Imprensa, São Paulo, 09 abr. 2003.
17. GENTILLI, Victor Israel. Estado mínimo no MEC-2. Observatório da Imprensa, São Paulo, 02 abr. 2003.

18. GENTILLI, Victor Israel. Estado mínimo no MEC. Observatório da Imprensa, São Paulo, 26 mar. 2003.
19. GENTILLI, Victor Israel. Política de cotas e democracia. Observatório da Imprensa, São Paulo, 26 fev. 2003.
20. GENTILLI, Victor Israel. Espírito Santo: cidadão, o último a saber. Observatório da Imprensa, São Paulo, 05 fev. 2003.
21. GENTILLI, Victor Israel. Festa nas federais, seis anos depois. Observatório da Imprensa, São Paulo, 29 jan. 2003.
22. GENTILLI, Victor Israel. Vida mediada e democracia. Observatório da Imprensa, São Paulo, 20 set. 1998.
23. GENTILLI, Victor Israel. A violência no jornalismo: roteiro para discussão. Observatório da Imprensa, São Paulo, 05 maio 1998.
24. GENTILLI, Victor Israel. A polêmica do diploma. A Tribuna, Vitória ES, p. 2 - 2, 06 out. 1987.
25. GENTILLI, Victor Israel. Pela esquerda há um grande perigo. A Tribuna, Vitória ES, p. 2 - 2, 16 set. 1987.
26. GENTILLI, Victor Israel. Proposta corajosa. A Tribuna, Vitória ES, p. 2 - 2, 17 fev. 1987.
27. GENTILLI, Victor Israel. Informação econômica: quanto vale este serviço. Revista Briefing, São Paulo, p. 96 - 100, 01 mar. 1982.
28. GENTILLI, Victor Israel. Provão muda pouco. Mas continua. Observatório da Imprensa, São Paulo.

29. GENTILLI, Victor Israel. Getúlio pelo olhar de um repórter - resenha. Pesquisa FAPESP (Impresso), p. 87 - 87.

8.1.5. Trabalhos completos publicados em anais de congressos

1. GENTILLI, Victor; ROCHA, R. Febre amarela: a comunicação pública na mídia impressa no Espírito Santo. In: ALAIC 2018, 2018, San Jose. Programa de Ponencias Alaic 2018, 2018.

2. GUERRA, J.; GENTILLI, Victor. Jornais capixabas no século XXI: uma guinada ao popular. In: Encontro SBPJor 2017, 2017, São Paulo. <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2017/paper/view/865/524>, 2017.

3. ODDO, M. V.; GENTILLI, Victor. O Jornalismo na Modernidade Líquida: implicações éticas da relação entre Jornalismo e pós-modernidade. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2015, 2015, Rio de Janeiro. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2015, 2015.

4. BARROS, J. R. T.; GENTILLI, Victor. Diálogo e participação; informação e esclarecimento. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2015, Campo Grande. 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2015.

5. GENTILLI, Victor; SABINO, Ana Carolina de Angeli. A cobertura jornalística no segundo ano da Lei de Acesso à Informação. In: XII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2014, Santa Cruz do Sul. A cobertura jornalística no segundo ano da Lei de Acesso à Informação, 2014.

6. GENTILLI, Victor; DUTRA, Luma Poletti. Dos arcana imperii à accountability: a transparência como desafio aos jornalistas. In: 11o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2013, Brasília. 11o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2013.

7. GENTILLI, Victor Israel. Blog da Petrobras: novas relações entre jornalista e fonte. In: XI Congresso Latinoamericano de Investigadores de Comunicación, 2012, Montevideo. XI Congresso Latinoamericano de Investigadores de Comunicación, 2012.
8. GENTILLI, Victor Israel; DUTRA, Luma Poletti. Direito a informação: os jornalistas e o estado transparente. In: X Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2012, Curitiba. Direito a informação: os jornalistas e o estado transparente, 2012. p. 61-61.
9. AZEVEDO, Simone Lima; BERNABÉ, Livia Costa; DUTRA, Luma Poletti; ALVES, Carolina Maria Moreira; GENTILLI, Victor Israel. Biografias: entre o Jornalismo, a História e a Literatura. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Biografias: entre o Jornalismo, a História e a Literatura, 2010.
10. GENTILLI, Victor Israel. A hora da nova utopia. In: 6o SBPJor Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2008, São Bernardo do Campo. 6o SBPJor A Construção do campo do jornalismo no Brasil, 2008.
11. GENTILLI, Victor Israel; ALVIM, A. C.; DIAS, T.; PEREIRA, J. P. Panorama da Pesquisa em Jornalismo no ES. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. CD do XXX Intercom, 2007.
12. GENTILLI, Victor Israel. Estado e Jornalismo: desafios no Brasil democrático. In: Intercom Sudeste, 2006, Ribeirão Preto. Anais do XVI Congresso de Comunicação da Região Sudeste, 2006.
13. GENTILLI, Victor Israel. Crítica de Mídia como atividade pedagógica: a dificuldade da implantação; a realidade hoje. In: XXIX Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, 2006, Brasília. <http://www.intercom.org.br>. Brasília.
14. GENTILLI, Victor Israel. Vinte anos de jornalismo impresso no Espírito Santo. In: 4. Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2006, Porto Alegre. www.sbpjor.org.br.

15. GENTILLI, Victor Israel. Vinte anos de jornalismo impresso no Espírito Santo. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2006, Porto Alegre. IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Porto Alegre: UFRGS PPGCOM - SBPJor, 2006.
16. GENTILLI, Victor Israel. A necessidade da pesquisa em jornalismo no Brasil. In: 8 Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, 2005, Maceió. www.professoresjornalismo.jor.br, 2005.
17. GENTILLI, Victor Israel. Jornalismo e reconstrução da história: o Sacerdote e o Feiticeiro. In: III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2005, Novo Hamburgo. 3 Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2005.
18. GENTILLI, Victor Israel. Teses sobre o jornalismo, a pesquisa em jornalismo e o ensino de jornalismo. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/16802>, 2005.
19. GENTILLI, Victor Israel. Do currículo mínimo à liberdade: avanços e retrocessos nos controles oficiais. In: 7 Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, 2004, Florianópolis, 2004.
20. GENTILLI, Victor Israel. Jornalismo e Política de 1960 a 1964: tensões crescentes. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre, 2004.
21. GENTILLI, Victor Israel. MESA TEMÁTICA: Modelos de prática de periodismo digital em Iberoamérica. In: V Congresso Iberoamericano de periodismo en internet, 2004, Salvador, 2004.
22. GENTILLI, Victor Israel. Jornalismo e cidadania: um paradoxo na história recente do Brasil. In: 2 Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2004, Salvador, 2004.

23. GENTILLI, Victor Israel. O jornalismo brasileiro entre 1950 e 1980: uma análise a partir do conceito de profissionalidade política. In: Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo, 2003, Brasília DF Brasil. Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo, 2003.
24. GENTILLI, Victor Israel. O jornalismo como campo de saber autônomo. In: Seminário Internacional - Jornalista precisa de diploma, 2003, Rio de Janeiro, 2003.
25. GENTILLI, Victor Israel. Sistema midiático e crise do Jornalismo. In: Seminário Nexo, 2002, Vitória ES Brasil, 2002.
26. GENTILLI, Victor Israel. O espaço do saber na democracia em tempo real. In: II Seminário Internacional de Comunicação de Brasília, 2002, Brasília DF Brasil. O espaço do saber na democracia em tempo real. Brasília, 2002.
27. GENTILLI, Victor Israel. O jornalismo brasileiro nos anos 1970. In: 10 Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001, Brasília, 2001.
28. GENTILLI, Victor Israel. A realidade dos cursos pela ótica do questionário-resposta. In: Conhecer para Melhorar - Curso de Jornalismo, 2001, Campo Grande - MS. Conhecer para Melhorar - Curso de Jornalismo. Campo Grande - MS: INEP - EXAME NACIONAL DE CURSOS, 2001.
29. GENTILLI, Victor Israel. Ensino da Comunicação: quais as novas perspectivas pedagógicas. In: 1a Semana: Comunicação em Debate, 2001, Aracaju. Universidade Federal do Sergipe. Aracaju: Universidade Federal do Sergipe, 2001.
30. GENTILLI, Victor Israel. O Jornalismo brasileiro nos anos 50. In: VIII Sipec - a sociedade da informação e as novas mídias: participação ou exclusão, 2001, Vitória. VIII Sipec - Simpósio da pesquisa em comunicação da região sudeste. Vitória: Intercom, 2001.

31. GENTILLI, Victor Israel; FARO, José Salvador; MORETZSOHN, Sylvia. O Ensino de Comunicação - Presente e Perspectivas. In: 52 Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2000, Brasília DF Brasil, 2000.
32. GENTILLI, Victor Israel. Sistema midiático e crise do Jornalismo: crônica da história política brasileira. In: Congresso Nacional dos Pesquisadores de Comunicação - Intercom, 2000, Manaus. CD Intercom 2000. São Paulo: Intercom, 2000.
33. GENTILLI, Victor Israel. As novas diretrizes curriculares e o ensino de Comunicação. In: X Encontro Latino Americano de Faculdades de Comunicação Social, 2000, São Paulo. As novas diretrizes curriculares e o ensino de Comunicação. São Paulo: Felafacs, 2000.
34. GENTILLI, Victor Israel. Crítica de Mídia. In: Encontro de Jornalismo Metodista 99, 1999, São Bernardo do Campo. Cadernos de Jornalismo - Série Encontros. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999.
35. GENTILLI, Victor Israel. A relação Jornalismo e Comunicação no Ensino Brasileiro. In: 2 Encontro Latino Americano de Ensino de Jornalismo, 1999, São Paulo, 1999.
36. GENTILLI, Victor Israel. O noticiário de saúde nos jornais no Espírito Santo. In: III Congresso Internacional do Jornalismo da língua portuguesa, 1997, Lisboa, 1997.
37. GENTILLI, Victor Israel. Sociedade de Massas: uma releitura. In: IV Compos - Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 1995, Brasília. IV Compós. Brasília: Compos, 1995.
38. GENTILLI, Victor Israel; CASADO, J.; DIAS, D. A.; PASSOS, A. A reportagem no jornalismo impresso. In: Seminário de Jornalismo, 1995, Vitória. Seminário de Jornalismo Impresso. Vitória: SA A Gazeta, 1995.

8.1.6. Resumos publicados em anais de congressos

1. CAVACA, A. G.; OLIVEIRA, A. E.; ZANDONADE, E.; GENTILLI, Victor Israel. A saúde bucal na mídia impressa: análise das matérias jornalísticas capixabas nos anos de 2004-2009. In: V Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, 2011, São Paulo. A saúde bucal na mídia impressa: análise das matérias jornalísticas capixabas nos anos de 2004-2009, 2011.

2. CAVACA, A. G.; OLIVEIRA, A. E.; GENTILLI, Victor Israel. Sem dentes e sem opção, mas para quem pode pagar, o céu (da boca) é o limite. In: V Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, 2011, São Paulo. Sem dentes e sem opção, mas para quem pode pagar, o céu (da boca) é o limite, 2011.

3. GENTILLI, Victor Israel. Sociedade de Massas: história, evolução e tendências. In: XVIII Intercom - Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, 1995, Aracaju SE. XVIII Intercom. São Paulo: Intercom, 1995.

4. GENTILLI, Victor Israel. A violência no jornalismo impresso capixaba. In: XVIII Intercom - Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, 1995, Aracaju SE. XVIII Intercom. São Paulo: Intercom, 1995.

5. GENTILLI, Victor Israel. Mídia e Política: o novo horário político e as eleições de 1994. In: 46a Reunião Anual da SBPC, 1994, Vitória ES. 46a SBPC. São Paulo: SBPC, 1994.

8.1.7. Resumos expandidos publicados em anais de congressos

1. GENTILLI, Victor Israel; ALVES, Nadine. Posição: um jornal de jornalistas. In: X Encontro de História (ANPUH-ES) - DEMOCRACIA, GOLPES DE ESTADO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2014, Vitória. Posição: um jornal de jornalistas, 2014.

2. GENTILLI, Victor Israel. Política contemporânea: os impasses da comunicação para uma cidadania plena. In: Encontro anual de formação permanente do clero da Província Eclesiástica do Espírito Santo, 2006, Domingos Martins. Política

contemporânea: os impasses da comunicação para uma cidadania plena. Vitória: Mitra Diocesana de Vitória, 2006.

3. GENTILLI, Victor Israel. A Pesquisa sobre Comunicação para a Cidadania nos cursos de Pós-Graduação. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 2002, Salvador, 2002.

4. GENTILLI, Victor Israel. A importância da avaliação no ensino de Jornalismo. In: Debate: o provão em questão, 2001, Recife -PE. A importância da avaliação no ensino de Jornalismo. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

5. GENTILLI, Victor Israel. Cursos de Comunicação e Interação com a sociedade. In: VI Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, 2001, Embu. VI Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão. Embu: VI Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, 2001.

6. GENTILLI, Victor Israel; RAMOS, Murilo Cesar; PEREIRA, Fernando. Organismos de regulação. In: Os países de língua portuguesa e a Liberdade de Informação, 1999, Lisboa Portugal, 1999.

7. GENTILLI, Victor Israel. Democracia, adjetivos e massas: a importância da política e outras questões. In: V Compos, 1996, Salvador. V Compós. Rio de Janeiro: Compos, 1996.

8. GENTILLI, Victor Israel. Jornalismo, mercado e cidadão. In: XV Intercom - Congresso Brasileiro de Pesquisadores de Comunicação, 1993, Vitória. XV Intercom. São Paulo: Intercom, 1993.

8.1.8. Apresentações de Trabalho

1. GENTILLI, Victor; OLIVEIRA, A. E.; SANTOS-NETO, E. T.; CAVACA, A. G.; EMERICH, T. B. Opiniões e conflitos: a dinâmica da saúde na mídia impressa. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

2. GENTILLI, Victor Israel; ALVIM, A. C; DIAS, T; PEREIRA, J. P. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

8.1.9. Outras produções bibliográficas

1. GENTILLI, Victor Israel. Getúlio pelo olhar de um repórter. São Paulo: Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo, 2012 (Resenha).

2. GENTILLI, Victor Israel. Paixão que faz ver. Aracaju, 2008. (Prefácio, Pós-fácio/Prefácio).

3. GENTILLI, Victor Israel. Roteiro para debater o ensino do Jornalismo depois do provão. Vitória 2000 (Análise crítica).

4. GENTILLI, Victor Israel. Jornalismo capixaba: é hora de mudar. Vitória 1988 (Análise crítica).

8.2. Produção Técnica

8.2.1. Trabalhos Técnicos

1. GENTILLI, Victor Israel; BRUNELLO, B. R.; ALVES, C. M. M.; BERNABÉ, L. C.; DUTRA, L. P.; AZEVEDO, S. L. História de vida como atividade literária de jornalista - Um estudo de 16 biografias. 2013.

2. GENTILLI, Victor Israel; FERREIRA DE OLIVEIRA, Sylvia Ruth; DETTONI, Luísa. Avaliação da qualidade da informação oferecida ao cidadão capixaba: a) violência e da segurança pública e b) criança e adolescente. 2011.

3. GENTILLI, Victor. Mil dias - a reforma do jornal Folha de S. Paulo de 1975 a 1977. 2009.

4. GENTILLI, Victor Israel. Exame Nacional de Cursos. 2001.

5. GENTILLI, Victor Israel. Exame Nacional de Cursos. 2000.

6. GENTILLI, Victor Israel. Avaliação das condições de oferta dos cursos de graduação em Jornalismo. 1999.

7. GENTILLI, Victor Israel. Monitor da Mídia: a representação impressa da representação política. 1996.

8.2.2. Entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia

1. GENTILLI, Victor. Entrevista Victor Gentilli: Às vezes, a única coisa verdadeira num jornal é a data. 2012. (Programa de rádio ou TV/Entrevista).

8.2.3. Demais tipos de produção técnica

1. GENTILLI, Victor Israel; DETTONI, Luísa; FERREIRA DE OLIVEIRA, Sylvia Ruth. Qualidade da informação oferecida ao cidadão capixaba: violência, segurança pública, criança e adolescente. 2011. (Relatório de pesquisa).

2. GENTILLI, Victor. Os primeiros mil dias: a reforma da Folha de São Paulo de 1975 a 1977. 2009. (Relatório de pesquisa).

9. PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS E EVENTOS SIMILARES

9.1. Participação em eventos, congressos, exposições e feiras

1. Seminário Observações Especial. Tempo de Reportagem - debate com Audálio Dantas. 2013. (Seminário).

2. Seminário Observações. Como observar o silêncio da mídia?. 2011. (Seminário).

3. X Congresso Latinoamericano de Investigadores em Comunicacionb. 2010. (Congresso).

4. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Panorama da Pesquisa em Jornalismo no ES. 2007. (Congresso).

9.2. Organização de eventos, congressos, exposições e feiras

1. GENTILLI, Victor Israel; GUERRA, Josenildo Luiz. II Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo. 2012. (Congresso).

2. GENTILLI, Victor Israel; GUERRA, Josenildo Luiz; FRANCISCATO, Carlos Eduardo; BECKER, Beatriz; QUADROS, Claudia. 1o Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo. 2011. (Congresso).

3. FRANCISCATO, Carlos Eduardo; BECKER, Beatriz; QUADROS, Claudia; GENTILLI, Victor Israel. 9o Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo. 2011. (Congresso).

4. GENTILLI, Victor Israel; CHRISTOFOLETTI, Rogério; ALVIM, A. C; DIAS, T; PEREIRA, J. P. 1 Encontro de Pesquisadores da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa. 2007. (Congresso).

5. MILL, J.G; ALVES, K.M.B.; GENTILLI, Victor Israel. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. 1994. (Congresso).

10. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E REPRESENTAÇÃO ACADÊMICA

10.1. Exercício de Cargos e Funções

2019 - Atual Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Chefe do departamento de Comunicação Social, Carga horária: 20

2018 - Atual Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Membro e presidente da CPAD Centro de Artes

2017 - 2019 Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Coordenador curso Comunicação Social Jornali, Carga horária: 20

2017 - 2019 Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Comissão Regulamentação do Estágio Prograd

Outras informações: Comissão de Regulamentação do Estágio Supervisionado Curricular dos cursos de Graduação da UFES

2016 - 2019 Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Representante CAr
Câmara Central de Graduação

2015 - 2017 Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Coordenação
Curso Comunicação S. Jornalismo, Carga horária: 20

Outras informações Coordenador do colegiado do curso de Comunicação Social -
Jornalismo 1o mandato

2003 - 2004 Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Secretário de
Comunicação e Divulgação, Carga horária: 20

2001 - 2002 Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Coordenador do
curso de Comunicação Social, Carga horária: 20

1992 - 1995 Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Assessor de
Imprensa da Reitora - CD-4, Carga horária: 20

3/2001 - 9/2002 Direção e administração, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas,
Departamento de Comunicação Social.

Cargo ou função: Coordenador do colegiado de curso.

4/1992 - 10/1995 Direção e administração, Reitoria, .

Cargo ou função: Assessor de Comunicação Social.

11. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS

11.1. Participação em bancas de trabalhos de conclusão

11.1.1. Mestrado

1. REBOUCAS, E.; GENTILLI, Victor; FERREIRA, G. M. Participação em banca de
Weber Kirmse Caldas. Mutações no papel dos jornais: estudo de caso da imprensa
capixaba. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) -
Universidade Federal do Espírito Santo.

2. GENTILLI, Victor; REBOUCAS, E.; CAVACA, A. G. Participação em banca de RENATA FERNANDES ROCHA MARCELINO. Febre amarela: a comunicação pública na mídia impressa no Espírito Santo. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo.

3. GENTILLI, Victor; ANGELO, V. A.; MALINI, F. Participação em banca de João Claudio de Santana Guerra. Mudanças estruturais no jornalismo: o caso do jornal A Gazeta ES. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo.

4. PAULINO, Fernando; GERALDES, Elen Cristina; GENTILLI, Victor. Participação em banca de DUTRA, Luma Poletti. Direito à informação em pauta: os usos da lei de acesso por jornalistas. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília.

5. OLIVEIRA, A. E.; MARCOLINO, E.; FIGUEIREDO, T. A. M.; GENTILLI, Victor. Participação em banca de Aline Guio Cavaca. Análise das notícias de saúde bucal veiculadas na mídia impressa no Espírito Santo, nos anos de 2004 a 2009. 2011. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Espírito Santo.

11.1.2. Teses de Doutorado

1. FARO, José Salvador; ARBEX, José; QUEIROZ, Adolpho C. F.; VARGAS, Heron; GENTILLI, Victor Israel. Participação em banca de Patrícia Polacow. Folhetim, o jornalismo cultural na Folha de S. Paulo. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo.

11.1.3. Qualificações de Mestrado

1. GENTILLI, Victor; REIS, R. C.; MARRA, P. Participação em banca de Leandro Nossa Guanandy. Futebol no ES: como a construção da identidade e a influência da mídia moldam o jeito do capixaba acompanhar futebol. 2018. Exame de qualificação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo.

2. REBOUCAS, E.; GENTILLI, Victor Israel; FERREIRA, G. M. Participação em banca de Weber Kirmse Caldas. Mutações no papel dos jornais: estudo de caso da imprensa capixaba. 2017. Exame de qualificação (Mestrando em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo.

3. MALINI, F.; GENTILLI, Victor; ABREU, A. A. Participação em banca de João Claudio de Santana Guerra. Mudanças estruturais no jornalismo: o caso do jornal A Gazeta ES. 2017.

4. GENTILLI, Victor; REBOUCAS, E.; CAVACA, A. G. Participação em banca de RENATA FERNANDES ROCHA MARCELINO. Febre amarela: a comunicação pública na mídia impressa no Espírito Santo. 2017. Exame de qualificação (Mestrando em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo.

11.1.4. Trabalhos de conclusão de curso de graduação

1. GENTILLI, Victor; LEITE, J. F. L.; DABREU, P. C. Participação em banca de Marina Barbosa Amorim Netto. Modificações corporais, o corpo feminino, motivações e impactos. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

2. REIS, R. C.; GENTILLI, Victor; SOUZA, R. B. R. Participação em banca de Silvia Fonseca Souza. Polarização e Participação Política nas Redes. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

3. GENTILLI, Victor; SOUZA, R. B. R.; DABREU, P. C. Participação em banca de Daniely Pereira Borges. Planejamento de Comunicação para o Projeto Faces. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

4. GENTILLI, Victor; REIS, R. C.; GONRING, J. I. Participação em banca de Helena de Araújo Souza Jacobem. O jornalismo e a indústria cultural musical. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

5. REIS, R. C.; GENTILLI, Victor; ZANETTI, D. Participação em banca de Vilcyene Correia Rangel. Plano de Comunicação: Lojas Duniteen. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

6. HENRIQUES, R. P.; GENTILLI, Victor; SOUZA, R. B. R. Participação em banca de Bébora Sonegheti Bonicegna. A Construção da verdade na notícia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

7. REBOUCAS, E.; GENTILLI, Victor; SOUZA, R. B. R. Participação em banca de Mariah Friedrich Dadalto. Suicídio como pauta jornalística. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

8. GENTILLI, Victor; REBOUÇAS, Edgard; CAVACA, A. G. Participação em banca de SILVA, Thalita Mascarelo. Sistema Único de Saúde - análise da cobertura midiática nos jornais impressos capixabas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

9. GENTILLI, Victor; ORLANDINI, Maiara; CAMPOS, Emerson. Participação em banca de COSTA, Carina Campo Dall'Orto. Lava Jato: uma análise comparativa da operação sob o olhar de duas obras jornalísticas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

10. GENTILLI, Victor; REIS, R. C.; SIMOES, R. Participação em banca de Ana Carolina de Angeli Sabino. Lei de acesso à informação e o jornalismo: uma análise quantitativa dos dois primeiros anos da LAI. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

11. GENTILLI, Victor; ZANOTTI, R.; ROSENFELD, D. F. Participação em banca de Laís Ferreira Lorenzoni. Paredes invisíveis, memórias de família. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

12. GENTILLI, Victor; ZANOTTI, R.; NASCIMENTO, J. Participação em banca de Poliana Carvalho dos Santos. Blog espaço fit - experiência de mídia customizada. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

13. HENRIQUES, R. P.; GENTILLI, Victor; SOUZA, R. B. R. Participação em banca de Isabela Nicchio Bellumat. A objetividade jornalística sob a perspectiva dos consumidores de informação. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

14. GENTILLI, Victor; HENRIQUES, R. P.; CALDAS, W. K. Participação em banca de RAMOS, Claudio Vervloet. Crise no jornalismo: causas e consequências no negócio digital. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

15. GENTILLI, Victor; CARMINATI, C. J.; PAGOTTO, M. Participação em banca de COSTA, Paloma de Oliveira. New Therapy: Um Blog. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

16. CAMARNEIRO, F. D.; GENTILLI, Victor; HENRIQUES, R. P. Participação em banca de SILVA, Karen Pinheiro Manzoli. O jornalismo visto pelo cinema. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

17. REIS, R. C.; GENTILLI, Victor; MALINI, F. Participação em banca de FREITAS, Rafael Silva. Confiar desconfiando: o habito de consumo de informação da Geração Y. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

18. GENTILLI, Victor; HENRIQUES, R. P.; CALDAS, W. K. Participação em banca de RAMOS, Claudio Vervloet. Crise no Jornalismo: causas e consequências no negócio digital. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

19. SIMOES, R.; GENTILLI, Victor; HENRIQUES, R. P. Participação em banca de Jéssica Roberta Teixeira Barros. Lei de Acesso à Informação Pública do Espírito Santo. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

20. GENTILLI, Victor; MUNIZ, L.; BRITO, H. Participação em banca de Ingridy Rodrigues de Paulo da Silva. O site Game of Thrones: tudo sobre o universo de George RR Martin como produto de cultura. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

21. CARMINATI, C. J.; GENTILLI, Victor; REIS, R. C. Participação em banca de Caio Eduardo Miranda Setubal Livro Reportagem - Jornalismo no sangue: a carreira de repórter de José Carlos Bacchetti. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

22. GENTILLI, Victor; CARMINATI, C. J.; CAMARNEIRO, F. D. Participação em banca de Andreza Ramos Xavier. Um estranho no ninho: trajetória e legado da MTV na TV brasileira. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

23. MARTINUZZO, J. A.; GENTILLI, Victor; ANTOLINI, M. Participação em banca de Laís de Melo Rocio. A Essência dos Dias - histórias de vida do território do bem. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

24. HENRIQUES, R. P.; GENTILLI, Victor; SHERRER, Rodrigo. Participação em banca de SIQUEIRA, Marcos Vinícius de Paula. Estágio em jornalismo e a formação

dos futuros jornalistas estudantes da UFES. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do ES.

25. GENTILLI, Victor; RIBEIRO, R. R.; ROLKE, G. Participação em banca de Livia Costa Benabé. O crime organizado no Espírito Santo: a cobertura jornalística do caso Alexandre Martins. 2012 - Universidade Federal do Espírito Santo.

26. Edgard Rebouças; GENTILLI, Victor; MAZZINI, F. Participação em banca de Marcus Vinicius de Souza Vieira. Liberdade de imprensa e liberdade de expressão e a relação da imprensa com o Judiciário. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

27. REBOUÇAS, Edgard; GENTILLI, Victor; MAZZINI, Fabiano. Participação em banca de Luma Poletti Dutra. Análise da TV Educativa do Espírito Santo sob a ótica da TV pública. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Espírito Santo.

28. GENTILLI, Victor Israel; BUENO, Ângela; MALINI, F. Participação em banca de DIAS, Thalita. Em busca de um referencial de qualidade: a infância e a adolescência nos jornais capixabas. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

29. GOVEIA, Fabio; GENTILLI, Victor Israel; ROSSONI, Rodrigo. Participação em banca de Thiago Dal'Col. Fotojornalismo: da fotografia convencional à digital. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

30. GENTILLI, Victor Israel; REIS, R. C.; FELDMAN, S. A. Participação em banca de Letícia Rezende de Abreu. Os desafios do Jornalismo Internacional. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

31. GENTILLI, Victor Israel; RAMALDES, M. D.; ANJOS, E. E. Participação em banca de Cristiane Bloise Hygino Teixeira. O discurso da violência no telejornalismo capixaba. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

32. GENTILLI, Victor Israel; MARTINUZZO, José Antônio; RAMALDES, M. D. Participação em banca de Tiago Zanolli. Estado Violência: corrupção e morte? O caso Alexandre Martins. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

33. MALINI, F.; GENTILLI, Victor Israel; MARTINUZZO, José Antônio. Participação em banca de Brunelli Casali. Observadores da Mídia. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

34. REIS, R. C.; GENTILLI, Victor Israel; MALINI, F. Participação em banca de Patrícia Gonzalez. A reforma da imprensa brasileira: antes e depois do Copydesk. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

35. GENTILLI, Victor Israel; MESQUITA, L. N. M.; MARTINUZZO, José Antônio. Participação em banca de Roberta Nunes Andrião. Depoimentos: análise da narrativa na revista Nova. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

36. GENTILLI, Victor Israel; MARTINUZZO, José Antônio; GURGEL, A. P. Participação em banca de Rosana Penha Figueiredo Soares. A influência no new journalism nas biografias produzidas por jornalistas. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

37. GENTILLI, Victor Israel; MARTINUZZO, José Antônio; BRIDI, R. Participação em banca de Cimara Ribeiro Pinheiro. Petróleo no Espírito Santo: O cenário avistado pelas editorias de economia de A Gazeta e A Tribuna. 2005. Trabalho de Conclusão

de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

38. GENTILLI, Victor Israel; MARTINUZZO, José Antônio; REIS, R. C. Participação em banca de Fabrício Pereira Pimenta. Democratização da Comunicação: Processos e Demandas Comunicacionais da Sociedade Civil Organizada. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

39. GENTILLI, Victor Israel; PAULA, I. T.; FILGUEIRAS, G.. Participação em banca de Marcélia Alves Pieper. Jornalismo Esportivo: uma análise dos cadernos de esportes dos jornais Folha de São Paulo e O Globo. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

40. GENTILLI, Victor Israel; BRITTES, Juçara Gorski; MARTINUZZO, José Antônio. Participação em banca de Rosa Adriana Oliveira Blackman. Futebol Nacional x Futebol local: um jogo desleal. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Espírito Santo.

11.1.5. Monografias de cursos de aperfeiçoamento/especialização

1. GENTILLI, Victor Israel; LIMA, Paulo Roberto Gomes de. Participação em banca de Rita de Cassia Matos Lopes Paradizzo. Aspectos relevantes da manutenção do tônus muscular e corporeidade no cotidiano do idoso. 2000. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização Em Gerontologia) - Universidade Federal do Espírito Santo.

11.2. Participação em bancas de comissões julgadoras

11.2.1. Concurso público

1. GENTILLI, Victor; REBOUÇAS, Edgard; GUERRA, Josenildo Luiz. Professor do Magistério Superior do Quadro Permanente - Comunicação/Jornalismo e Editoração - Edital 100/2016. 2016. Universidade Federal do Espírito Santo. 2016. Universidade Federal do ES.

2. GENTILLI, Victor Israel; ALVES, G. S.; HENRIQUES, R. P. Concurso substituto Teorias da Comunicação e Estética. 2013. Universidade Federal do Espírito Santo.

3. REBOUÇAS, Edgard; RAMALDES, M. D.; GENTILLI, Victor Israel. Concurso para Professor Substituto. Jornalismo Impresso e Opinião Pública. 2009. Universidade Federal do Espírito Santo.

4. MARTINUZZO, José Antônio; MALINI, F.; GENTILLI, Victor Israel. Concurso para seleção de professor substituto em JORNALISMO ON-LINE; TEORIAS E PRÁTICAS PARA MEIOS ELETRÔNICOS; RÁDIO E RADIOJORNALISMO. 2008. Universidade Federal do Espírito Santo.

5. MARTINUZZO, José Antônio; REIS, R. C.; GENTILLI, Victor Israel. Concurso Público professor substituto, Jornalismo para meios impressos e Assessoria de Imprensa. 2006. Universidade Federal do Espírito Santo.

6. GENTILLI, Victor Israel; HATJE, Marli; MORO, Selina Maria Dal. Banca de seleção de concurso público para uma vaga de Auxiliar de Ensino na Universidade de Passo Fundo. 1998. Universidade de Passo Fundo.

11.2.2. Outras participações

1. SOUZA, F. M. S.; SOUZA, R. B. R.; GENTILLI, Victor Israel; VIEIRA JUNIOR, E. M. Processo seletivo para ingresso de alunos regulares Póscom 2019. 2018. Universidade Federal do Espírito Santo.

2. ROLLI, C.; BARREIROS, L.; PINTO, L. F.; BARONI, A.; MONTEIRO, F.; REGO, E.; VARELA, F.; GONCALVES, A.; ROSSETTO, M.; GENTILLI, Victor; HASWANI, M.; EBOLI, E.; SOARES, T.; TORRES, R.; SOARES, T.; DUARTE, N.; FERREIRA, L. C. Prêmio MPT de Jornalismo 2017. 2017.

3. GENTILLI, Victor. 1º PRÊMIO ADEPES DE JORNALISMO. 2015. Associação dos defensores públicos do Espírito Santo.

4. GREGO, A.; SANTOS, G. F. C.; DALLA COSTA, R. M. C.; GENTILLI, Victor. Membro do corpo de jurados do Prêmio Freitas Nobre (doutorado) da Intercom. 2014. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
5. GENTILLI, Victor Israel. Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo - SBPJor - categoria INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 2010. Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.
6. KARAM, Francisco; WEBER, Maria Helena; BARBOSA, M.; MALCHER, A.; GENTILLI, Victor; DALLA COSTA, R. M. C. Membro do corpo de jurados do Prêmio Freitas Nobre (doutorado) da Intercom. 2009. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
7. GENTILLI, Victor Israel; ADGHIRNI, Zélia L.; CHRISTOFOLETTI, Rogério; SILVA Jr, José Afonso; CALDAS, Graça. Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo categoria MESTRADO. 2008. Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.
8. GENTILLI, Victor Israel; GREGO, ALINE; SILVA, Gislene; MOURA, Dione; FARO, José Salvador; AMARAL, M. F. Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo - SBPJor - categoria DOUTORADO. 2007.
9. Luz, Cristina Rego Monteiro da; BERGER, Christa; HENRIQUES, Isabella; ROMÃO, José Eduardo Elias; SILVA, L. M.; WEBER, Maria Helena; ZUCULOTO, Valci; GENTILLI, Victor Israel. Concurso de Monografias, Dissertações e Teses do InFormação Andi - Categoria Dissertação de Mestrado. 2007. Agência de Notícias dos Direitos da Infância.
10. GENTILLI, Victor Israel; FARO, José Salvador; MOURA, Dione; GREGO, ALINE; SILVA, Gislene; KARAM, Francisco. Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo - SBPJor - categoria DOUTORADO. 2006.

11. GENTILLI, Victor Israel; SILVA, L. M.; BARROS, S. V. T.; CASTILHO, E. W. V.; FARIAS, E. I Concurso Nacional de Monografias "Direito à Informação e Publicação Opressiva". 2002. Fundação Procurador Jorge Melo da Silva.

12. GENTILLI, Victor Israel; ELLER, Orlando; BUAIZ, Ernane; MAZZINI, Fabiano; COLA, Sandra. Prêmio Aberje Aracruz de Jornalismo. 1994. Associação Brasileira de Comunicação Empresarial.